

# alterosa

10 DE MAIO A 10 DE JUNHO - Cr\$ 60,00

EXCLUSIVO

OS INIMIGOS DO FUTEBOL BRASILEIRO | MEIA ESTAÇÃO POR DIOR, HEIM, CARDIN, LANVIN

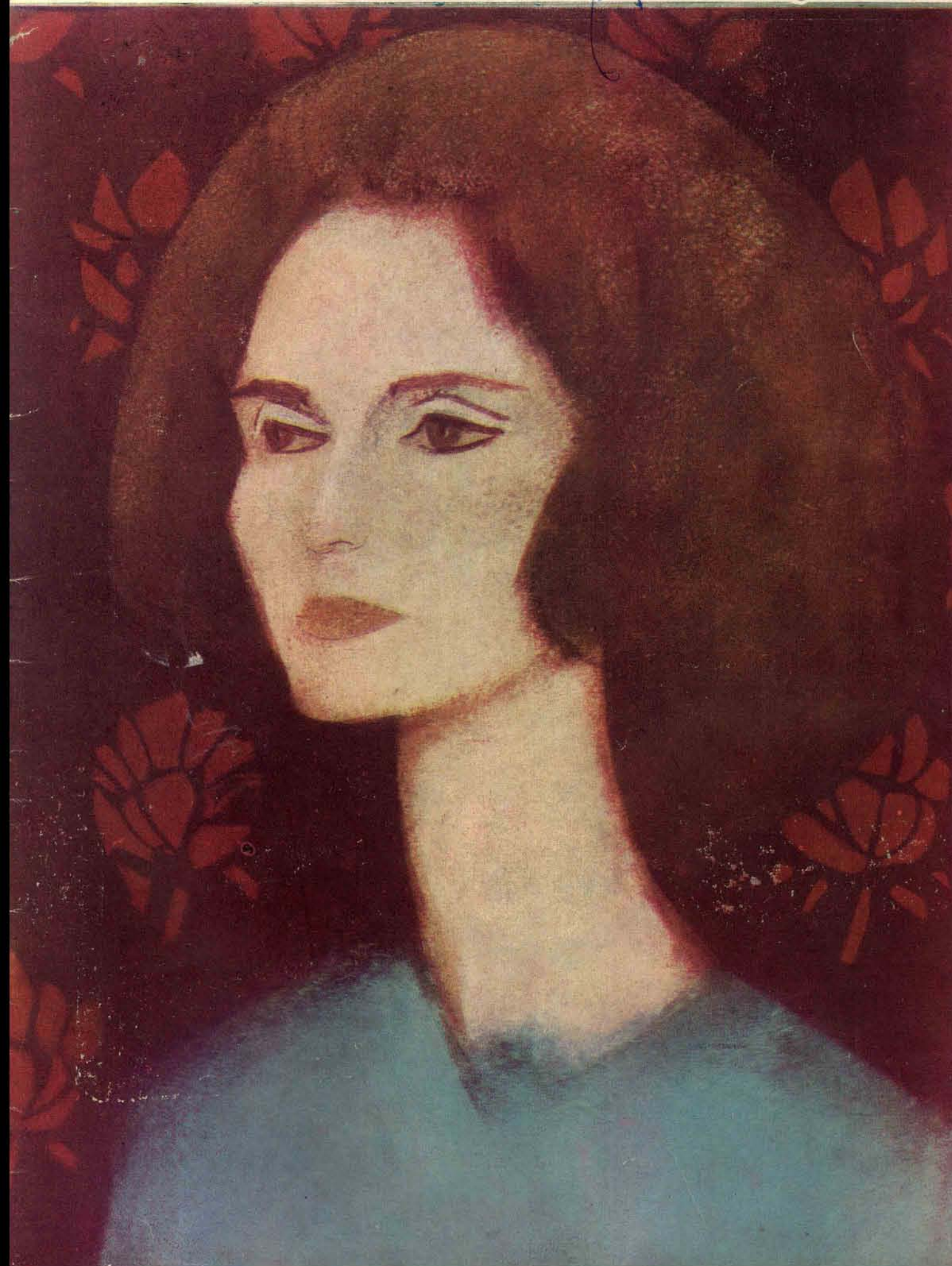
DUAS  
PAGs DE  
OTTO  
LARA

QUEM  
É DONA  
BEJA?

NATALIE  
WOOD  
COMPLETA

EIS UM  
SCLIAR

Modelo: Sra. Zilda Couto, elegante mineira.  
Autor: Carlos Scliar.  
Importante: além de inédito, este é o último quadro de Scliar.





# ÔBA, PIPOCAS!

Ora pipocas?  
Não! Agora é "Ôba pipocas!" — por que a nova receita indica Margarina Saúde!  
Margarina Saúde é puríssima, vitaminada — e você pode dar-se ao luxo de usar quanto quiser nas pipocas! Faça ainda hoje à noite pipocas com Margarina Saúde — mas faça o dobro da quantidade habitual... porque o pessoal vai pedir mais e mais!



GARANTIA





APCBH// C.16/X-66  
1963.05/05

**TODO  
MUNDO  
LÊ  
AGORA  
A NOVA**

Alterosa agora está muito melhor, mais moderna, dinâmica e oferecendo muito mais leitura. Repare como a matéria está variada: observe como está mais fácil de ler, e como há assunto para todos os gostos, escritos com simplicidade. Não deixe para amanhã! Assine hoje mesmo a nova revista Alterosa. Você vai gostar!

À Soc. Editôra Alterosa Ltda. — Cxa. Postal 279 — BH — MG  
Segue junto a importância de Cr\$ 700,00 correspondente a assinatura de ALTEROSA por 1 ano.

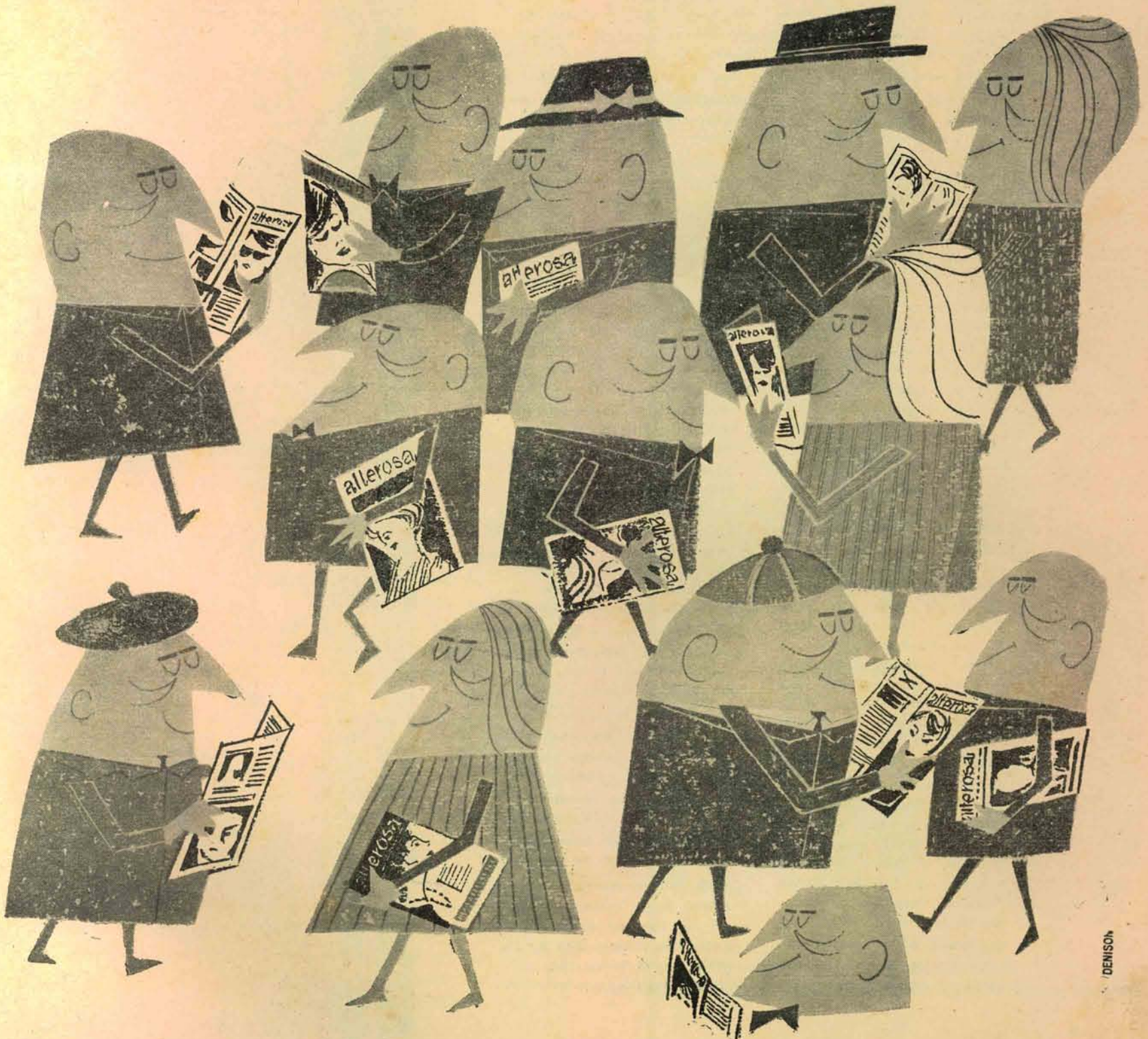
NOME: \_\_\_\_\_

CIDADE: \_\_\_\_\_

ESTADO: \_\_\_\_\_

ENDEREÇO: \_\_\_\_\_

**alterosa — E VOCÊ?**





# Cada Mês Melhor

Boletins da venda avulsa em todo País, mas particularmente em Minas, informes do Departamento de Assinaturas e as cartas de nossos leitores, contam a história vitoriosa do jornalismo nôvo, iniciado no Brasil, em matéria de revista, pela equipe que faz a nova Alterosa: enquanto aumenta, de mês para mês, o número dos que passam a comprar ou a assinar a sua revista, os que lêem ficam empolgados, afirmando, como o Sr. Paulo Ferreira Xisto — Avenida Augusto de Lima, 463, Belo Horizonte — que se «trata apenas de uma questão de compra». Diz êle: — «Já não sinto mais necessidade de ler as grandes revistas nacionais: Alterosa me satisfaz plenamente, tem leitura para um mês, e vale, por isso, por quatro publicações semanais». O que observa, outro leitor — Sr. Justino Rodrigues, Rua São Paulo, 1031 — é também importante: — «A nova Alterosa é cada mês melhor». E o número atual, de maio, traz grandes atrações, algumas antigas, outras novas, como é o caso de Otto Lara Resende.

## Crônicas E Humor

Os cronistas e humoristas de Alterosa lideram a correspondência, no último mês, com cinco cartas elogiando a crônica «Necessidade de Rosa», de Ivan Ângelo e quatro, algumas com datas de sessenta dias atrás, chamando Henfil de «excelente chargista». Uma sobre Ivan Ângelo: — «Que felicidade a de Ivan Ângelo nesse seu último trabalho: a professora que queria uma rosa é um drama cotidiano» (Marly Nogueira, Rua Rio Grande do Norte 1411, Belo Horizonte). Outra sobre Henfil: — «Para mim, breve, o Henfil suplantará o Borjalo» (Oswaldo Carvalho Lima, Rua Bernardo Mascarenhas 323). Enquanto isso a reportagem «Carlos Drummond Para Principiantes» — Alterosa, Março — continua a repercutir e o deputado Wilson Chaves, do P.L., pediu a sua transcrição nos anais da Assembléia Legislativa de Minas elogiando o trabalho do jornalista Carlos Wagner, Secretário da Redação de Alterosa. De Ouro Verde, Minas, e Sr. José de Oliveira Pontes, que no entanto manda o endereço como Cai-

xa Postal 72, Teófilo Ottoni, diz: — «Sendo assinante da melhor revista de todo o Brasil, quer na apresentação, quer nos assuntos ou na maneira carinhosa com que acolhe seus milhares de leitores mando meu aplauso à nova Alterosa, em particular à seção «Diálogo Com o Leitor». E o Sr. Inácio de Almeida, Rua Ataulfo de Paiva, 1314-B, Leblon, Guanabara, envia uma excelente crônica com o título «Despertar Do Gigante» inspirada na reportagem «Tragédia Bíblica» em Minas, sobre o drama de Guapé e que, lamentamos não poder publicar. O Sr. Inácio de Almeida chama Alterosa de excelente revista e se define assim: — «Fluminense de Jaquarema e carioca por direito adquirido, criado ao cabo da enxada e ao contato com os livros, vivo aqui neste Leblon tão cheio de belas paisagens». Explicação da Redação — A falta de espaço leva-nos, contra nossa vontade, a deixar de publicar cartas, chegadas nos últimos dias de 15 leitores, que terão suas opiniões registradas mês que vem.





## A Face Oculta De Andréa

A reportagem «Eis A Mais Nova Secretária Sem Pasta», sobre Andréa, a netinha de 2 anos do Governador Magalhães Pinto empolgou nossos leitores, mas deixou em quase todos, segundo os telefonemas, uma curiosidade: como é o rostinho da menina que é a figura mais forte junto ao Governo de Minas? Isso porque, fotografando a grande distância, com tele-objetiva, o repórter Pepito Carrera, mesmo querendo, não conseguiu surpreender Andréa, ao lado do Vovô Magalhães, de frente. Mas aí está Andréa se divertindo com a água, sem dar a menor importância para o frio, com a sua alegria e a sua naturalidade para se deixar fotografar, agora sem ocultar o que o Vovô Magalhães considera seu maior encanto: a face.

*A melhor mãezinha...  
o mais belo presente:*



um bonito estôjo  
da Água de Colônia  
perfumada

Nº 4711

Chiffon

Uma criação  
da Casa 4711  
de Colônia, Alemanha,  
mundialmente famosa  
há mais de 170 anos,  
para realçar a beleza  
e a elegância da  
mulher brasileira.



à venda nas boas casas do ramo



# ALTEROSA

**DIRETOR:** Roberto Drummond

**SECRETARIOS:** Carlos Wagner e  
Charles Corfield

**REPORTAGEM:** Pepito Carrera, Dirceu Soares,  
Euler Cássia, Maurílio Tórres, Oswaldo Amorim.

**PAGINAÇÃO:** Jarbas Juarez

**COLABORADORES:** Bueno de Rivera, Lúcia  
Machado, Ivan Angelo, Geraldo Andrada, Júnia  
Rios Netto, Raymond Druon, Henfil, Vicente  
Abreu, Deodato Alves.

## PUBLICIDADE

**BELO HORIZONTE:** José Alberto da Fonseca.

**RIO:** Mário Vignal — Rua Buenos Ayres, 41.  
Sala 703 — Tel.: 43-2026.  
Ulisses de Castro Filho — Rua da Matriz, 108 —  
conj. 503 — Fone 26-1881 (assuntos adminis-  
trativos).

**SÃO PAULO:** Delta Publicidade — Rua Marquês  
de Itu, 306 — conjunto 86 — Tel.: 32-2493.

## OFICINAS GRAFICAS E FOTOGRAVURA:

Wilson Manso Pereira, gerente-geral; assistentes-  
técnicos: Juarez Drosghic e Oldemar Almeida.

## ASSINATURAS

6 números	porte simples	Cr\$	400,00
12 números	porte simples		700,00
24 números	porte simples		1.300,00
6 números	registrado		570,00
12 números	registrado		1.050,00
24 números	porte simples		1.300,00
6 números	aéreo		700,00
12 números	aéreo		1.250,00
24 números	aéreo		2.400,00

Esses preços valem para todo o continente ameri-  
cano, Portugal e Espanha. Para outros países:  
US\$ 3,00, para 2 anos; US\$ 2,00, para 1 ano;  
US\$ 1,00, para um semestre.

## VENDA AVULSA

Em todo o Brasil	Cr\$	60,00
Número atrasado	Cr\$	80,00
Portugal e colônias	Esc.	6,00

Propriedade Da Sociedade Editôra Alterosa Ltda.

**FUNDADORES:** Miranda e Castro e N. M. Castro

**SUPERINTENDENTE:** Lúcio Nunes

Enderço Telegráfico: «Alterosa»  
Caixa Postal: 279 — Rua Rio De Janeiro 926,  
3º andar — Telefone: 2-4251.  
Belo Horizonte, Minas, Brasil



# Apenas um pouco, para brilhar muito



Feita exclusivamente com ceras naturais  
de abelha e carnaúba - Lustra mais -  
Rende mais - Não prende o escovão ou  
a enceradeira - Espalha-se com facilidade - Economiza tempo e dinheiro

## Parquetina

LUSTRA BRINCANDO - BRINCANDO LUSTRA

Já  
conhece?



## NACIONAIS

Com um investimento de 420 milhões  
de dólares em 1962 —  
em cruzeiros, 252 bilhões,  
mais da metade do dinhei-  
ro que circula no país —  
a J. Walter Thompson, se-  
gundo um levantamento reali-  
zado pela revista «Adversti-  
sing Age», colocou-se como a  
agência de maior volume de  
contas, na classificação entre  
as dez maiores de todo o  
mundo.

«Avertising Age» informa  
ainda que, somados os movi-  
mentos de todas as agências,  
o total dos gastos atingiu a  
3,3 trilhões de dólares ou se-  
jam 1.523 vezes o orçamento  
do Brasil para 1963.

Depois de se preocuparem com o de-  
senho e as cores de seus  
últimos lançamentos, orien-  
tados diretamente ao públi-  
co feminino, as grandes fábr-  
cas de automóveis começaram  
há pouco uma nova experi-  
ência em sua linha de produ-  
ção: a Willys vem mantendo  
desde 1959 um serviço pró-  
prio de tapeçaria, onde em-  
prega mais de 60 costureiras  
e tapeceiras, ocupadas única-  
mente com o revestimento in-  
terior dos carros. O grande  
argumento dos fabricantes é  
explicado pela participação do  
toque feminino, insubstituível  
até pela perfeição da máqui-  
na.

Mesmo depois de voltarem para suas  
terras após o término dos  
IV Jogos Pan-Americanos,  
todos os atletas que par-  
ticiparam das competições  
em São Paulo terão a oportu-  
nidade de escutar um samba  
brasileiro autêntico em suas  
casas: a Coca-Cola distribuiu  
mais de 10.000 discos com o  
famoso «Aquarela do Brasil»,  
de Ari Barroso, proporcionan-  
do a cada visitante uma agra-  
dável lembrança com o que  
existe de mais puro e legíti-  
mo na música brasileira, que  
é o samba de Ari.





## TERRAZZA MARTINI EM SÃO PAULO

Como já existe em Milão, Roma, Paris, Bruxelas, Londres, Barcelona e Casablanca, São Paulo tem agora um luxuosíssimo local de reuniões e encontros para intelectuais e homens de negócios: foi inaugurada no mês de abril, em pleno centro comercial da cidade — Avenida Paulista esquina de Augusta, a Terrazza Martini (foto), da Martini & Rossi, destinada a desenvolver o sentido das relações públicas, através de conferências, recepções, banquetes e homenagens especialmente promovidas. A Terrazza Martini é uma instituição mundialmente famosa que serve também de sede ao Martini International Club.

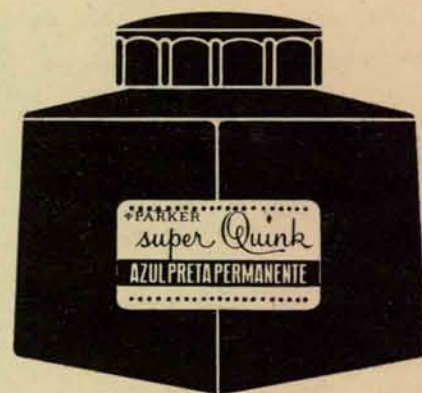
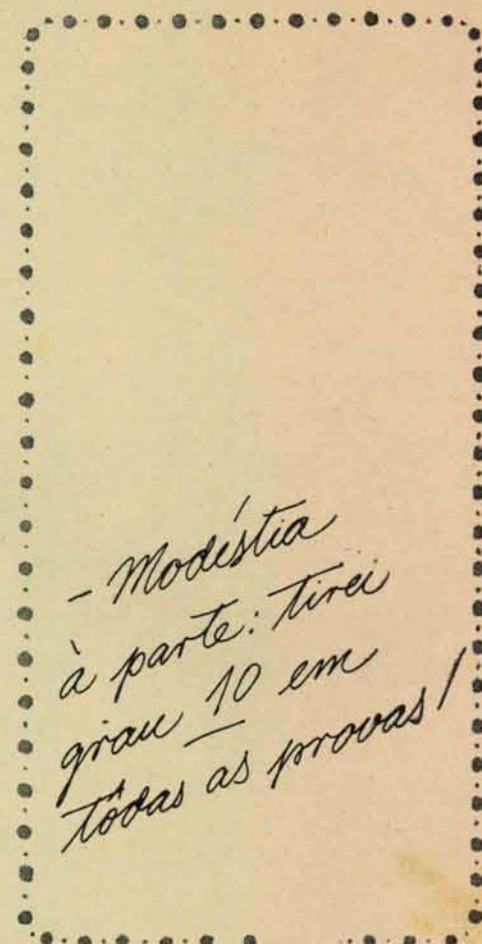
Estágio de um mês em uma das maiores agências de relações públicas do mundo (européia ou americana), com todas as despesas pagas é o que está oferecendo a Standard Propaganda através da «Bolsa de Estudos Ivan Meira», para o aluno que mais se distinguir no curso de Opinião Pública da Universidade Católica. Ivan Meira, recentemente falecido em um desastre de aviação, era o executivo de Relações Públicas da Standard.

## MINEIRAS

A J.M.M., filial de Minas Gerais, tem novo diretor técnico: Xisto Bahia que funcionava anteriormente como assistente da diretoria, foi agora promovido e já entrou em atividade.

A Denison, com Nilton Silva na gerência, lançou em continuação à campanha do Ano G da Guanabara, um plano de sorteios que distribui quatro «Gordini», de uma só vez. E a Ducal prepara-se para o lançamento de mais uma casa — a segunda — em Belo Horizonte. Endereço: Rua Curitiba, esquina de Carijós.

A Ingleza Levy, através da Starlight, preparou para o «Dia das Mães» um grande concurso para escolher a «Mãe Mineira de 63», com a distribuição de grandes prêmios. A Ingleza-Levy, depois da integração das antigas lojas Drago, Kellar e as duas lojas da Roupel tem agora 11 lojas no centro de Belo Horizonte.



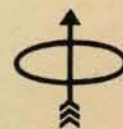
Com a garantia do nome Parker, Super Quink proporciona escrita mais fácil, rápida, segura, duradoura - e muito mais brilhante! Oito lindas cores. E lembre-se: Super Quink contém Solv-X, que limpa e protege a caneta enquanto escreve.

30 cm <sup>3</sup>	Cr\$ 110,00
59 cm <sup>3</sup>	Cr\$ 120,00
473 cm <sup>3</sup>	Cr\$ 600,00
946 cm <sup>3</sup>	Cr\$ 1.000,00

Distribuidores exclusivos para todo o Brasil:

**COSTA PORTELA**  
**INDÚSTRIA E COMÉRCIO S. A.**

Av. Pres. Vargas, 435 - 8.º andar - Rio



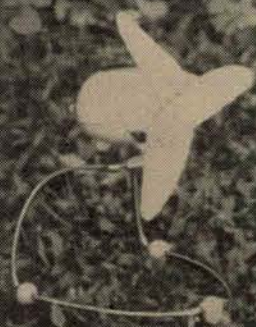
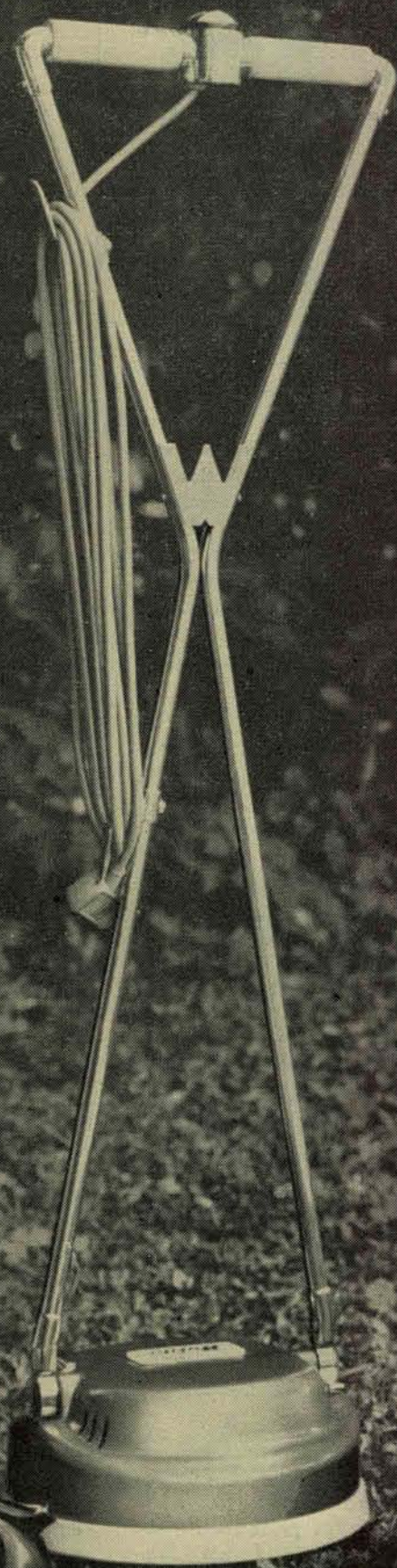
TINTAS DE ESCRIVER

✦PARKER  
super Quink

Standard - Rio



*para noivas*





# *cupido recomenda: presentes* **Walita**

Ao nôvo lar, tôda a felicidade dos presentes Walita — são aparelhos que ajudam a criar filhos, a alimentar famílias. Dão descanso. Dão conforto moderno nas tarefas domésticas. E duram anos e anos, sempre com a mesma utilidade. Presentes Walita: a melhor lembrança para quem deseja presentear bem, com atenção e carinho. À venda com grandes facilidades de pagamento.

Liquidificador — perfeição absoluta  
Batedeira de Bolos  
Enceradeira — modelo máximo  
Exaustor  
Ferro Elétrico Automático  
Ventilador Picolino  
Centrífuga  
Misturador de Massas  
Bojãozinho  
Enceradeira — 3 escôvas  
Aspirador de Pó

Produtos da  
**ELETRO-INDÚSTRIA WALITA S.A. — S. Paulo**  
Filiais: Rio de Janeiro — Pôrto Alegre  
Curitiba — Recife — Belo Horizonte — Salvador





# Alterosa Agora Entra Na Moda

Dezoito páginas com as últimas criações dos grandes costureiros de Paris — entre os quais Dior, criador deste «tailleur», em lã vermelha e blusa de seda azul-marinho — para a meia estação, num lançamento exclusivo para todo o País, marca uma nova fase de Alterosa, que é feita para homens e mulheres, mas agora passa a oferecer tanto quanto as revistas exclusivamente femininas, em matéria de moda. Alterosa ganha assim, dentro de seu objetivo de ser uma revista que valha por todas, uma nova atração como a senhora verã — ou o senhor dirá à sua mulher.





# SUMÁRIO

O Assunto  
Exclusivo

24 Os Inimigos Do Futebol Brasileiro: As Pedras No Caminho Da Seleção De Ouro

---

A Grande  
Reportagem

10 Itacambira, Minas: A Cidade Onde Se Morre Como Passarinho (Cantando)

---

A Mulher  
Bonita

54 Natalie Wood: Um «Strip-Tease» Pela Corôa de Marilyn Monroe

---

Interesse  
Humano

64 Um Menino De 6 Anos Matou: A Análise Psicológica Do Garoto Mineiro Assassino

---

O Exilado

18 Georges Bidault Descobre A Saudade: Fatos E Fotos Exclusivos Sobre O Ex-Premier Da França

---

O Personagem  
Universal

60 Salvador Dali, O Mundo Pelo Avesso: As Últimas Aventuras Do Grande Pintor Surrealista

---

Sangue  
Azul

30 Os Pequenos Príncipes: Quais São Os Futuros Herdeiros

---

Uma Mulher  
Da História

70 Afinal Quem E' Essa Dona Beja?

---

## As Amargas, Não

Otto Lara Resende

78 e 79 Os Mineiros São Personagens Do Grande Contador De Histórias

---

Lúcia Machado  
De Almeida

82 Xisto No Espaço: Novas Aventuras Para Crianças Dos 8 Aos 80 Anos

---

Bueno De Rivera

81 Três Poemas Modernos Para Antologia De Quem Gosta

---

Ivan Ângelo

88 Crônica: A Terrível Manobra Amável

---

Henfil

77 e 80 O Pintor E O Caçador: Duas Páginas Para Rir Com Atenção

---

Jarbas

85 De Como Um Bêbado Vira Motivo Humorístico

---

Para Rir

86 Os Quatro Grandes Do Humor Internacional

---

## Femininas

Exclusivo:  
Coleção De  
Meia Estação

35 As Últimas E Melhores Criações Da Alta Costura, Numa  
a Exclusividade Nacional De Alterosa: Dior, Cardin, Lanvin, J. Heim,  
52 Esterel, Laroche

---

## Telegráficas

Em Poucas Palavras

28 e 29 Pequenas Notas De Grande Interesse

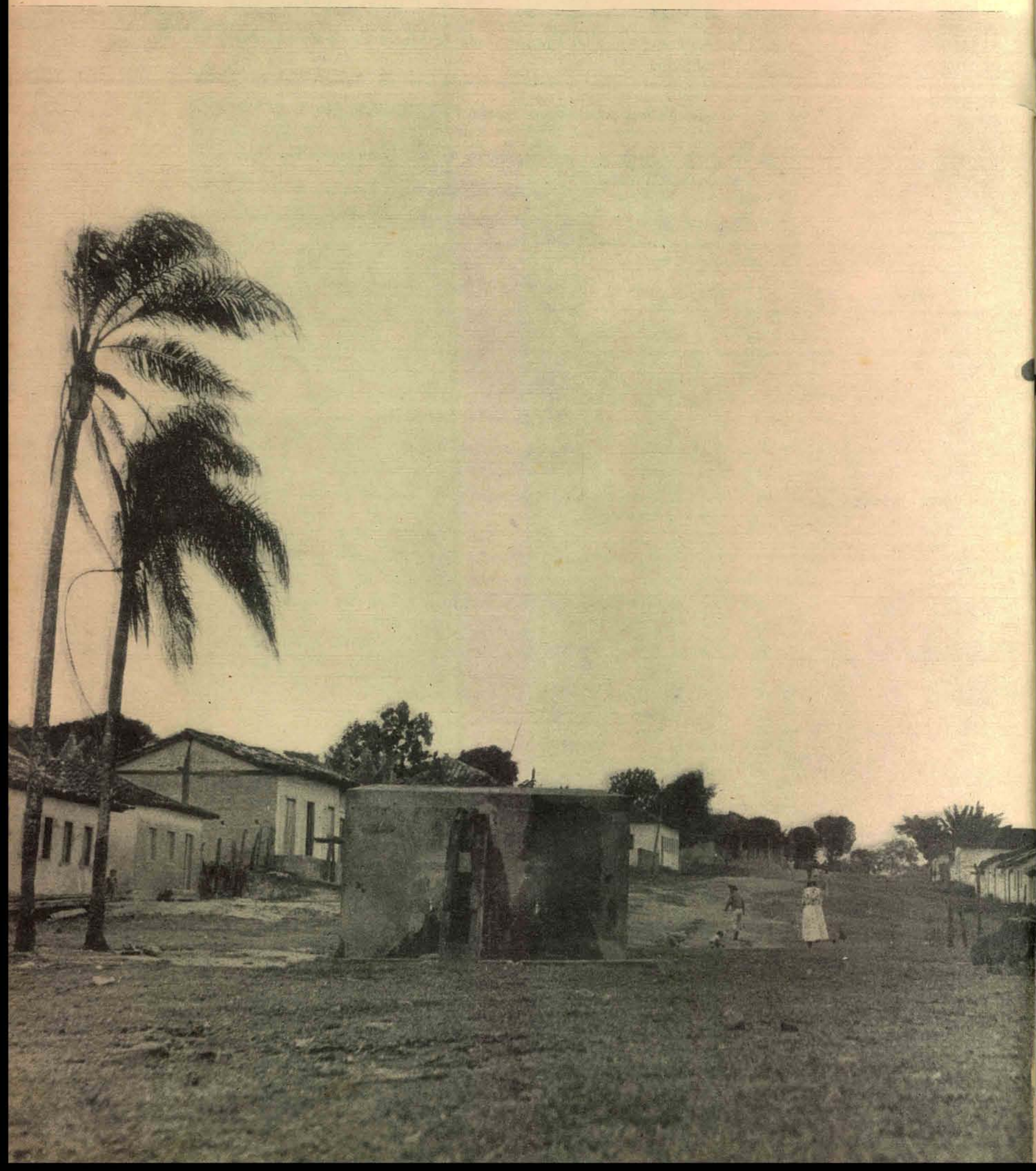
---

Elas

34 Os Passos Das Mulheres Famosas



# AQUI SE MORRE





# COMO PASSARINHO



Itacambira, 5 horas da manhã: após sua primeira noite de casada, ainda com a música da sanfona tocando baixinho dentro do peito, uma noiva de apenas 18 anos acorda sonhando com o futuro. Ao lado, o marido: gostaria de conversar um pouco com ele, mas sentiu pena, preferiu deixá-lo dormir mais. Quatro horas mais tarde, ela compreendeu que era inútil tentar acordá-lo: estava morto. Cenas como esta acontecem, pelo menos de 15 em 15 dias, em Itacambira, que é apenas um pequeno ponto negro no mapa de Minas, mas está transformada na cidade do mundo onde é possível morrer como um passarinho: cantando. Ainda: em Itacambira, a vida nunca começa aos 40 e, nem mesmo as crianças, podem sonhar um sonho que dure mais de 60 segundos. O motivo: não sabem se estarão vivas. Este é o mistério de Itacambira, cujo nome já estava na história: foi lá que Fernão Dias Paes Leme deu adeus ao mundo pensando ter encontrado as suas esmeraldas.

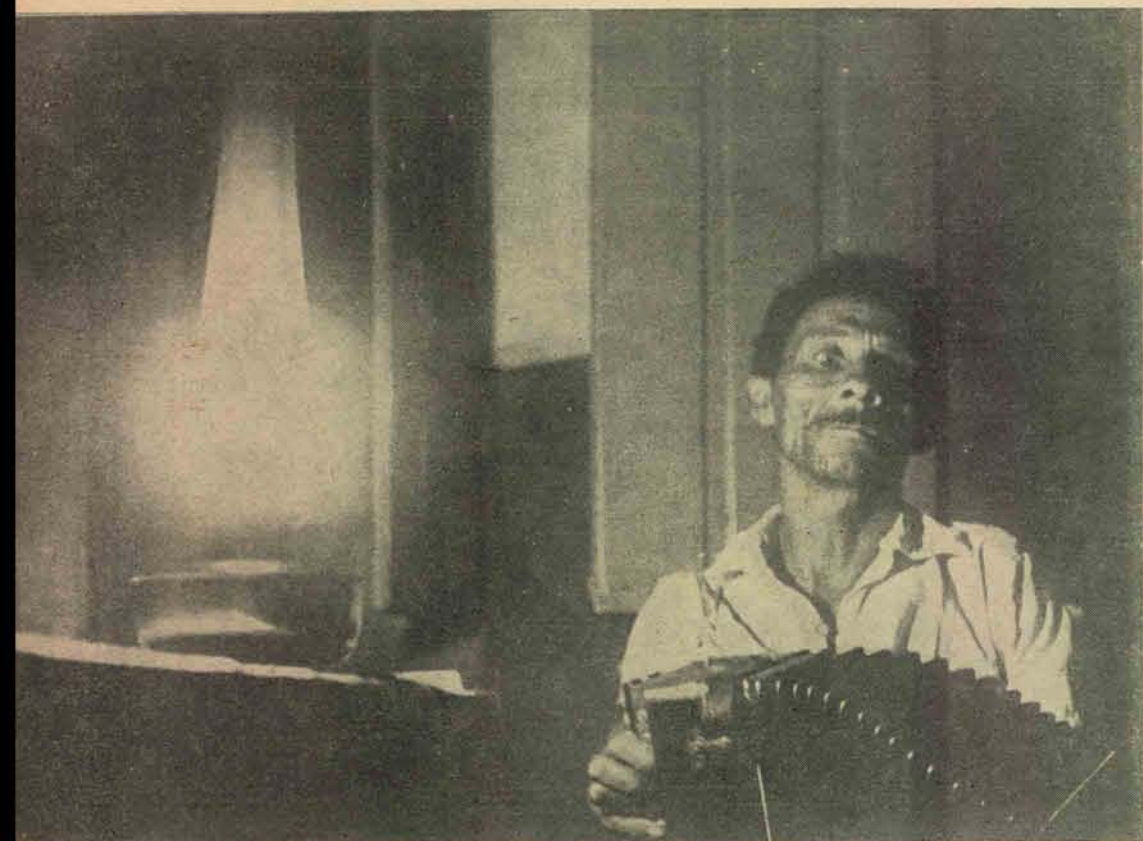
---

Reportagem: Dirceu Soares

Fotos: Euler Cássia

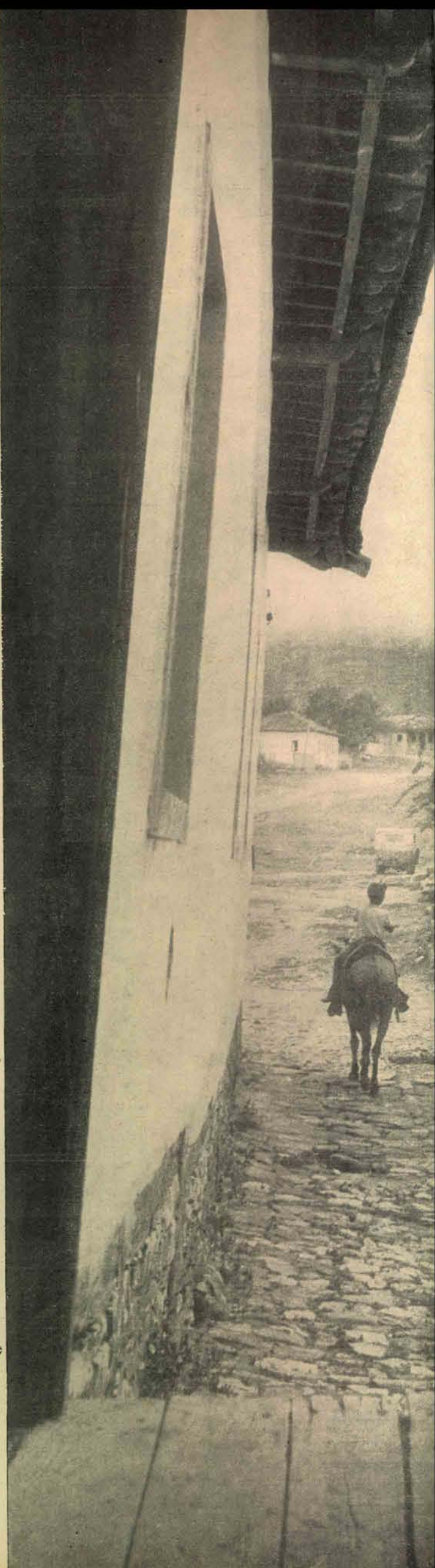


# Itacambira, Urgente: É Proibido Sonhar



Este tocador de sanfona, Geraldo, que todos os dias às 6 hs. da tarde faz o som de sua música chegar às 100 casas de Itacambira, não sabe se, amanhã ou depois, se transformará apenas numa saudade. Como as outras 500 pessoas de Itacambira, ele se sente tão inseguro como se morasse num país ocupado pelo inimigo: sabe que quando menos esperar pode ser encostado ao muro por um pelotão de fuzilamento. Só que em Itacambira o inimigo age de noite, quando a cidade dorme, sem que ninguém o veja, porque ele é da cor da noite: faz uma pequena coceira, após agir e se recolhe. De dia, é quase invisível, recolhido ao esconderijo, as frestras da parede. À simples alusão de seu nome — barbeiro, causador da Doença de Chagas — um frio de medo percorre o corpo de Itacambira, a cidade que sofre do coração. Em Itacambira não se faz plano para o futuro, nem é permitido, como em qualquer outro lugar do mundo, sonhar.

O inimigo não perdoa e, na única rua de Itacambira, com 50 casas que olham de frente para 50 casas, todos estão prevenidos: não há mais surpresa. De cinco em cinco dias, uma pessoa morre chagásica. E a morte não escolhe ocasião: a morena Gabriela foi casada com Hermínio apenas 12 horas, porque, ao acordar na sua primeira noite da lua de mel, estava viúva. — «Itacambira é a terra dos viúvos e das viúvas» — informa o Cônego Oswaldo Simões, que vai sempre a Itacambira, onde não há um padre fixo. E explica o Cônego Oswaldo que um homem e uma mulher casam, num pequeno intervalo, até três vezes: a







mulher perde o marido, aguarda um ano e se casa pela segunda vez. Em um ano está viúva. Faz, após novos doze meses, novo casamento — o terceiro — mas aí será a vez de morrer.

— O número de casamentos — conta o Cônego Oswaldo — está caindo muito em Itacambira. Em 59 houve 14, em 60, 10 e em 62 apenas 8. Tudo porque em cada casa existem, muito bem entrincheirados, cem barbeiros. Por isso, os homens e as mulheres de Itacambira não usam roupas otimistas, coloridas: mulheres de preto e homens de luto são fáceis de encontrar. Mas o pior é a intranquilidade. Ninguém sabe a hora, não pode dar adeus, nem fazer o último pedido como os que são mortos pelos invasores. Geralda, famosa por saber fazer pratos deliciosos, morreu cantando, de manhã, quando o sol venceu a neblina que domina Itacambira até as 10 horas. E Bernarda, de 18 anos, acabara de comungar, numa missa celebrada pelo Cônego Simões na única Igreja de Itacambira, quando a morte chegou sem avisar. E Rosa, de 50 anos, mulher feliz por chegar a essa idade em Itacambira, rezava o têrço, na igreja, quando não completou a Ave-Maria. «Aqui é a terra dos viúvos» — gosta de repetir o Cônego Simões. E' o único lugar onde não se pode sonhar. Nem andar pela rua, certo de que chegará até a casa de número tal (as casas de Itacambira, têm números, apesar de fáceis de identificar, é uma vaidade do lugar). Ninguém poderá dizer que a menina loura de 6 anos chegará aos 23 anos.



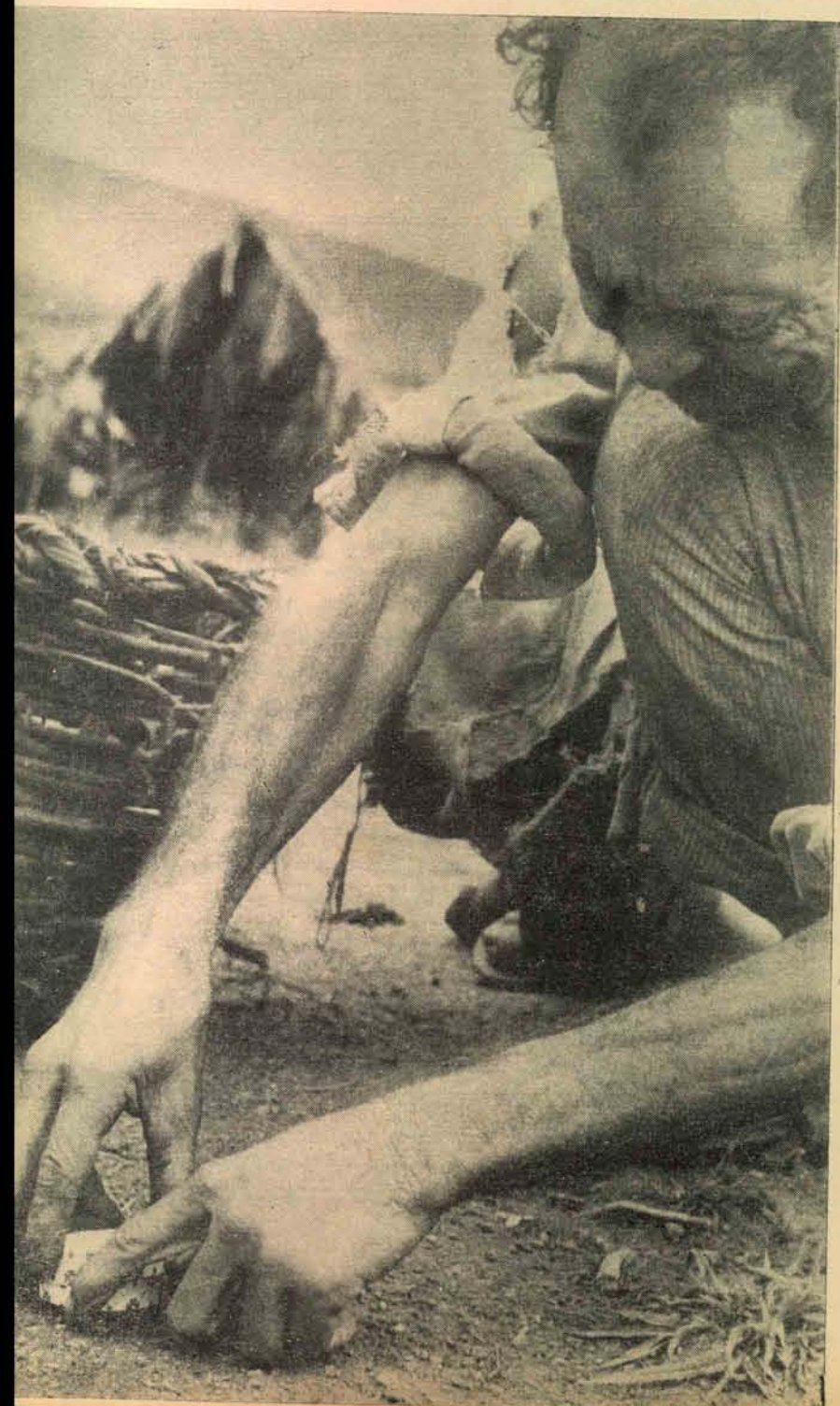
# A Foto Que Não Foi Possível Fazer

Ainda do DC-3, que nos levou de Belo Horizonte a Montes Claros, eu planejava as fotografias que deveria fazer em Itacambira. Uma delas: o sorriso dos casais de namorados. Como deveriam sorrir os jovens sem futuro de uma cidade condenada? Arquitetei planos fotográficos durante 1 h e 20 minutos de voo. Em Montes Claros, onde tomamos um jipe, as primeiras informações diziam que ninguém sorri em Itacambira. Mas ao descermos em Itacambira, 4 hs da tarde, sentia-me perseguido pelo sorriso dos namorados, podia certamente dar uma bela fotografia.

Itacambira janta às 4 hs da tarde e, calculei, um pouco depois, os namorados deveriam surgir: a cidade não tem luz, precisavam aproveitar a noite. Fiz algumas fotos da cidade e sua rua de solidão. Olhava as janelas, esperando que de repente surgisse um rosto cheio de ansiedade, um rosto de moça que aguarda o namorado. Ou que aparecesse algum rapaz. E me perguntava: como será o sorriso deles? Uma hora de espera, duas horas. Já era noite e, agora, qualquer tentativa significava apenas a perda de uma chapa.

Fui a uma pensão sem nome — a Pensão do Sr. Sebastião — e fiquei sabendo a verdade: em Itacambira não há rapazes, nem moças. Apenas crianças e velhos, não pela idade, mas pelo medo. — «As moças daqui — informa o dono da pensão — ou morreram, ou casaram, ou foram-se embora». O





destino dos rapazes de Itacambira é o mesmo. Quem não casou, nem morreu, mudou para São Paulo. Ninguém se espanta com tudo isso: — «A Doença de Chagas não perdoa», eis uma frase de Itacambira.

As coisas se tornam mais claras quando se sabe que: 1 — O inimigo mata também na adolescência; 2 — Todos buscam fugir da cidade, ainda que já se julguem condenados; 3 — O número de viúvos e viúvas é tão grande que aos 16 anos um jovem de Itacambira faz o seu primeiro casamento. — «Nas férias — garante o dono da pensão — o senhor encontra quatro moças daqui que estão morando em Montes Claros». E porque não há jovens, em Itacambira ninguém faz serenatas, até porque viúvo tem que ter certa cerimônia quando se apaixona, não deve ficar romântico como os mais jovens.

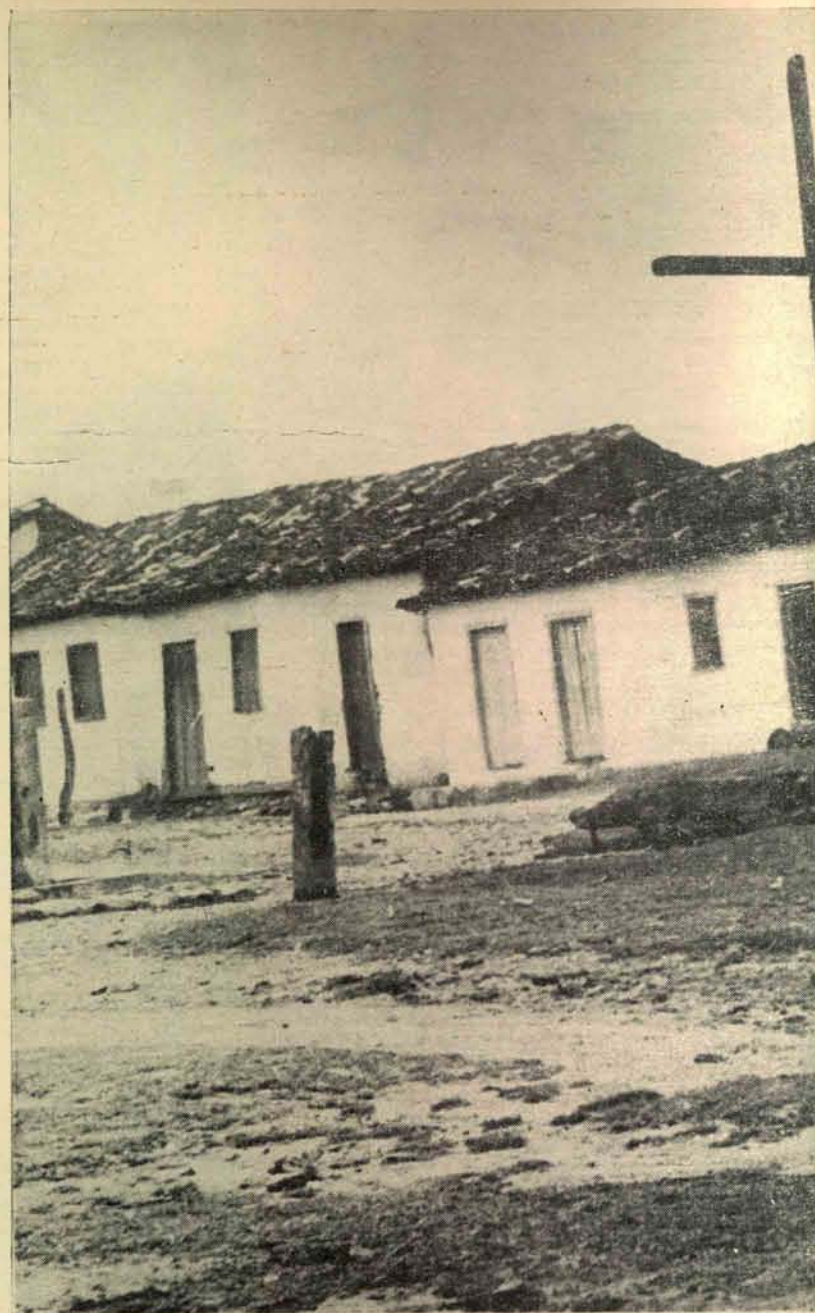
Sem casais de namorados, Itacambira é a única cidade do mundo que pertence às crianças. Garantem-me que há 250 meninos na cidade, exatamente a metade da população. Algumas, no dia seguinte, surgem carregando flôres. Outras ouvem um sanfoneiro sem auditório adulto — e feminino, naturalmente. Encontro uma menina, Pulquéria, de 6 anos: é loura e arredia. Foge quando me aproximo e, na cidade que pertence às crianças, na cidade que deveria haver sorrisos, ela me diz: — «Se o senhor me der um pedaço de pão eu deixo o senhor tirar meu retrato».



# Em Cada Família Há Sempre Um Condenado

E' quase um suicídio. Foi assim que, olhando-nos com espanto, o dono de um bar, em Montes Claros, comentou nosso propósito de passar a noite em Itacambira. — «Eu, no lugar dos senhores — insistiu ele — ficava 15 minutos lá e por dinheiro algum passava a noite ali». O dono do bar não é uma exceção: Itacambira, onde à noite os barbeiros aplicam a injeção da morte nos que dormem, traz pavor. E é esse medo que acabará por matá-la, mesmo agora, quando ela, pequenino ponto negro no mapa de Minas, passou a cidade. Todos querem fugir de Itacambira e assim, ao contrário de suas irmãs mais felizes, a cada ano, ela é menor: diminui o número de batizados e aumenta o número de mortos. Atualmente, os que nascem ainda são insuficientes para ocupar o lugar dos que morrem. Mas como muitos se mudam e ninguém aceita ir morar em Itacambira, dentro de dois anos, ela poderá deixar de ser, até, o pequenino ponto negro no mapa de Minas.

Às 9 hs da noite, apenas um bar, que vende cerveja quente, cinzano e cachaça, está aberto. Um rádio à pilha traz as notícias de um mundo distante, algumas músicas, mas em Itacambira os «programas sertanejos» é que têm audiência. Para ganhar deles só o futebol, arte de Pelé e Garrincha, que também são os dois ídolos de Itacambira. Três pessoas no bar lamentam a ausência de Garrincha no escrete, mas ignoram suas aventuras amorosas. O futebol emociona a todos, como em qualquer parte do mundo. Mas uma emoção maior poderá ser fatal: no grito de um gol, informam, a Doença de Chagas pode matar. A alusão ao nome de



Pelé e Garrincha mostra que em Itacambira eles são, à longa distância, a sua grande alegria, a felicidade de um lugar sem diversão em que não se pode sonhar.

Às 9 hs e 30 minutos o bar se fecha. De vez em quando, o choro de uma criança. Ninguém consegue ver as casas do outro lado da rua. O Cônego Simões não sente medo de ir a Itacambira. Mas parece não sentir sono. Gosta de conversar e explica um pouco do medo que Itacambira provoca. Um distrito seu, chamado «Padre Albano», distante 9 quilômetros, desapareceu. Há pouco tempo havia apenas quatro casas e vinte e cinco pessoas. Agora só há as quatro casas e um gato, um gato triste e solitário. Itacambira teme que lhe aconteça o mesmo. — «Pode não ser para já — dizem — mas é para breve: estamos acabando». Em 58 nasceram 286 crianças e morria uma pessoa por mês. Em 62 morreram 6 por mês e nasceram apenas 202.

Não apenas no sangue, mas nos sonhos e temores, a Doença de Chagas está presente em Itacambira. Não há uma única família que não tenha um dos seus, condenado. E o adeus é simples. Assim: — um rapaz de 24 anos, conhecido como Pichorra, grande tocador de sanfona, fazia a música numa das raras festas de Itacambira. Passou a sanfona, de repente, para um amigo e disse: — «Toca um pouco que quero dançar também». Levantou-se e caiu morto.

Era uma vez Iracema, uma das moças mais alegres de Itacambira. De repente, ela foi tendo motivos para entristecer. O pai, Antônio, morrera numa cachada, não vítima de um acidente, mas daquela morte silenciosa, que nem dor provoca. Olhava um passarinho cantando, quando disse para um amigo: — «Que





beleza». E morreu. Joaquim, irmão de Iracema, se foi aos 25 anos. Mesmo mal. Antônio, outro irmão, dois anos mais tarde, com 27 anos. José chegou a ficar de cama, sentindo falta de ar. Morreu aos 29 anos. Com 30 anos, Iracema era a única da família: casara-se e tinha 5 filhos. Um deles achou-a morta, enquanto lavava roupa.

Assim como não tem moças e rapazes solteiros, é muito difícil encontrar velhos em Itacambira. Lá, a vida nunca começa aos 40. Nem chega aos 40. Mas há um velho, de 90 anos, testemunha do fim de uma cidade, que provoca espanto: ele driblou a doença de chagas. Seu nome: Chico Lenício. Ainda lúcido, é a única pessoa tranqüila em Itacambira, por já não estar mais na idade em que se deve temer a morte. Ninguém consegue explicar essa proeza de Chico Lenício, nem mesmo ele, que se limita a dizer: — «Parece que os barbeiros não gostaram de meu sangue».

Itacambira lembra um poema de Vinícius de Moraes que diz: — «Pátria minha, tão pobrinha». Ela arrecada, apenas, Cr\$ 300 mil por ano e, sem luz nem água, deixa preocupado seu intendente, Sr. Lúcio Marcos Bemquerer, que é jovem e sonha derrotar o grande inimigo da cidade: o barbeiro. Depois, pensará nas outras coisas. Inclusive que o carteiro viaja um dia inteiro, a cavalo, de Grão Mogol, passando por Botumirim, para trazer notícias a Itacambira. Os jornais, quando chegam, trazem a data de 15 dias atrás, mas são lidos com a mesma vontade: tudo que eles contêm é novidade para Itacambira.

As quinhentas casas são pobres e, além de não haver sequer uma padaria, não existe nem mesmo uma

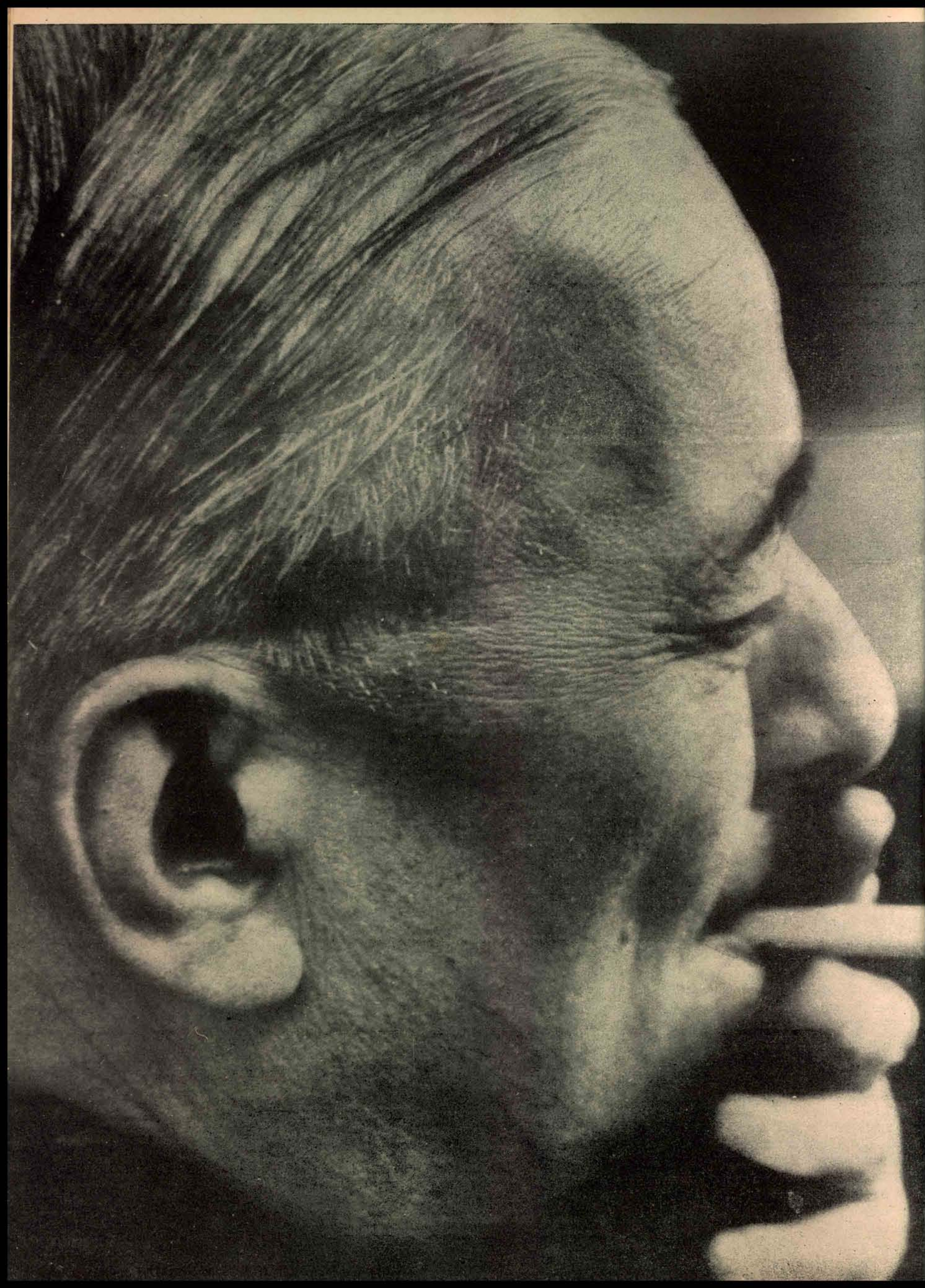
farmácia. O único médico que vai a Itacambira é o dr. João Vale Maurício, de Montes Claros, estudioso da Doença de Chagas e que presta ajuda a suas vítimas. Diz o dr. João Vale Maurício que 70% das pessoas de Itacambira, que ele examinou, são chagásicas e podem morrer a qualquer momento. Mas o dr. Vale Maurício não examinou toda a cidade e acredita que se o fizesse a percentagem saltaria para 90%. Sômente agora é que Itacambira passa a dar importância aos barbeiros, decide lutar contra eles.

Até há pouco tempo, em alguns pontos do município de Itacambira os barbeiros eram tidos como «inofensivas baratas»: ninguém procurava eliminá-los. Alguns, ainda hoje, assistindo a preocupações em dar combate ao grande inimigo, dizem: — «Qual, deixa os bichinhos aí». Sômente próximo às camas é fácil encontrar 150 barbeiros. Perto de Itacambira há dez cemitérios, todos pequenos, mas num número só igualado por uma cidade vinte vezes maior do que ela. No tempo de frio, agora — sempre o frio se muda para Itacambira, onde à noite o termômetro baixa a 10 graus — morrem mais. Até às 10 hs da manhã uma neblina esconde o sol da cidade e de madrugada, lá pelas 3 hs, não é possível enxergar nem mesmo a um metro de distância.

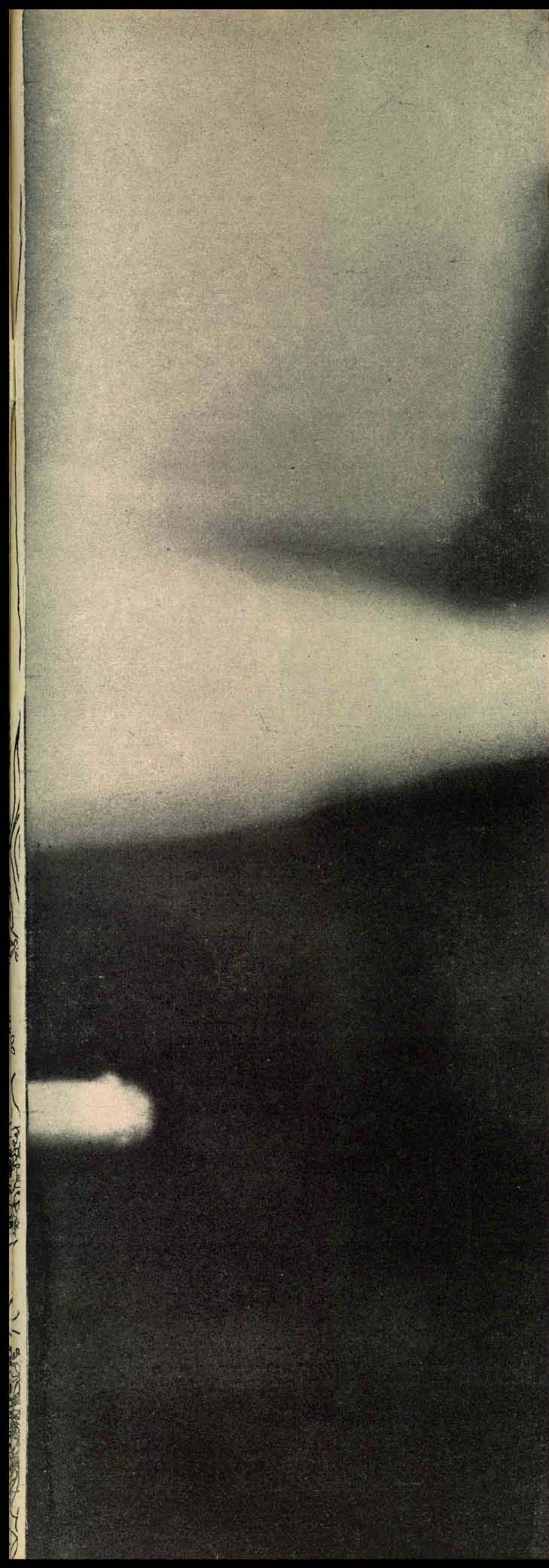
Por que tantos repórteres? Eis uma pergunta que Itacambira se faz. Não tem resposta. Mas se sente um pouco feliz, confortada: — Isso deve ser bom para nós, pensam seus filhos. Os seus filhos que não podem receber uma grande notícia, uma notícia triste, nem viver emoções.

D. S.









# ÊSTE HOMEM DESCOBRIU A SAUDADE

Será o remorso? Aos 64 anos de idade Monsieur Bidault, que parece chorar, tem muitos motivos para as lágrimas. Comandando uma guerra civil contra milhões de pessoas, êle destruiu cidades inteiras e matou velhos, mulheres e crianças. Longe de seus companheiros de armas, êle sofre agora em silêncio a solidão de um exílio, encerrado nos 20 metros quadrados de um apartamento de hotel, em Belo Horizonte. Recusando-se a admitir que chegou o fim da carreira, êle descobriu a saudade do seu passado de glória e sonha liderar de novo o terrorismo das bombas de plástico nas ruas da Argélia: apesar dos cabelos brancos, Monsieur Bidault sabe que só dormirá tranqüilo no dia em que riscar da sua lista negra o nome de um certo inimigo chamado De Gaulle.

---

Reportagem: Hilton Ferreira  
Fotografias: Pepito Carrera

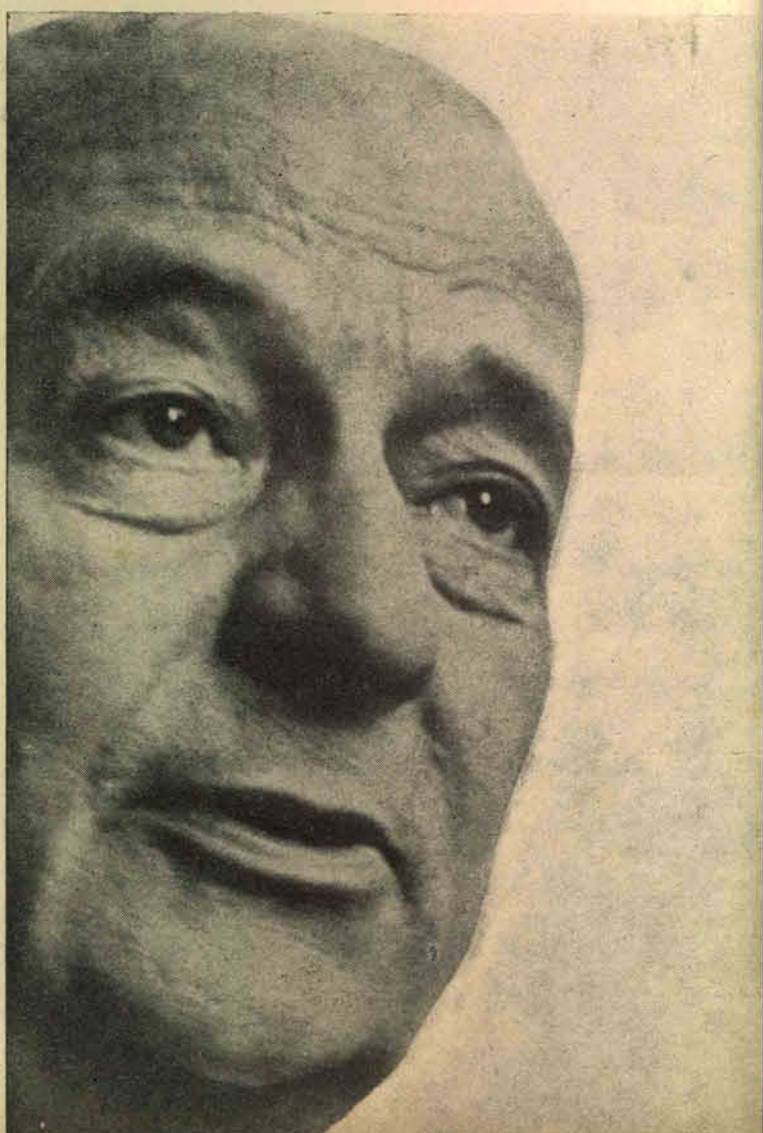
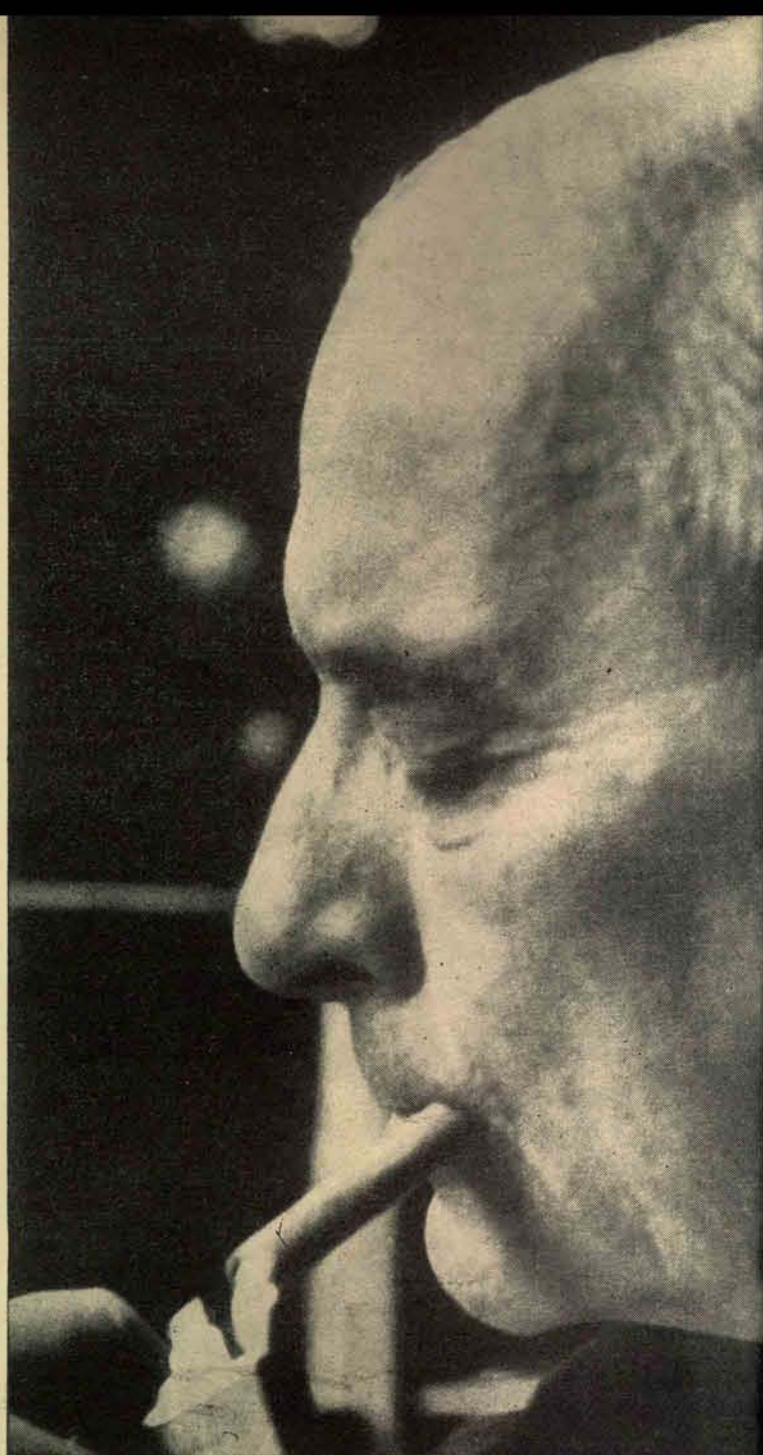


# O Medo Secreto No 13º Andar

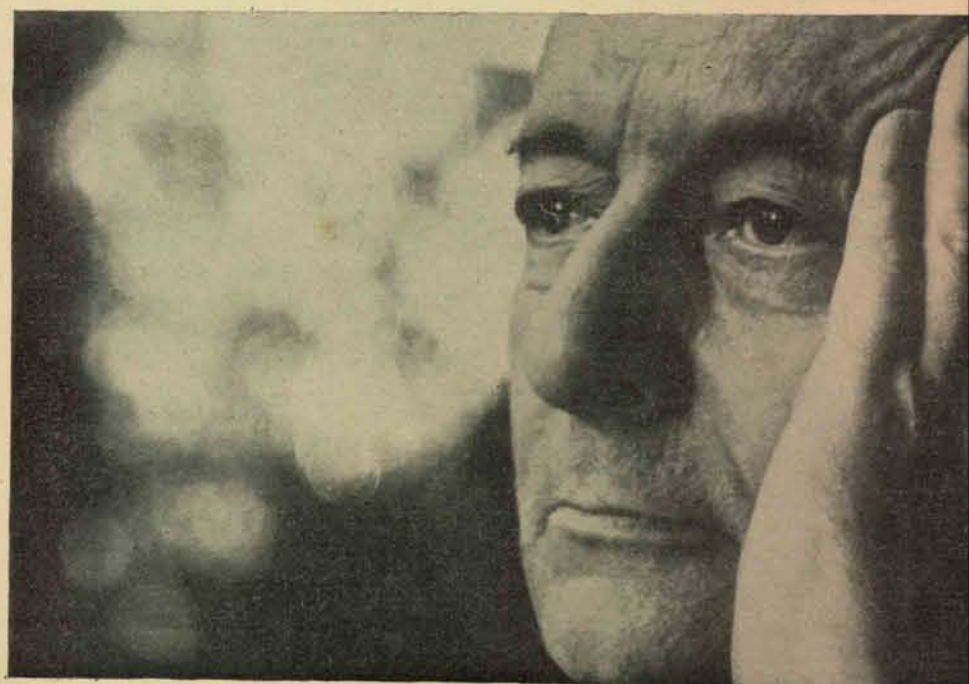
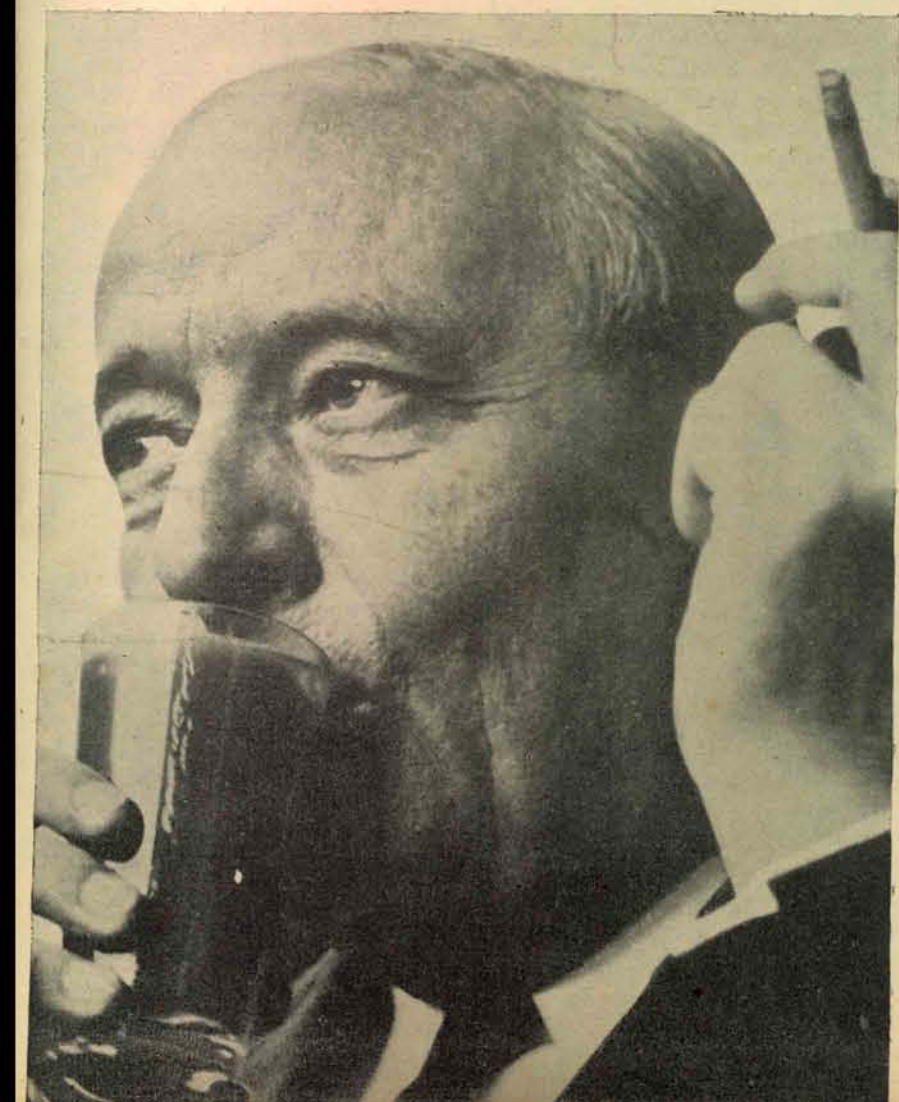
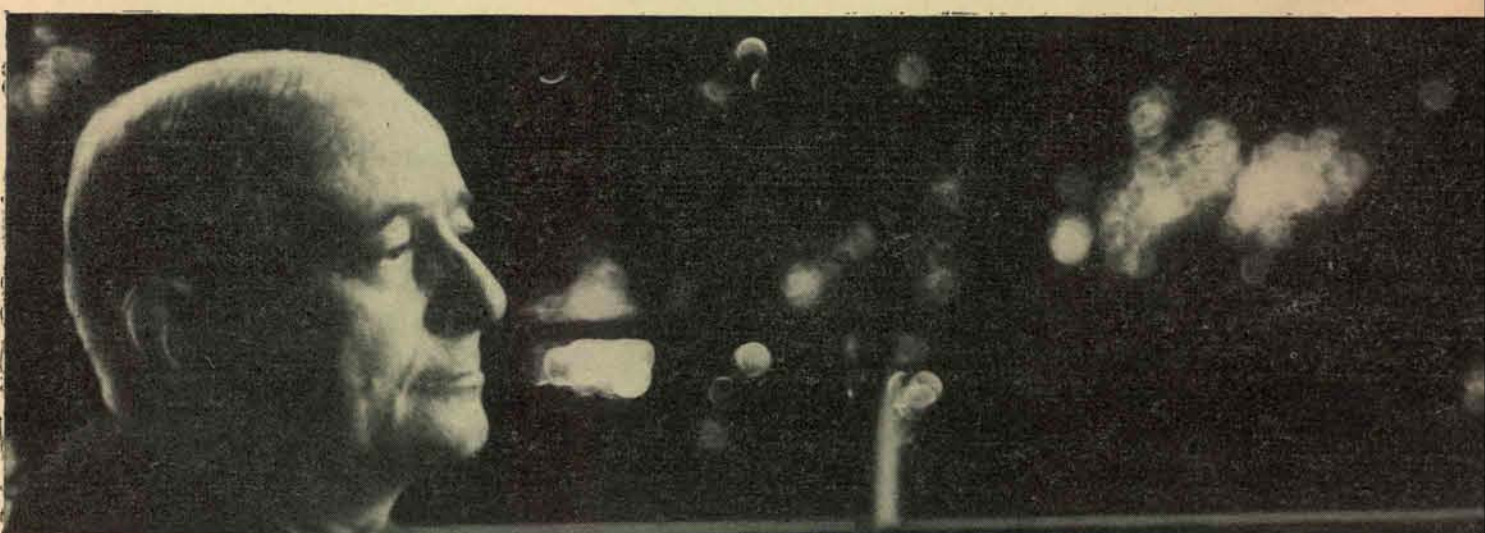
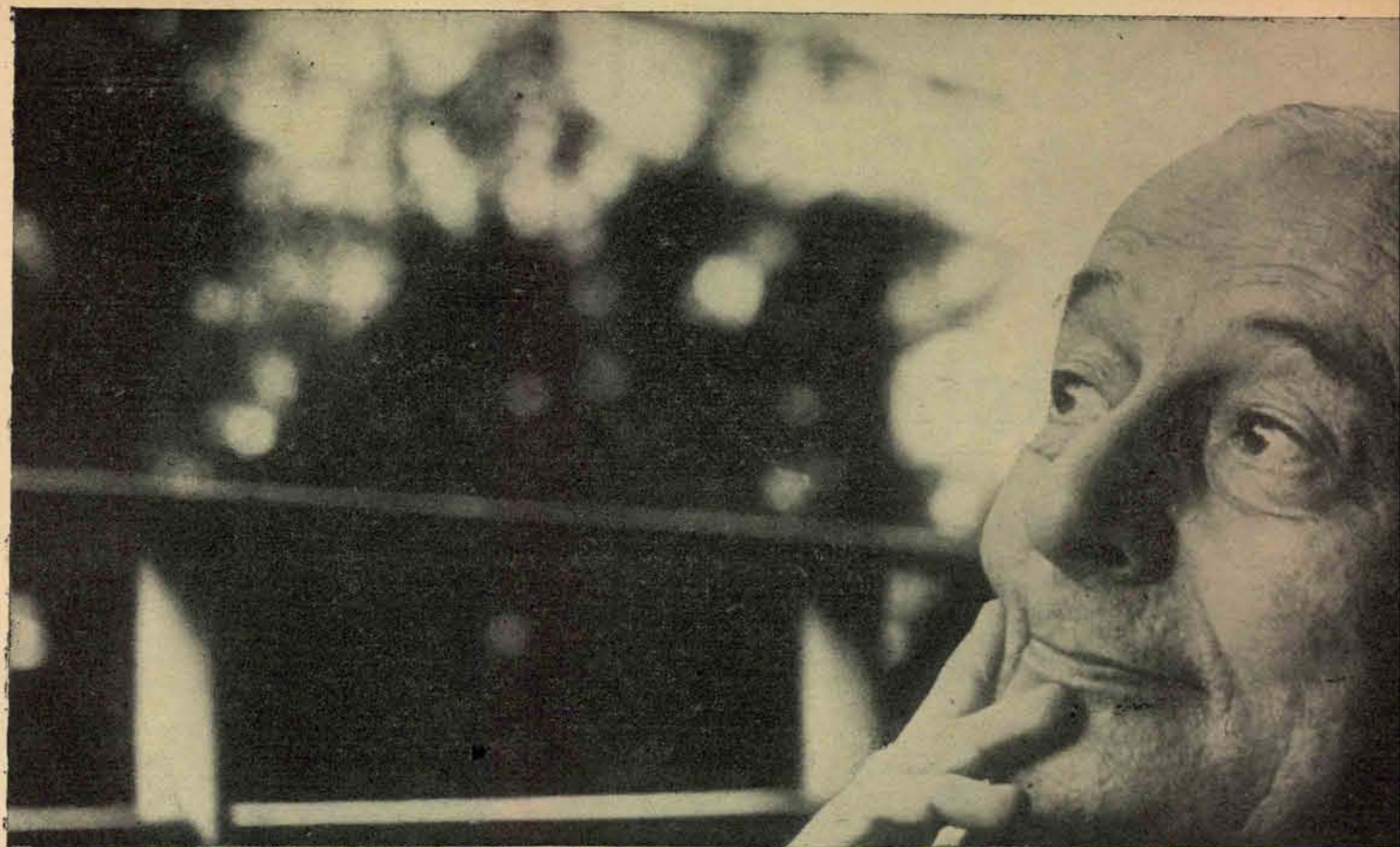
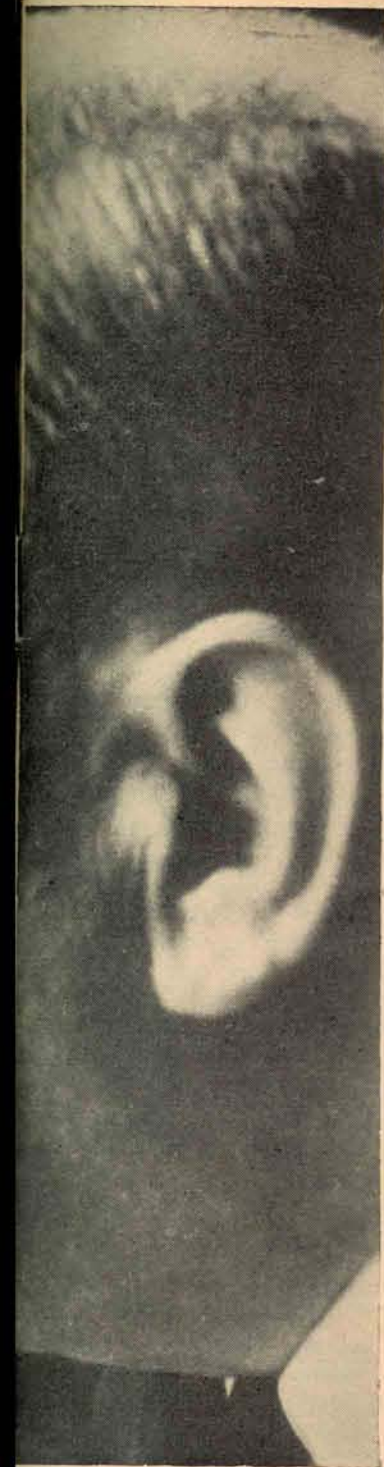
No 13º andar de um hotel de luxo, em Belo Horizonte, há três semanas, um homem de 64 anos sente-se só entre quatro paredes. Sentado diante de uma pequena escrivaninha, de pijama, ele bate as teclas de uma máquina de escrever portátil e fuma vagarosamente. De vez em quando, aperta a campainha, chama um garçom e pede um suco de tomate gelado. Depois de encher algumas laudas de papel, sente fome: vai ao guarda-roupa, veste um terno surrado de jaquetão, tranca a porta e desce ao restaurante. Na mesa, ele não tem com quem falar, mas sorri de vez em quando. Depois sobe de novo ao quarto, olha se a porta está bem fechada e senta-se sobre a cama de colchão de molas. São oito horas da noite. De repente, as luzes se apagam em todo o hotel, o homem fica bloqueado pela escuridão. Um súbito pânico aumenta a sua pulsação, ele salta da cama, bate com força na porta do banheiro privativo e grita:

— Guy, Guy! Qu'est-ce qu'il y a?

Sem esperar a resposta do secretário, no chuveiro, ele corre ao telefone e pede informações sobre o «black-out». «Foi apenas um curto-circuito, não há nada, Monsieur Bidault» diz o telefonista. Cinco minutos depois, a ligação se restabelece, e o hóspede limpa o suor da testa com o lenço, tranquilizado. Na sua pequena ilha do apartamento 1.306, o líder do terrorismo organizado contra o General De Gaulle sentiu durante alguns segundos o medo da morte. Com um passado de herói de duas guerras e de revolucionário clandestino da Resistência Francesa, Georges Bidault está sozinho no exílio e tenta recuperar, assessorado por seu secretário particular, a glória de chefe das bombas de plástico da Organização do Exército Secreto, até realizar o seu grande sonho, a queda do degaulismo. Mas no fundo ele sabe que é apenas um estrangeiro do 13º andar de um hotel de luxo: com seu terrorismo em férias, só lhe resta ler Dostoiévski e o Novo Testamento.









# Longe De Suas Bombas Ele É Um Homem Sofrendo No Quarto

**P**OR que Monsieur Bidault está com medo? Ele sabe que é um homem marcado e que corre perigo em toda parte, até mesmo no Brasil, onde recebeu, ao desembarcar, ordem para não prestar declarações políticas como condição para o asilo. E não se sente seguro, porque conhece bem o provérbio: «nenhum pão é mais amargo do que o comido no exílio».

Seu primeiro choque foi o convite que lhe dirigiu um fazendeiro da cidade de Diamantina, para morar com ele: nem a fazenda, nem o autor do convite existiam. Ele caiu no conto brasileiro do 1.º de abril. Decepcionado, Bidault descobriu então que estava ainda mais só e veio para Belo Horizonte com Guy Ribeaud, seu secretário particular, fechando-se no último andar de um hotel.

A milhares de quilômetros de Paris, longe de Argoud, Soustelle e outros companheiros do Conselho Nacional de Resistência, ele sente saudades do poder e trabalha 12 horas por dia, escrevendo misteriosamente laudas e laudas em espaço dois. Quando o cansaço chega, ele dorme com as janelas abertas — Belo Horizonte é quente demais para um europeu — e sonha com o dia em que as bombas da OES expulsarão De Gaulle dos Campos Elíseos. Recusando-se a admitir que já não passa de um professor de história aposentado, ele compra todos os jornais e se mantém informado sobre o momento político francês, esperando em silêncio a hora de agir.

**O** APARTAMENTO 1.306 é o único espaço indevassável do hotel de Bidault: nele só entram o hóspede e seu secretário; todas as visitas são recebidas no restaurante e no «hall». No guarda-roupa, algumas camisas, gravatas e apenas dois ternos de jaquetão, pretos e muito usados. Sobre a escrivaninha, além da máquina portátil, dois livros: «Les Démons», de Dostolevski, e uma edição francesa do Novo Testamento.

Quando perguntam a Bidault sobre a mulher, Susanne Borel, ele se cala e informa, apenas, que não sabe nada a seu respeito, não tem notícias dela e não quer vê-la sofrer mais. A carreira revolucionária de Bidault está ligada a Susanne: eles se conheceram durante a ocupação da França pelos nazistas, como combatentes da Resistência. Com o pseudônimo de Xavier, Bidault participava de movimentos clandestinos e escrevia editoriais violentos no jornal «L'Aube». Após a libertação, seu amigo De Gaulle nomeou-o chanceler. Em

1946, tornou-se Primeiro-Ministro, voltando a ocupar o posto três anos depois.

**A** POLÍTICA do governo francês em relação à Argélia que lutava pela libertação revoltou Bidault e todos os direitistas da Assembléia Nacional em 1958. Na escolha do sucessor do «Premier» Gaillard, seu programa de mão de ferro sobre a colônia foi derrotado, mas ainda assim ele conseguiu participar do Gabinete do Presidente Coty, quando declarou no Congresso: «A Argélia é para nós um patrimônio e uma missão. Nenhuma intervenção, nenhuma concessão ao espírito de renúncia podem, nesse caso, ser toleradas». A posição radical de Bidault liquidou com seu prestígio até mesmo no Partido Republicano, do qual era líder. A direita articulou, então, a revolta de De Gaulle para salvar a Argélia.

Assumindo o governo com a outorga de plenos poderes, o General De Gaulle iniciou uma política de liberalismo a favor dos argelinos, exatamente o contrário do que queriam os homens que o haviam levado ao poder. Bidault começou então a desencadear uma violenta campanha de oposição ao novo governo, formando na Assembléia uma frente direitista de 60 deputados. Dois meses depois, ele fugiu para a Argélia e articulou o terrorismo, voltando em seguida para Bruxelas, onde se declarou chefe do Conselho Nacional de Resistência da Organização do Exército Secreto. De Gaulle pediu então a cassação das suas imunidades parlamentares, por conspirar contra o Estado, sujeitando-se à pena de morte.

**N**O dia 6 de julho de 1962, a Assembléia concedeu permissão para ser preso e julgado por um tribunal comum. Caçado pela polícia, Bidault continuou sua campanha, participando de atentados, organizados pela OES, contra a vida de De Gaulle. Em agosto, o governo italiano o expulsava de Roma, onde ele fora descoberto reunido com dirigentes fascistas. Este ano, em março, surgiu inesperadamente em Londres, difamando o Presidente da França pela televisão e criando dificuldades à diplomacia inglesa. Duas semanas depois, Bidault foi localizado na Baviera, onde se refugiara, e então já havia escrito uma carta a Adenauer, pedindo asilo político. O chanceler devolveu-lhe a carta fechada, proibindo-o de realizar manifestações antidegaullistas.

Com o nome de Maurice René Auberger, Bidault chegou secretamente a Lisboa no dia 27 de março, passando a manter en-

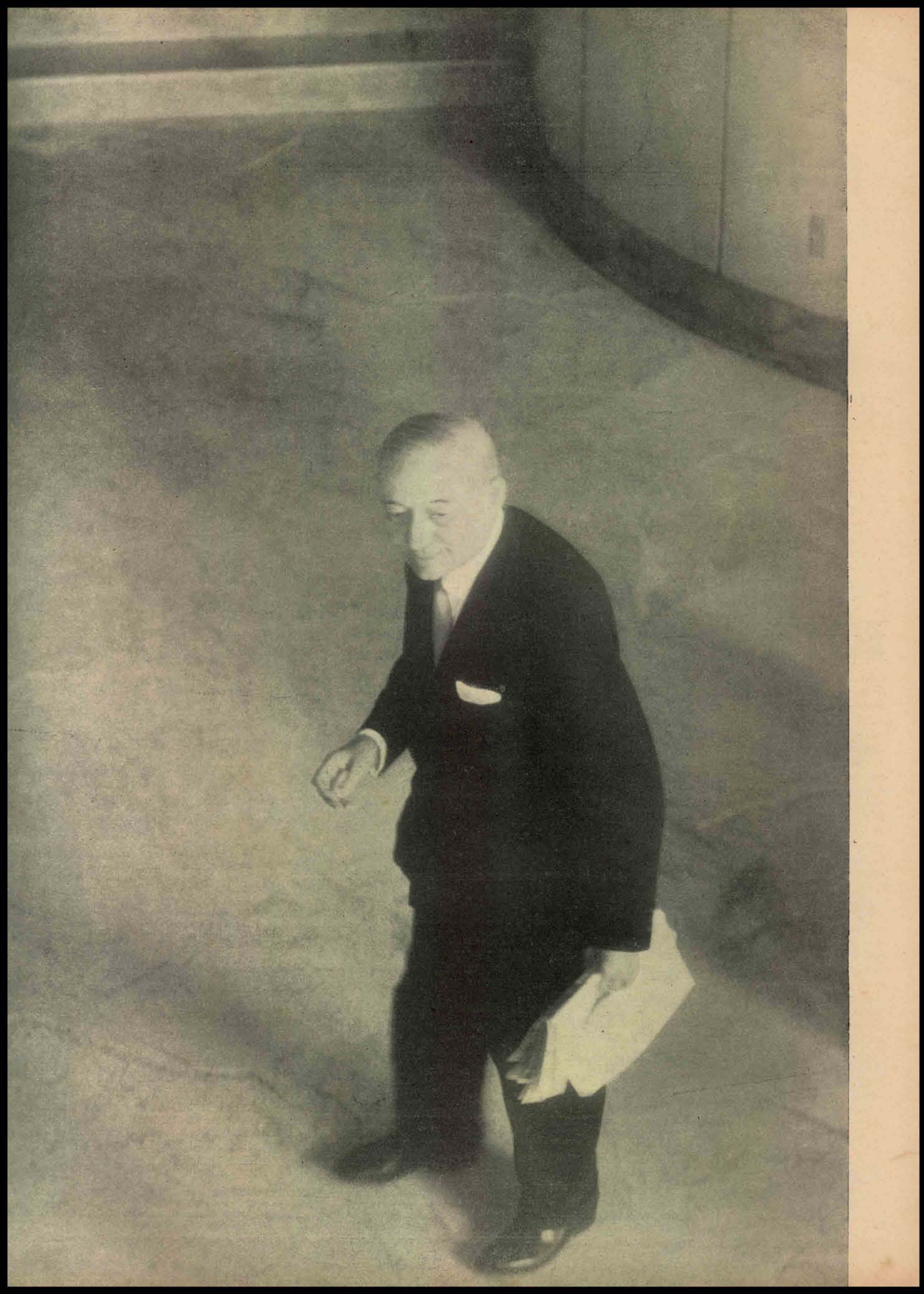
tendimentos com a Embaixada do Brasil sobre o seu asilo. No Rio ele só ficou dois dias, aceitando logo o convite para morar numa fazenda de Diamantina, que não existia: era um primeiro-de-abril. Bidault está solitário, aos 64 anos: para fugir ao tédio, ele gosta de conversar com os repórteres, que o procuram no hotel, e por isso nunca recusa uma entrevista. Bem disposto — mesmo quando fecha os lábios —, ele olha fixamente o interlocutor, como se tentasse descobrir uma intenção oculta. E tenta sempre parecer cordial. O ar de médico do interior ajuda a criar um clima de simpatia e bondade, escondendo o terrorista caçado pela polícia internacional: nos olhos de Bidault está a morte de De Gaulle, que para ele é um traidor dos que pediram a sua volta, quando a França se encontra perto de uma revolução.

Sua vingança foi o estado de guerra que estabeleceu em todo o território da Argélia, com a destruição de Argel, das cidades e dos campos, implantando a violência e a neurose coletiva do medo. Como o cérebro da OES, Bidault dirigiu a ação organizada dos comandos secretos, ordenando os bombardeamentos contra prédios públicos, redações de jornais, redes de comunicação e fontes de abastecimento. Ele sabia que era um fora-da-lei, e que para os tribunais de De Gaulle estava condenado à pena de morte, mas não se importou com isso: às ameaças do governo francês Bidault usava o seu único argumento, um arsenal de bombas de plástico explodindo dia e noite, na África do Norte. Quando a OES determinou a trégua nas operações da Argélia, o objetivo passou a ser o próprio Presidente da República. E Bidault colaborou mais uma vez, ajudando a esquematizar e executar os atentados contra a vida de De Gaulle, em vários complôs fracassados.

**D**E pijama, no seu apartamento de Belo Horizonte, Bidault escreve misteriosamente sobre a escrivaninha: Guy Ribeaud, o secretário, é o único dono de seu segredo. Entre dois copos de suco de tomate, ele descansa e vai até a sacada do hotel. Na frente está o exílio: montanhas, casas, automóveis no asfalto, pessoas. O terrorista detesta a paz que se estende diante da janela. Quer voltar para o seu ambiente, a Argélia destruída, as granadas estourando nas ruas de Bad-El-Oued. Mas Monsieur Bidault é, agora, apenas um ex-professor de história no seu pijama.

H.F.



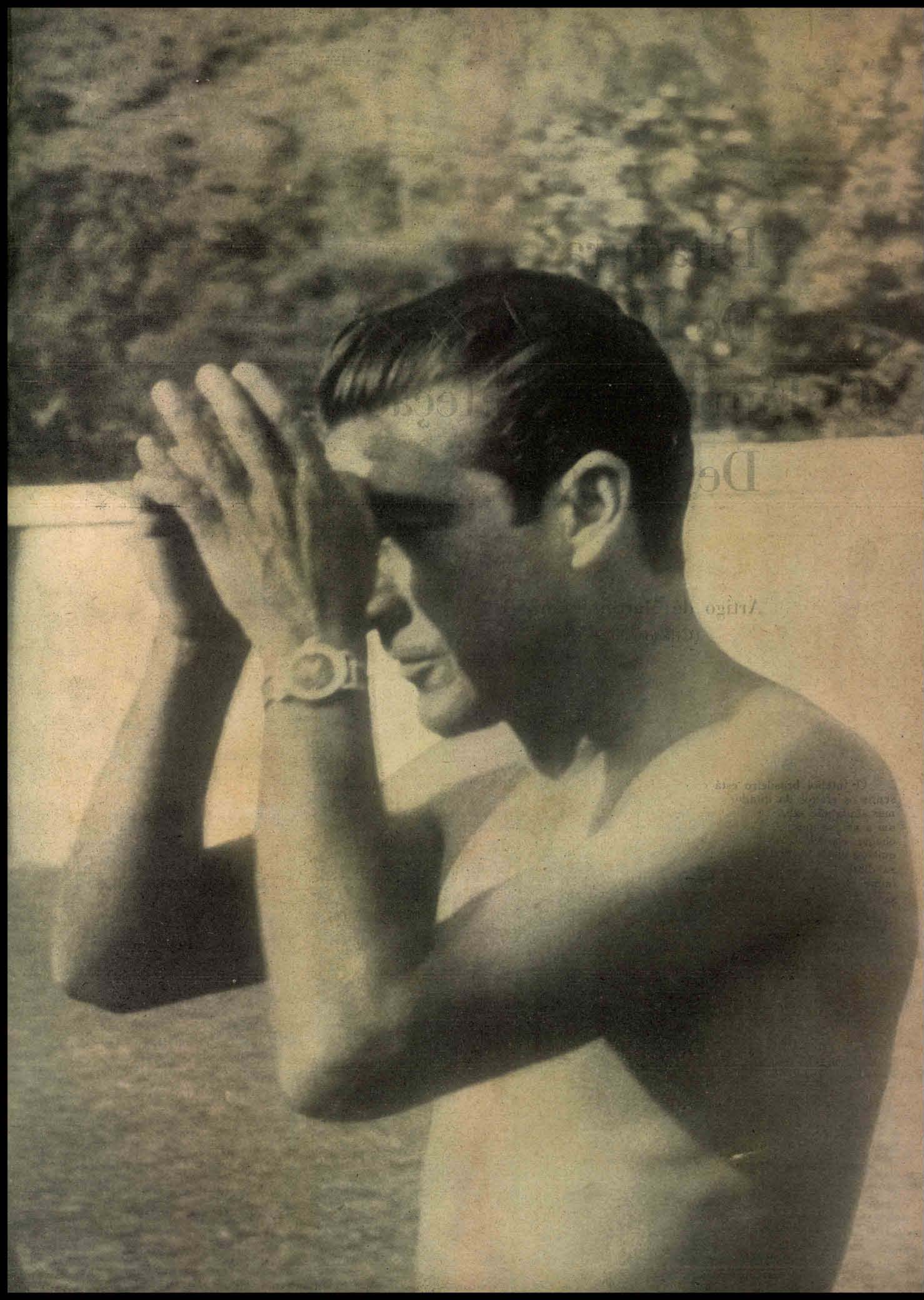




# OS INIMIGOS DO FUTEBOL BRASILEIRO

Dez meses depois de garantir, pelo amor e a arte de onze bravos, a permanência da “Jules Rimet” por mais 4 anos no Brasil, a seleção de ouro, que ensinou ao mundo um futebol feliz nascido dos passes de curva de Didi, dos gols impossíveis de Pelé e dos dribles, à Charles Chaplin de Garrincha, caminha pela Europa e o Oriente Médio, ainda que vencendo algumas vezes, de cabeça baixa: era uma vez o “escrete canarinho”, cantado em prosa e verso por Waldyr Amaral, Oduvaldo Cozzi e Jorge Cury. Será que, de repente, os heróis de duas jornadas perderam toda a intimidade com a bola ou sofrem apenas com algumas ausências? (Garrincha, Nilton Santos, Didi, Vavá, Zózimo). O certo, no entanto, é que a excursão organizada pela C.B.D. em busca de dólares — e não de novas glórias — veio mostrar que a seleção de Pelé enfrenta, dentro de sua própria casa, inimigos tão — ou mais — poderosos do que os de Além-Mar. Quais são eles? É o que conta, num artigo exclusivo para Alterosa, uma das maiores autoridades em futebol, não apenas no Brasil, mas no mundo: o técnico Martim Francisco, inventor do 4-2-4, sistema de jogar que nos consagrou na Suécia e é a arma dos nossos rivais da Europa.







# Ditadura Do Mito Ameaça O Futuro Da Seleção De Ouro

Artigo de Martim Francisco

(Criador do 4-2-4)

O futebol brasileiro está começando a sentir os efeitos da ditadura de seus mitos, mas ainda não sabe que é preciso destruí-los, um a um, se quiser recuperar-se a tempo de chegar em 1966 com o prestígio que conquistou em 1958 e consolidou em 1962. Essa ditadura é a primeira de uma série de inimigos imediatos da Seleção de Ouro, que se denunciam, antes de tudo, quando os jogadores convocados se apresentam às comissões para o exame médico. Cáries, infecções dentárias, subnutrição e carências vitamínicas revelam, de saída, a precariedade da assistência dispensada pelos clubes aos profissionais.

Além do desprezo dos clubes pelo estado de saúde das equipes, há um outro fator que responde pelo desgaste orgânico do jogador. Obrigando-o a um permanente consumo de energia, com vários jogos por semana, os donos do futebol se esquecem que o corpo humano não é uma máquina. O clima brasileiro reclama a fixação de um limite rígido de tempo de trabalho para os profissionais: assim, a média ideal seria a de um jogo por semana, isto é, 48 jogos anuais, admitindo-se uma margem extra de mais 12 para os amistosos. O teto de 60 jogos, porém, não deve ser ultrapassado em hipótese alguma.

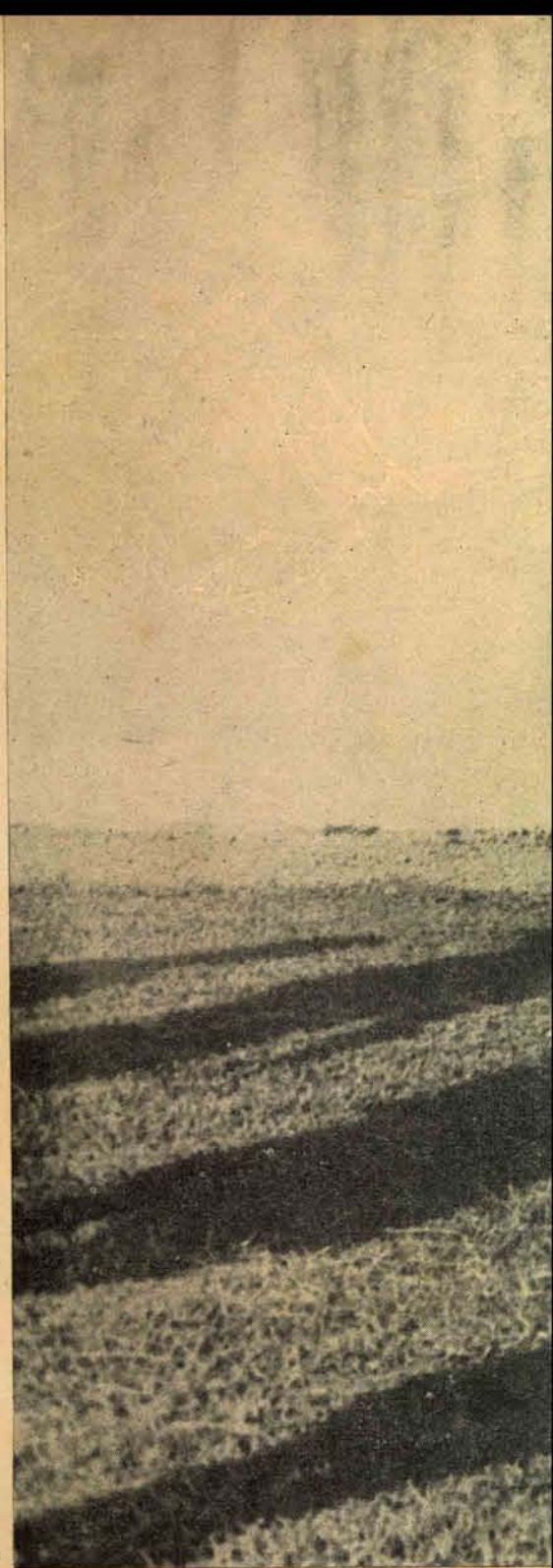
A falta de planejamento e de organização vai longe, no Brasil, principalmente quando o assunto é futebol. E' por causa desse defeito muito nosso que aconteceram o 1 a 0 de Lisboa e os 5 a 1 de Bruxelas, nessa excursão do futebol-arte à Europa. Não sou contra as excursões, pelo contrário: o intercâmbio é uma necessidade, uma exigência. Mas deve ter um objetivo preciso — atualizar a equipe e dar-lhe oportunidade de sentir na prática a evolução de todos os tipos de escolas, proporcionando um sentido objetivo de experiência aos jogadores. Mas, por favor, me digam: qual é a finalidade dessa viagem atual à Europa? Preparar a seleção brasileira para a Copa do Mundo de 1966, se seis ou sete de seus valores definitivamente não participarão dela? Trata-se, portanto, de um intercâmbio negativo em toda a linha.

O resultado só pode ser a derrota. Sem o entrosamento, o espírito de equipe, o «association» que é da própria essência do futebol, não se pode esperar outra coisa. E tudo isso caracteriza o escrete brasileiro atual, formado às vésperas do embarque para Portugal, num instante de irreflexão.

Perguntam-me, com frequência, o que penso a respeito da formação de uma seleção permanente. Antes de opinar, porém,

esbarro com a impossibilidade material da sua existência: trata-se de um problema de ordem econômica sem solução, dentro da realidade do futebol brasileiro. Os clubes não têm condições para prescindir de suas grandes estrelas, porque, vivendo em regime deficitário, terão um prejuízo fatal se admitirem a cessão de jogadores para o escrete. Aliás, o problema não é exclusivamente nosso: não sei de outro país que tenha conseguido formar uma equipe autônoma.

Mas temos que ser realistas: diante da perspectiva atual do nosso futebol, não há opção para quem está no comando. A renovação é o único caminho a ser seguido. Que não se culpem os técnicos, pois a crise não é deles, é de jogadores. O Brasil está numa bitola de nomes, e este é o equívoco básico. A seleção nacional deveria ser formada à base de rendimento de cada um, não de nomes. Estamos precisamente no momento crítico em que se deveria planejar a renovação. Entretanto, o que é que se fez, nesse sentido, até agora? Apenas Nilton Santos e Garrincha estão sendo substituídos: por







que não também os seus companheiros de escrete? Trata-se de adotar uma política de objetivos globais, e não tomar algumas medidas isoladas, tendo em vista apenas os nomes. Esqueçamos os nomes.

Minha teoria de renovação das seleções foi exposta aos dirigentes do futebol espanhol e aprovada por unanimidade, com o apoio dos técnicos, como a solução mais prática para o problema do desgaste. Os campeonatos que precederem a Copa do Mundo deveriam ser observados por selecionadores regionais: durante todo o ano eles organizariam um relatório individual dos participantes. De posse dos dados sobre os jogadores, a equipe técnica convocaria os quatro melhores elementos para cada posição, dois dos quais seriam eliminados pelas juntas médicas competentes.

Restariam, no fim, 22 jogadores. Desse, então, se extrairia uma autêntica seleção nacional, formada à base de rendimento puro. Com um detalhe: a idade média de cada homem seria 22 anos, permitindo o seu adestramento cuidadoso e amadurecendo a equipe para a disputa do campeonato mundial de 66, com a possibilidade concreta da reedição do fabuloso futebol

que o Brasil tem e que o mundo inteiro conhece.

Bem, falemos agora de sistemas. Para começar, devo dizer que há um certo engano generalizado a respeito deles: poucos sabem diferenciar os termos «sistema», «tática» e «estratégia» em futebol. O 4-2-4 não traduz um estilo de jogo, no sentido de predominância de defesa ou de ataque. É a disposição original dos homens no campo. Dentro dessa localização «territorial» é que se arma a mobilidade de cada jogador e, em consequência, a estrutura ofensiva ou defensiva do jogo. O ideal é imprimir ao sistema um equilíbrio permanente de ataque-defesa. A compreensão do 4-2-4 é dificultada pela capacidade de deslocamento dos jogadores: quando o Garrincha ou Dorval recuam para receber a bola, há a impressão falsa de que a estrutura inicial se alterou e o quadro passou a atuar no 4-3-3. Mas, enquanto o ponta-de-lança (n.º 8) ocupa o posto do ponta-direita, este ocupará imediatamente a posição daquele, restabelecendo o 4-2-4. Daí a confusão surgida a respeito do sistema, e que leva muita gente a julgar, erroneamente, que a nossa seleção adota na Europa um sistema híbri-

do de jogo, passando a todo instante do 4-2-4 para o 4-3-3 e vice-versa. Muitos gols podem ser perdidos por isso.

A tática é a aplicação do sistema segundo a estrutura do adversário: nesse setor, então, é que o 4-2-4 prova a sua eficiência dentro do campo. Portanto, não há aproveitamento quando se mantém a sua rigidez formal, com o desprezo do sistema contrário. E foi isso o que ocorreu em Portugal, na estréia da seleção brasileira: com os portugueses adotando a formação W-M, Pelé ficou neutralizado na frente, quando ele deveria, obrigatoriamente, deslocar-se para as extremas, obedecendo, assim, à maleabilidade característica do 4-2-4.

Mas sistemas e táticas não são o mais importante, dentro do contexto do futebol brasileiro atual. Repito que o Brasil precisa livrar-se da bitola de nomes, que já começa a prejudicá-lo. Enfim, o problema não me pertence, e, além do mais, vocês sabem como é: cada cabeça uma sentença. Vamos esperar pelo futuro. O tempo dirá se tenho razão.

M. F.



# Em Poucas

**O General Peña Brasil**, definindo a situação política nacional numa conversa com o Governador Magalhães Pinto: — «E' como o boletim metereológico: de manhã, tempo bom, temperatura estável em todo o País. À tarde, chuvas e trovoadas na Guanabara».

**O jogador Garrincha**, que agora é apenas uma saudade na extrema direita da Seleção de Ouro, não é tão ingênuo, nem alheio ao dinheiro como se imagina: cobra Cr\$ 80 para vestir a camisa de seu ex-clubes, o Pau Grande, numa partida oficial.

**O Gov. Miguel Arraes** tem, pelo menos, um aspecto em comum com o Sr. Jânio Quadros: o colarinho (esquerdo) de sua camisa está sempre fora do lugar. Arraes, também, não é um elegante.

**O humorista Chico Anísio** descobriu que fazer rir é mais importante que ser Pelé ou Presidente da República. A razão: com seus programas para a televisão, Chico Anísio está ganhando Cr\$ 2 milhões e 300 mil mensais.

**O ex-Presidente Juscelino Kubitschek**, que anda flertando com os nacionalistas, está convencido de que precisa tomar duas providências urgentes para recuperar seu prestígio: — 1) Romper com o Sr. João Goulart; 2) — Desligar-se espetacularmente da Aliança Para O Progresso.

**Sammy Davis Jr.** é sucesso no Brasil: seu «L.P.» com imitações dos grandes cantores norte-americanos está sendo muito vendido. Sammy atinge o máximo cantando com as vozes de Mario Lanza, Ray Charles e Paul Robson.

**Senhores passageiros** para Tóquio, Japão: Alterosa, a sua revista, pode ser lida, quando a saudade do Brasil apertar, nos escritórios da Usiminas. Quem envia os exemplares de Alterosa para lá é o jornalista Wander Moreira, entusiasta da nossa nova fase.

**O Ministro do Trabalho**, Sr. Almino Afonso, está firme como o Pão de Açúcar — eis o que garantem os deputados nacionalistas, que pedirão sua ida à Câmara Federal só para vê-lo brilhar como tribuno.

**O Governador Magalhães Pinto**, que é homem de boa paz, numa confissão a repórteres fotográficos: — «Em matéria de cinema não há nada tão bom para mim como um «far-west» com muitos tiros».

**O Sr. José Maria de Alkmin**, na sua frase de número 67, ano de 1963, ao ser convidado para a «Semana San Tiago Dantas» durante a qual deputados de várias correntes pretendem fazer a análise crítica da atuação do Ministro da Fazenda: — «Creio que teremos material para muito mais de uma semana».

**Ação Parlamentar Comum**, eis o nome de um novo grupo, composto de mais de cem deputados-agressivos do PSD, vanguardistas da UDN e compactos do PTB — que surgirá na Câmara Federal para, além de funcionar acima dos partidos, lutar pelas reformas de base. Líderes do movimento: Srs. José Aparecido, udenista, Bocaiúva Cunha, petebista e Cid Carvalho, pessedista.

**A Bahia inspira o romancista Jorge Amado**: para concluir seu mais novo romance — «Os Pastores Da Noite» — o autor de «Gabriela» trocou o Rio por Salvador. Amado agora vai escrever uma série de novelas curtas, quase contos.

**Os humoristas Borjalo, Ziraldo, Appe, Carlos Estêvão e Vão Gôgo** vão se reunir na primeira revista de humorismo sério — isto é, bom — lançada no Brasil. O nome da revista lembra um personagem que Garrincha, com o talento de Chaplin, tornou engraçado: «João».



# Palavras

A cantora Doris Monteiro, depois de aderir à bossa nova, ganhou um apelido: — «O João Gilberto de saia». Razão: anda procurando imitar o criador dos sucessos de Tom e Vinícius.

O Senador Benedito Valadares, depois de ouvir o udenista João Agripino dizer que ele estava chegando muito atrasado no Senado: — «Ah, o Agripino pensa que o que eu ganho paga o sacrifício de ouvir os discursos dele? Ganho muito pouco».

«O Rei Pelé», filme que conta a vida de Edson Arantes do Nascimento será visto, no Brasil, pela primeira vez, em São Paulo, ainda em maio. Logo depois chegará aos cinemas do Rio e Belo Horizonte.

O Sr. Antônio de Pádua Rocha Diniz, diretor dos bancos Nacional de Minas Gerais e Nacional de São Paulo, acaba de marcar um gol para a nova geração de financistas do País: foi eleito para a diretoria da Associação Comercial de São Paulo.

O Governador Magalhães Pinto assiste sua candidatura à Presidência da República entusiasmar a setores inteiramente antagônicos. Exemplos: a deputada Ivete Vargas, do PTB e o deputado Amaral Netto, da UDN.

Fábio Martins, jovem repórter mineiro, está no Amazonas fazendo para a Rádio Itatiaia — emissora de Belo Horizonte — um trabalho «sui generis»: está gravando os sons da Amazônia, inclusive o marulho das águas.

Di Cavalcanti, considerado o maior pintor brasileiro vivo vai expor na França. Importante: a mostra será aberta, também, aos franceses, ao contrário de outras, que têm lugar em Paris, mas são vistas só por brasileiros.

## A GAROTA BISLERI

Essa graciosa brasileira, a semelhança de milhões de crianças dos 5 Continentes, toma diariamente sua dose de **FERRO QUINA BISLERI** — desde 1881 — o insuperável tônico das gerações!

**FERRO QUINA BISLERI**  
para seus filhinhos,

**FERRO QUINA BISLERI**  
para os papás

**FERRO QUINA BISLERI**  
para os vovós,

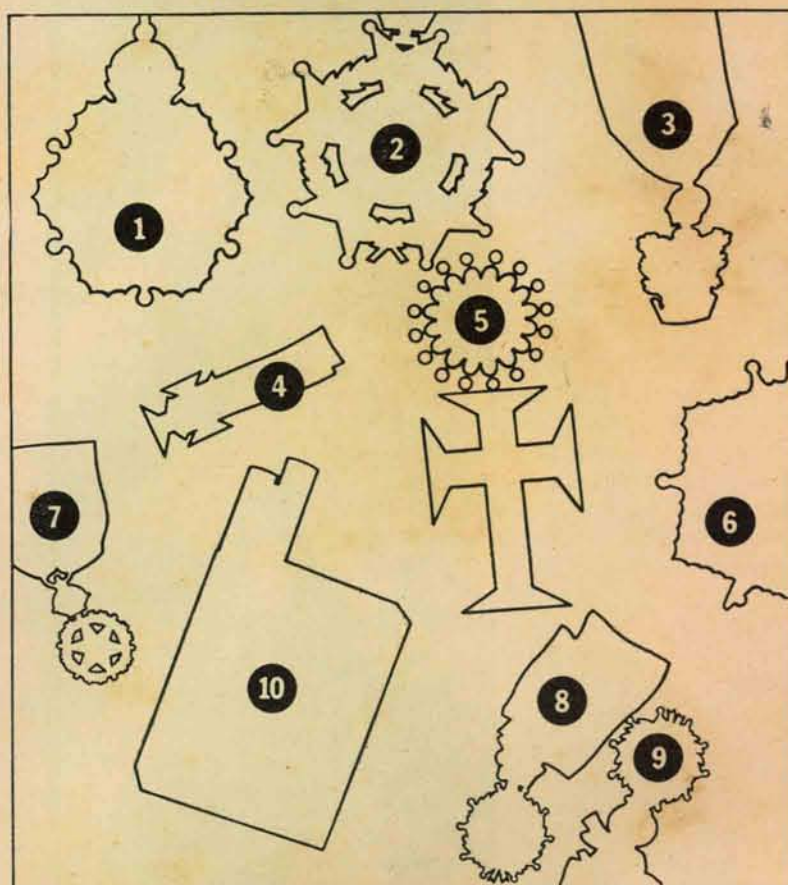
**FERRO QUINA BISLERI**  
para todos, em todas as idades!



Representante em Belo Horizonte:  
**MIGUEL F. SCARPELLI**  
Rua Ubá 578-Cx. Postal 1682

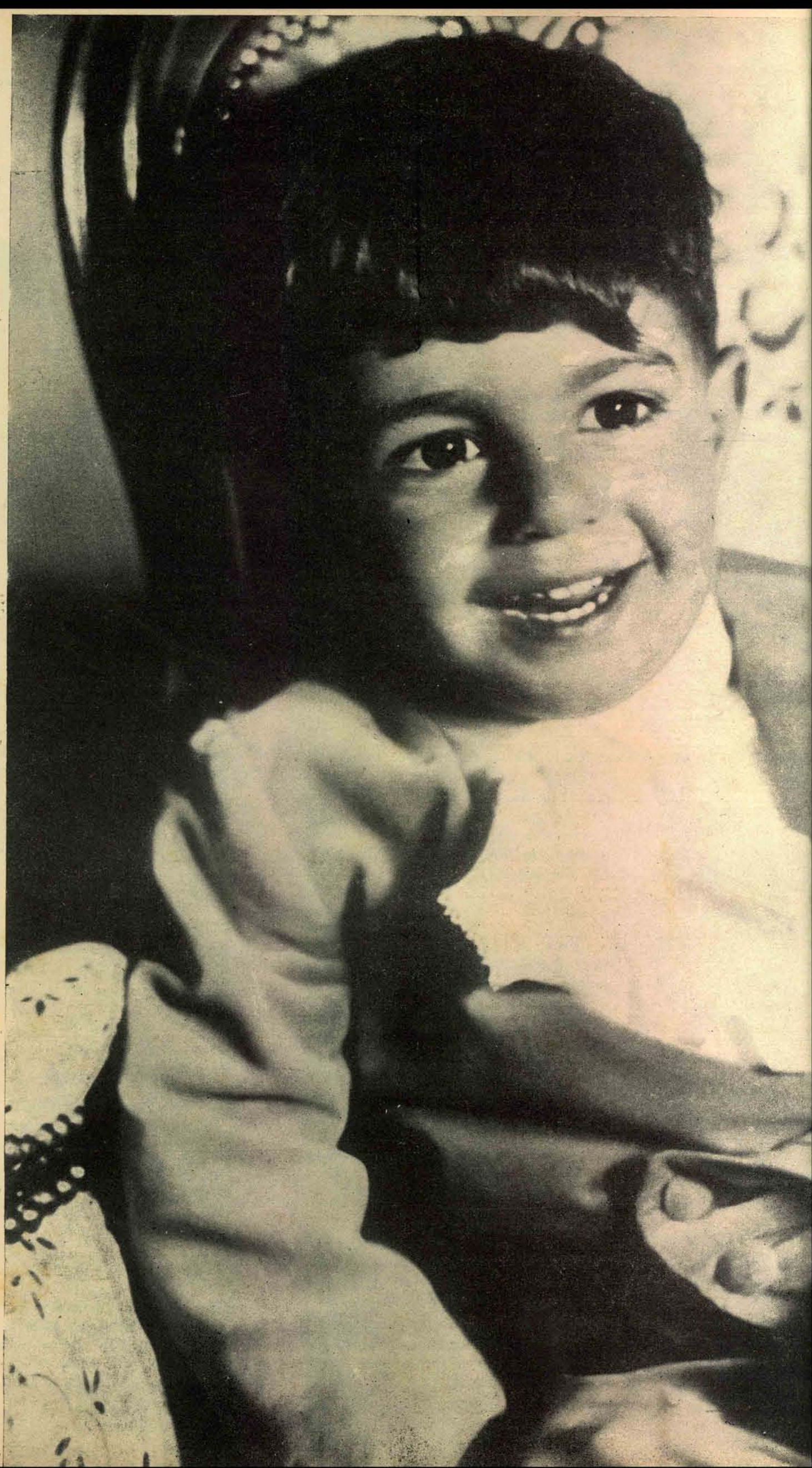
Homenagem de FERRO QUINA BISLERI à menina SONIA

### VEJA ANÚNCIO NA CONTRA-CAPA

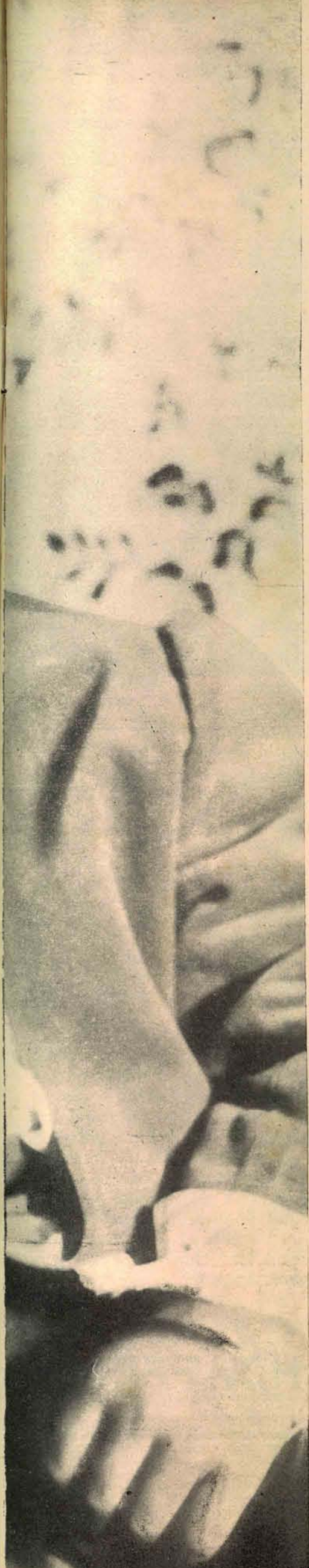


1 Ordem da Rosa 2 Ordem Imperial do Cruzeiro 3  
Ordem de Pedro I 4 Ordem de Cristo (Grau de Cavaleiro)  
5 Ordem de Cristo 6 Ordem de Pedro I 7 Ordem da  
Rosa 8 Ordem Imperial do Cruzeiro (reverso) 9 Ordem  
de Aviz 10 Cigarros LUIZ XV...uma condecoração a Você!









# OS PEQUENOS PRÍNCIPES

O sorriso dêste menino faz a felicidade de um homem, que se casou três vezes para poder vê-lo, e de um povo que sonhou durante 20 anos com o seu nascimento: porque, aos três anos, sua única preocupação é brincar com trenzinhos elétricos e pôneis puro-sangue, êle não sabe que salvou o trono de seu pai, o Xá do Irã, Reza Pahlevi, e a mãe, Farah Diba, de um drama chamado Soraya. Falando apenas “papai”, “mamãe” e mais algumas palavras, Reza Ciro Ali é o caçula dos pequenos príncipes do Século 20: em duas monarquias separadas da sua pelo mar, vivendo mais ou menos a mesma vida, estão seus colegas Andrew Albert, da Grã-Bretanha, e Albert Alexandre, de Mônaco. Se tudo der certo, êles se sentarão no trono entre 1970 e 1980.

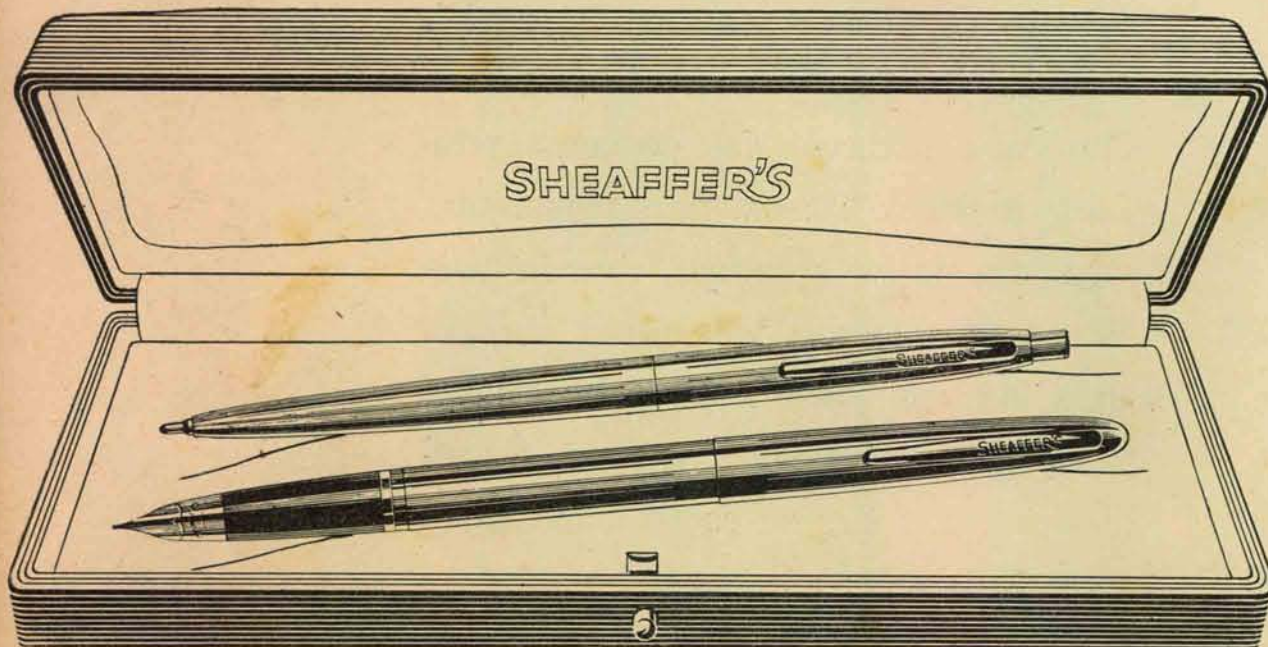


Vida De Rei  
É Boa, Mas  
A De Príncipe  
É Bem Melhor



presente para gente importante.

(ou muito importante!)




Sheaffer's apresenta algo de muito especial - para os primeiros na sua lista de presentes. Certo de que vai agradar, ofereça uma Sheaffer's Imperial toda em ouro. E há um presente ainda mais importante: Conjunto All Gold, combinando a Imperial com a Esferográfica 300, as duas em ouro. Quantos vão merecer essa distinção da sua parte?... Inclua você mesmo nessa lista! Qualidade Sheaffer's - Garantia Sheaffer's.



**SHEAFFER'S**  
50 anos de qualidade por escrito.

NEHEMY AIDAR IND. E COM. - R. Monsenhor Rosa, 2-A - Franca - Est. de S. Paulo



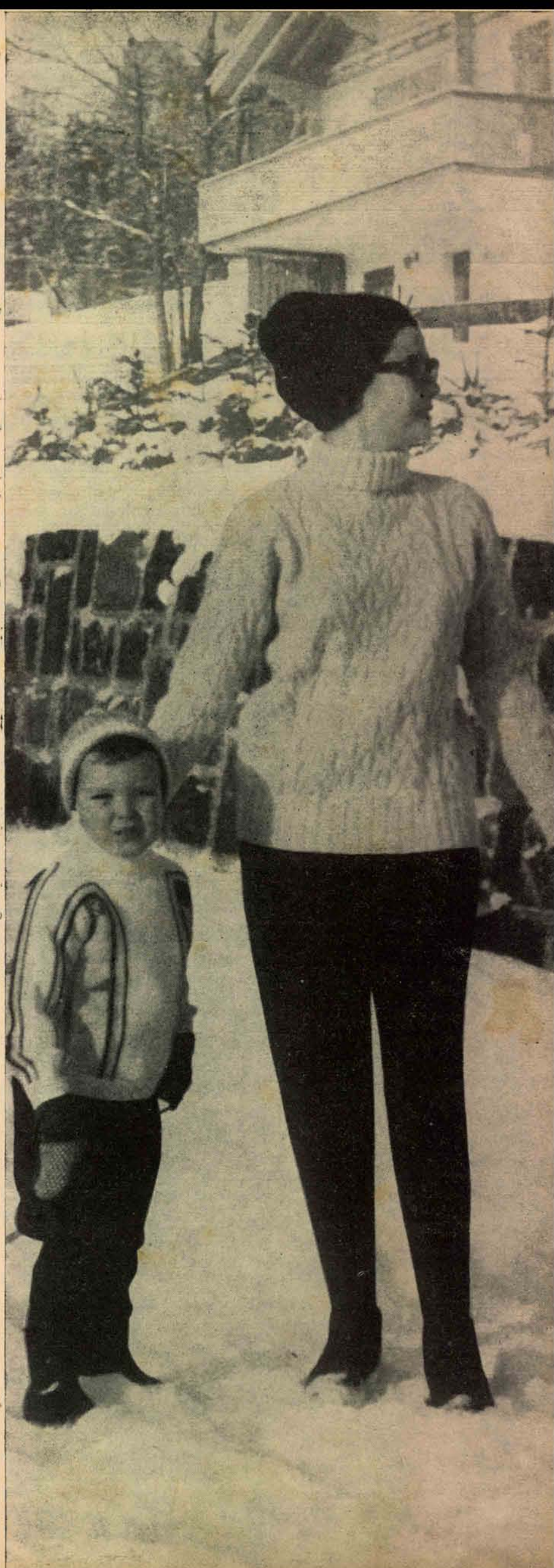


Andrew Albert Christian Edward, o segundo herdeiro do trono inglês, fez três anos no dia 19 de fevereiro de 63 e será duque quando completar a maioridade. «Ativo e agradável», segundo as informações oficiais do Palácio de Buckingham, ele gosta de brincar com cavalos e cães e de usar os seus sapatos vermelhos, mas chora de medo quando ouve as marchas militares inglesas executadas com gaitas de fole, desde o dia em que sua governanta o levou ao prado de Balmoral para ver uma parada. Antes de Andrew, o trono da Grã-Bretanha tem dois herdeiros: o Príncipe Charles, de 14 anos, e a Princesa Ana, de 12.

Quando Albert Alexander Louis Pierre nasceu, em 14 de março de 1958, 101 tiros de canhão do exército monegasco anunciaram a novidade: o Príncipe Rainier e sua esposa, a Princesa Grace Kelly, tinham um filho e Mônaco garantia sua independência política. Albert, que foi batizado com o mesmo nome de seu pai, governará como o último monarca absoluto da Europa, sobre 370 acres de terra e 25 mil súditos. Ele passa o tempo protegido por 150 criados do Palácio Grimaldi, brincando com sua irmã Carolina no zoo real, onde, se quiserem, podem acariciar um tigre.

Quando não vai passear na casa da vovó, em Filadélfia, ele nada na Riviera, joga bolas de neve na Suíça e brinca de esconde-esconde nos parques de Paris. Enquanto ele está sempre viajando, seu colega Reza Ciro Ali, do Irã, vive encerrado no palácio real de Teerã, porque a coroa de seu pai, o Xá Mohammed Reza Pahlevi, corre um perigo permanente e tem base precária. Moreno, cabelos e olhos negros, Ciro está sempre junto da mãe Farah Diba e tem, talvez, o melhor padrão de vida de todos os pequenos príncipes, embora tenha perdido a pensão oficial de 300 mil dólares anuais, em consequência da crise financeira do país. Mas ele não se importa com isso: como os seus companheiros, Ciro gosta da vidinha boa que leva, e acha que ela não acabará nunca.

J. L.





# ELAS

A Rainha Elizabeth, ao chegar à Nova Zelândia numa visita oficial junto do Príncipe Philips, assistiu, sem nada poder fazer, à quebra do protocolo: enquanto estendia a mão para os cumprimentos, um vento sem cerimônias soprou, erguendo o vestido parisiense de Sua Majestade.

Maria Ribeiro, eis um nome comum, mas que ficará falado em breve no cinema nôvo: trata-se da intérprete de Sinhá Vitória, personagem do romance «Vidas Secas», de Graciliano Ramos, que Nelson Pereira dos Santos acaba de rodar. M.R. está muito bem no papel de retirante.

Jackie Kennedy, nôvo hobby: andar um 1 quilômetro a pé, toda manhã, perto da Casa Branca, para manter a forma física. O Presidente Kennedy, entusiasta das grandes caminhadas, costuma fazer companhia a Jacqueline.

Carmen Costa, cantora negra brasileira que trocou o Brasil pelos E.U.A., onde diz ter sido a lançadora da bossa-nova, numa revelação que anda inquietando nossos compositores: — «Os americanos estão assumindo a paternidade de músicas feitas por brasileiros».

Georgia Quental, famoso manequim e estrêla de olhos verdes do cinema brasileiro, depois de usar, por alguns minutos, a cabeleira artificial de Brigitte Bardot, declara-se cheia de esperanças. — «Os cabelos de B.B. — diz ela — devem dar muita sorte».

A Sra. Maria Tereza Goulart vem encontrando vários contratempos que estão impedindo que ela se apresente ao mundo como a 1a. Dama Nº 1: após duas visitas adiadas de Jackie Kennedy, ela se preparou para desfilar sua beleza no Chile, mas acabou não indo.

Soraya, a Princesa Triste, entre dois fogos: enquanto uma reportagem da revista francesa «Paris Match» sobre o filme de Dino de Laurentis em que ela fará sua estréia no cinema, provoca iras no Irã, várias estrêlas, entre as quais Ava Gardner, dizem: — «Pode ser que Soraya se dê bem. Mas as vocações tardias são sempre duvidosas».

Norma Benguel, que mora num castelo na Itália, já está certa de que não faz castelos no ar: espera juntar bom dinheiro e voltar ao Brasil, em cujo cinema, que a revelou aos europeus, acredita muito, para ser produtora e atriz.

Elisa Doolittle, uma florista inventada por Bernard Shaw, o grande teatrólogo morto, é uma das personagens da ficção mais famosas em todo mundo: ela é a figura central de «Minha Querida Lady», que bateu recorde de permanência em cartaz em vários países, como, Brasil e E.U.A.. Entre nós, Bibi Ferreira é quem faz as vezes de Elisa Doolittle.

Paola, a feliz princesa da Bélgica, ganha mais uma vez as páginas das grandes revistas internacionais. Motivo: além de ser ótima cavaleira, excelente piloto, campeã de tênis, grande nadadora, revela-se agora uma corajosa adepta do ski.

Vivien Leigh, a célebre atriz inglesa, que ainda ama o ex-marido, Sir Laurence Olivier, numa receita para quem quiser esquecer seu grande amor: trabalhar, trabalhar, trabalhar. Vivien, que dança o charleston na opereta «Tovarich», em cartaz na Broadway, ensaia de 9 da manhã às 5 da tarde.



COLECÇÕES  
DE  
PARIS  
PARA A MEIA  
ESTACÃO



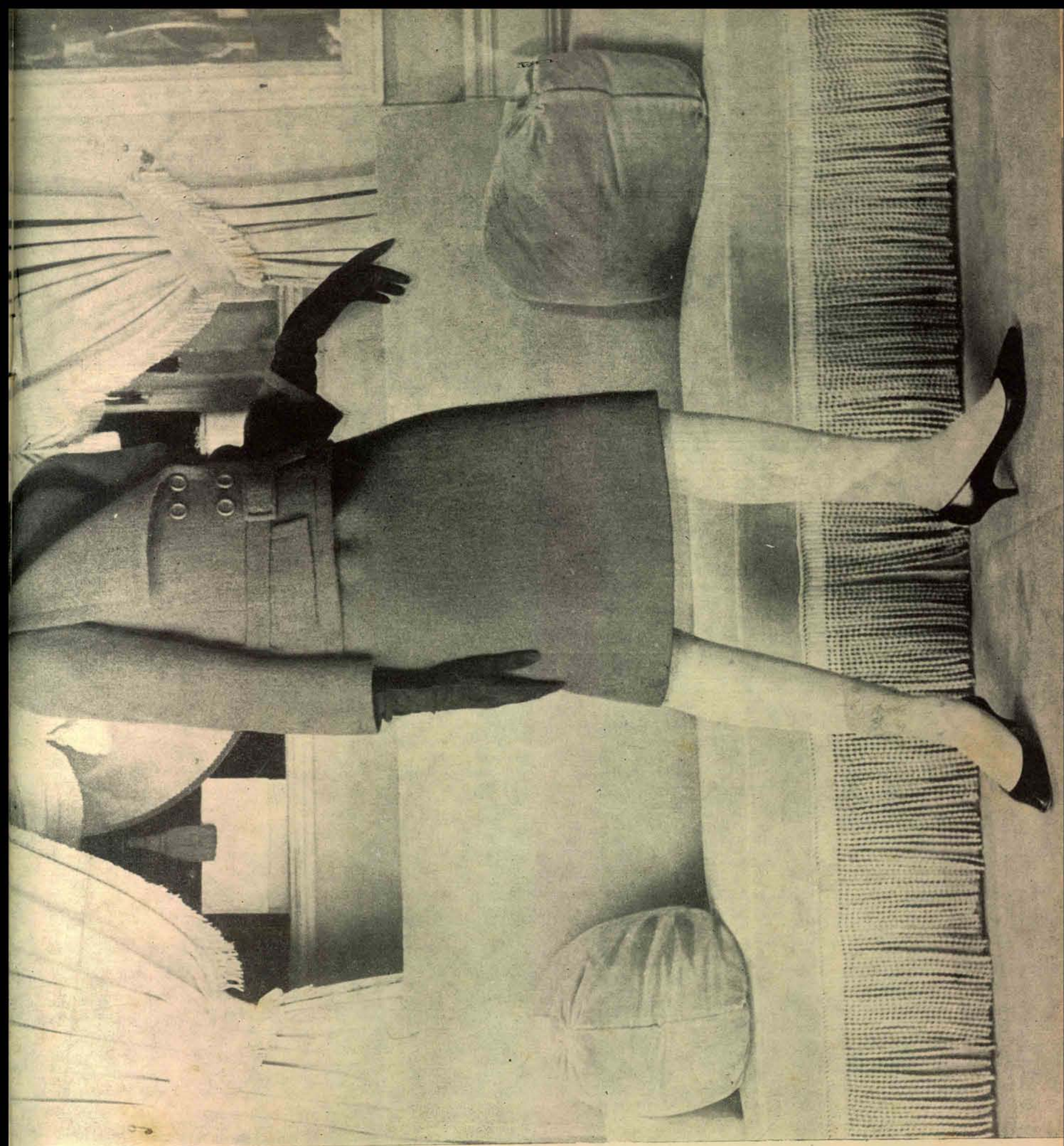
# DIOR

Um ar de moderação, leveza, quietude: eis a nota dominante neste lançamento de Dior. Ele relegou a saia ao segundo plano para atrair a atenção sobre as mangas, arredondadas por engenhosas pinças, aumentando o volume dos ombros femininos. Nas roupas cavadas, os ombros aumentam ainda mais, com drapados que emolduram o braço e com os casulos, que Dior traz de volta, junto com os botões de massa. O busto é pequeno e certo, a cintura está no lugar, as golas sempre afastadas do pescoço. As cavas são altas, bem juntas ao corpo, prendem os gestos e marcam o estilo da coleção.





Este «tailleur» em lã  
vermelha, acompanhado  
de blusa em seda  
azul-marinho, tem a gola  
tipo xale, com largas  
pontas quebradas, que se  
fecham em quatro  
botões: a manga,  
marcando bem a tendência  
Dior — cava alta e  
ombros arredondados —  
desce com pouca  
largura até em baixo.

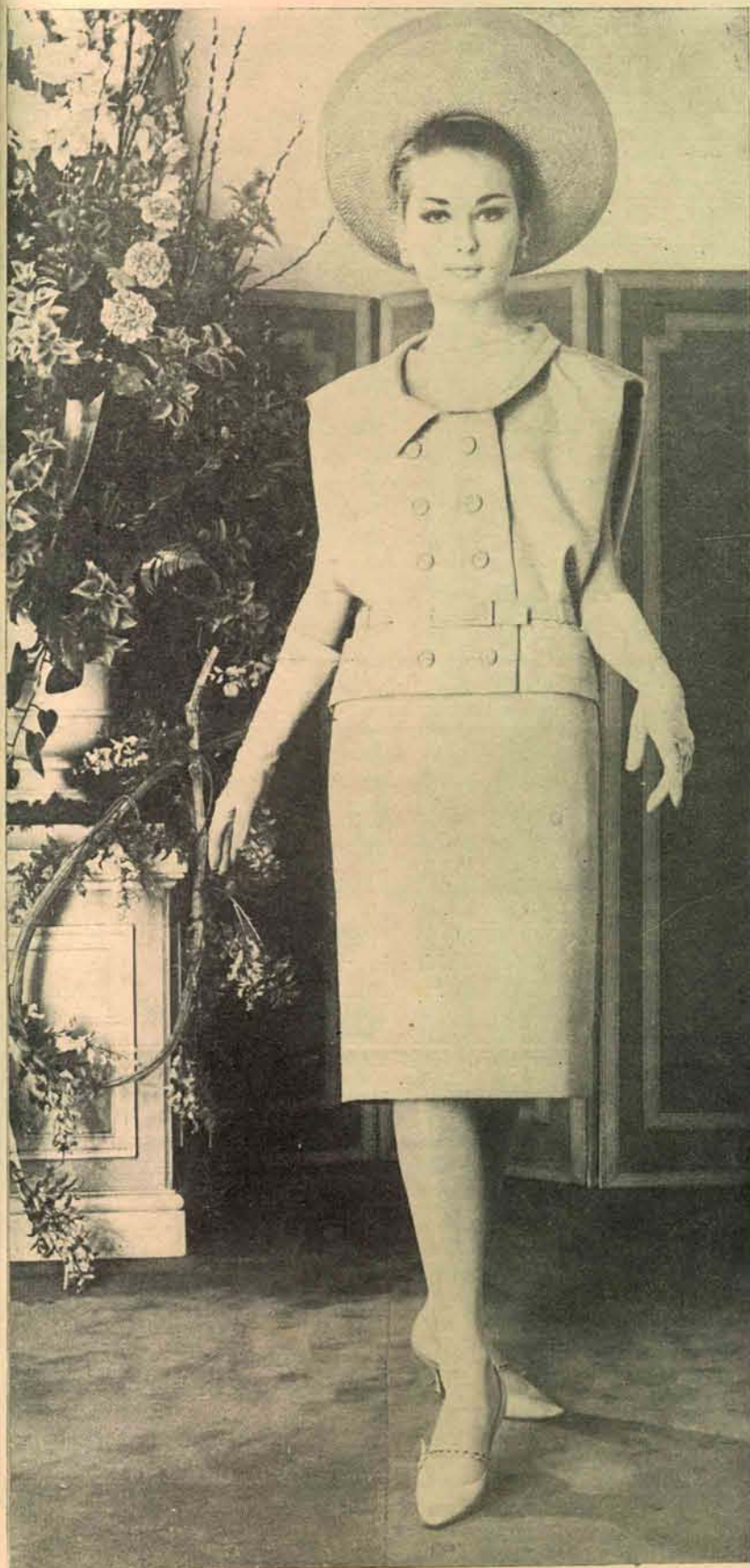








Conjunto «fourreau» e casulo, em tecido azul-turquesa. Detalhe: o pesponto largo em linha brilhante, ao redor do decote raso, ligeiramente afastado para os ombros. O casulo é abotoado em dois, marcando um pouco a cintura.



Dior volta ao clássico neste costume em lã grossa, verde-absinto, acompanhado de blusa em sêda verde-pistache. O corte é valorizado pelos pespontos e por modernos botões em massa, enquanto a gola se afasta do pescoço, e a manga é de ombros arredondados.

Este duas-peças em lãzinha vermelha apresenta, como grande novidade, a cava drapeada. A gola inteiriça, tôda pespontada, fecha-se num borda-a-borda prêso por botões até a cintura. Quatro bolsos paralelos na vertical dão um toque juvenil e prático ao modelo.



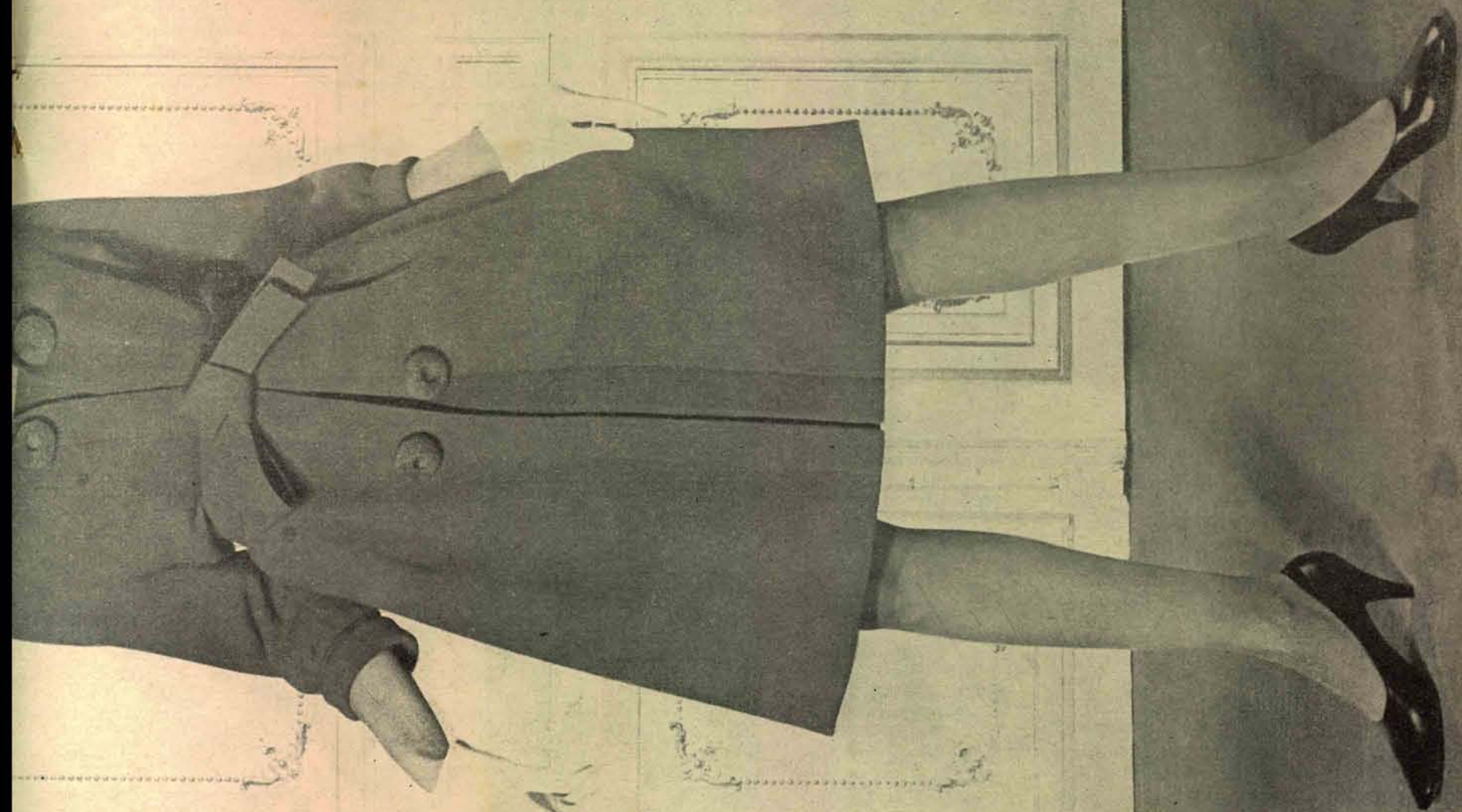
# CARDIN

Cardin é a graça, a juventude, a feminilidade neste lançamento em que ele joga com plissês, nervuras e enviesados, marcando a cintura um pouco acima do normal, para diminuir a silhueta e torná-la mais delicada. O busto é sempre bem marcado, por meio de cortes e pinças, fugindo ao corte clássico nos duas-peças e casacos. A saia se valoriza com o uso dos godês e do plissê-soleil. As mangas estão em destaque: pregadas com os ombros um pouco mais baixos, ou no estilo japonês tradicional. As vêzes, terminam com punhos enviesados que prendem a largura em franzidos ligeiros, dando o ar "jeune fille" que é o toque característico do costureiro.





Este robe mantô, em crepe de lã levemente rodado, tem a cintura marcada por pinças profundas, prêças por um cinto que a sustenta um pouco acima do normal. A gola é esporte, os botões, em massa trabalhada, são decorativos e as bordas são prêças em largos pespontos por uma tira.







A gola militar dá o toque diferente neste duas-peças juvenil, cuja saia, enviesada, é marcada por nervuras. O decote é em estilo borda-a-borda, com o detalhe do couro no cinto.

«Tailleur» em lã rosa: a saia é simples, ligeiramente evasê, o casaco é de «basque» curtinha e as manga, em japonês clássico, descem até abaixo do cotovelo. Abotoado por dentro, seu único detalhe é um grande botão trabalhado em passamanaria.







Duas-peças, em saia semi-godê,  
com o plissê-soleil marcado  
dos quadris para baixo. O decote  
redondo está no meio,  
descendo em borda-a-borda  
até a cintura, prêso por  
largo pesponto que contorna  
tôda a volta.



# LANVIN

Lanvin abandona os artifícios e as flutuações da moda, tendendo para uma linha estritamente funcional, sem requintes: êste "tailleur" realça bem a simplicidade proposital do costureiro. A saia, exatamente cobrindo os joelhos, é em estilo caixa-de-fósforos; o casaquinho, com dois botões perpendiculares, marca a cintura no ponto normal. As mangas, em três quartos, seguem o japonês clássico. O tecido é à escolha; quanto à cor, Lanvin sugere o vermelho.



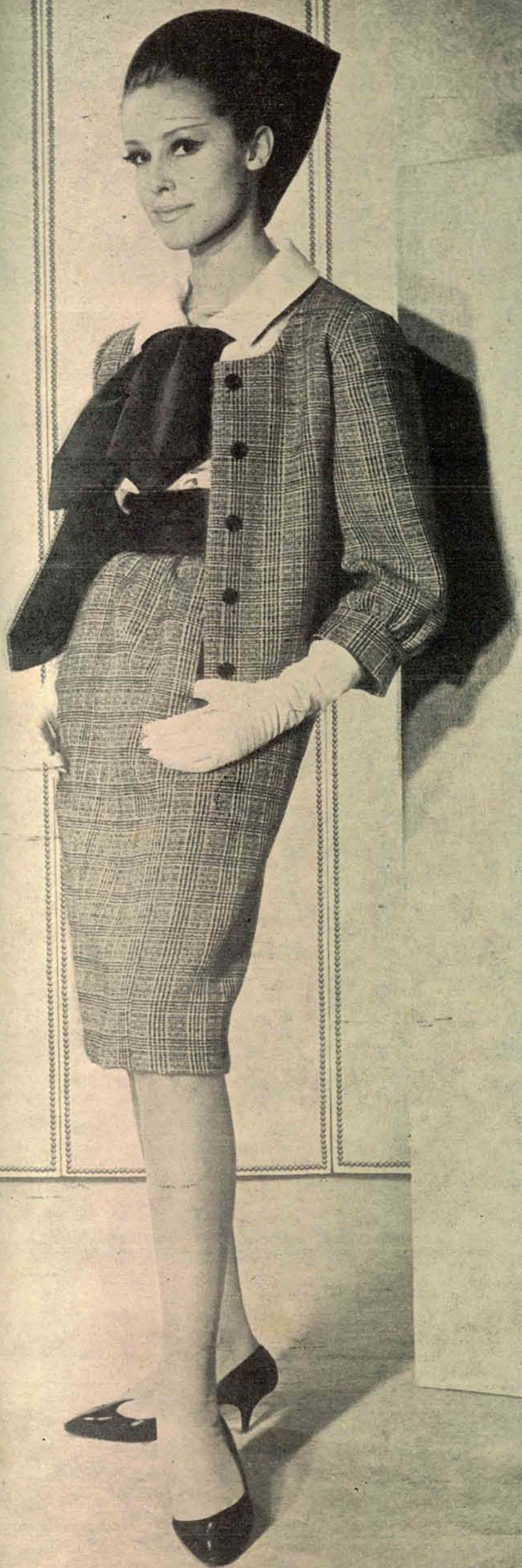




# LAROCHE

O estilo colegial é a marca registrada de Guy Laroche, o costureiro número 1 das "jeune filles" parisienses. Seu estilo se define neste belo conjunto em príncipe-de-gales azul e branco, com blusa de sêda branca e gravata e cinturão em azul marinho. O casaco, de corte simples, forrado em xantungue marinho, se completa com outros detalhes: gravata e cinturão -, ambos enviesados, do mesmo tecido. Na blusinha, o colarinho armado, tipo colegial, se mantém ligeiramente afastado do pescoço.

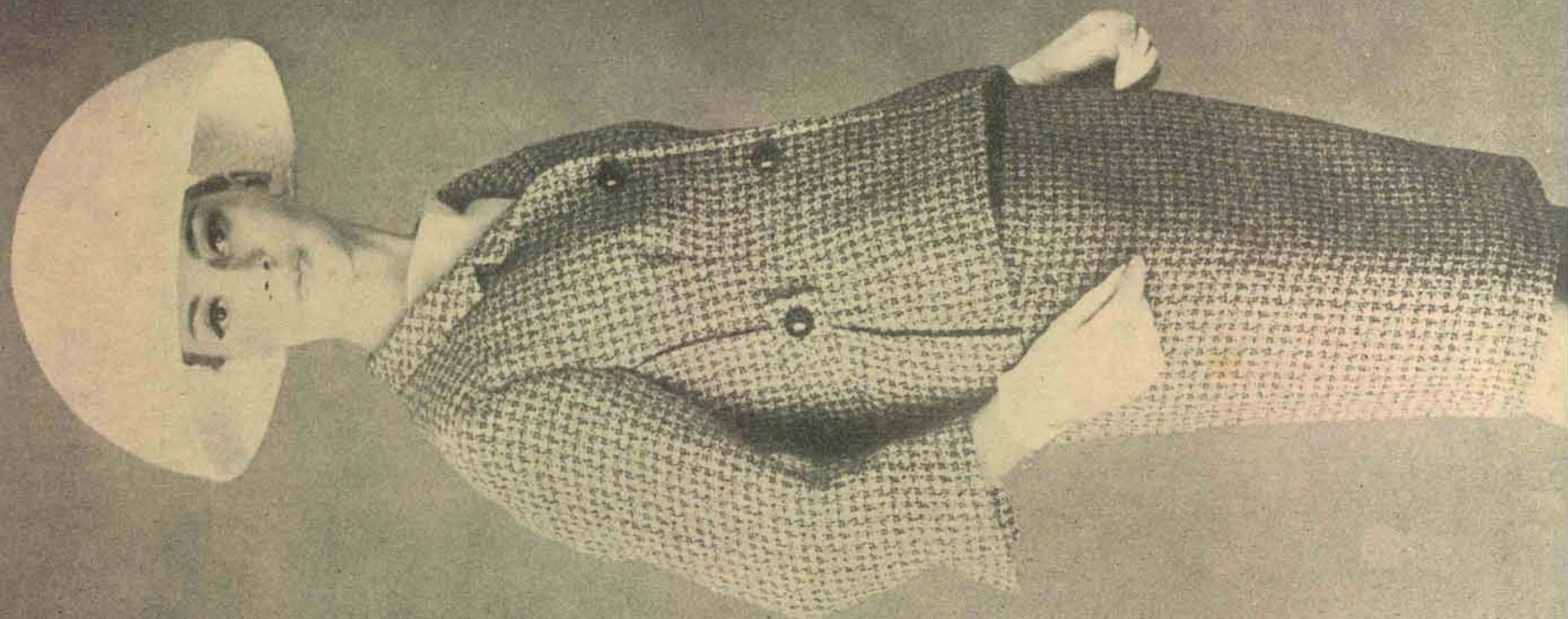




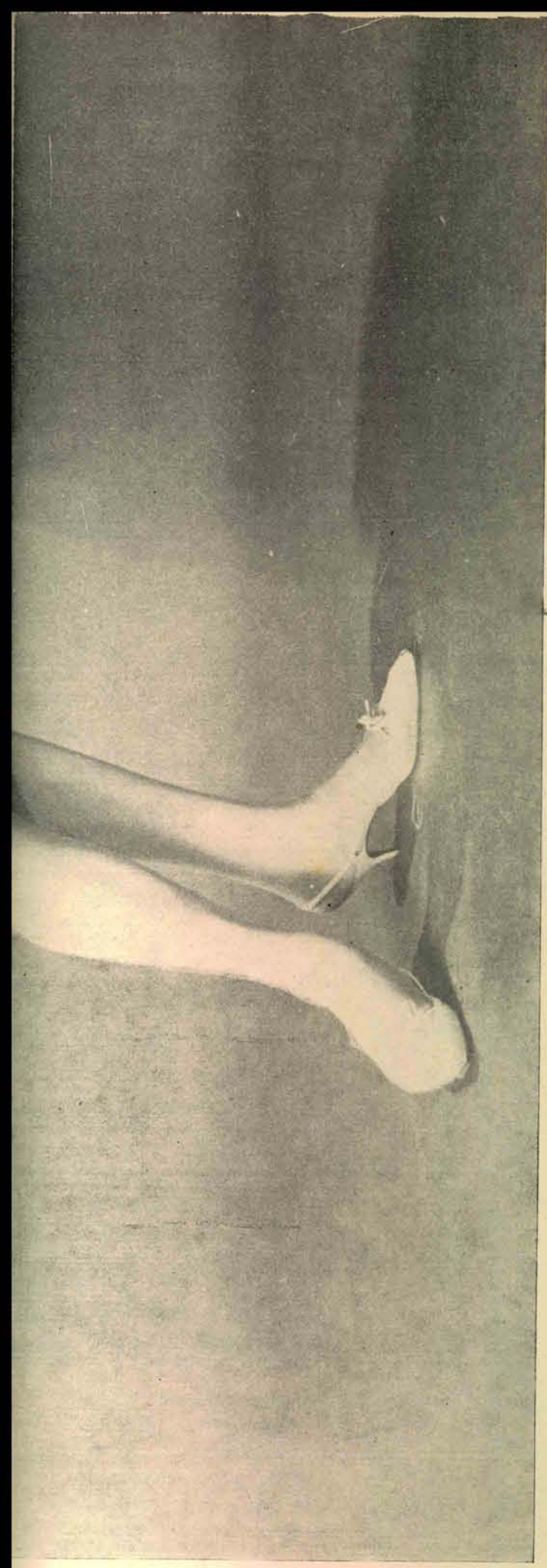
A simplicidade juvenil de Laroche está bem marcada pela saia reta, com dois bolsos nas costuras laterais, ajustando-se na cintura pela aplicação de pinças soltas.



A ousadia de Esterel está bem marcada neste «tailleur» meia-estação de lapela clássica. O corte lateral, que avança para a frente, dá o toque de requinte, avançando para a frente, tornando a silhueta minhon, com um busto alto e pequeno.





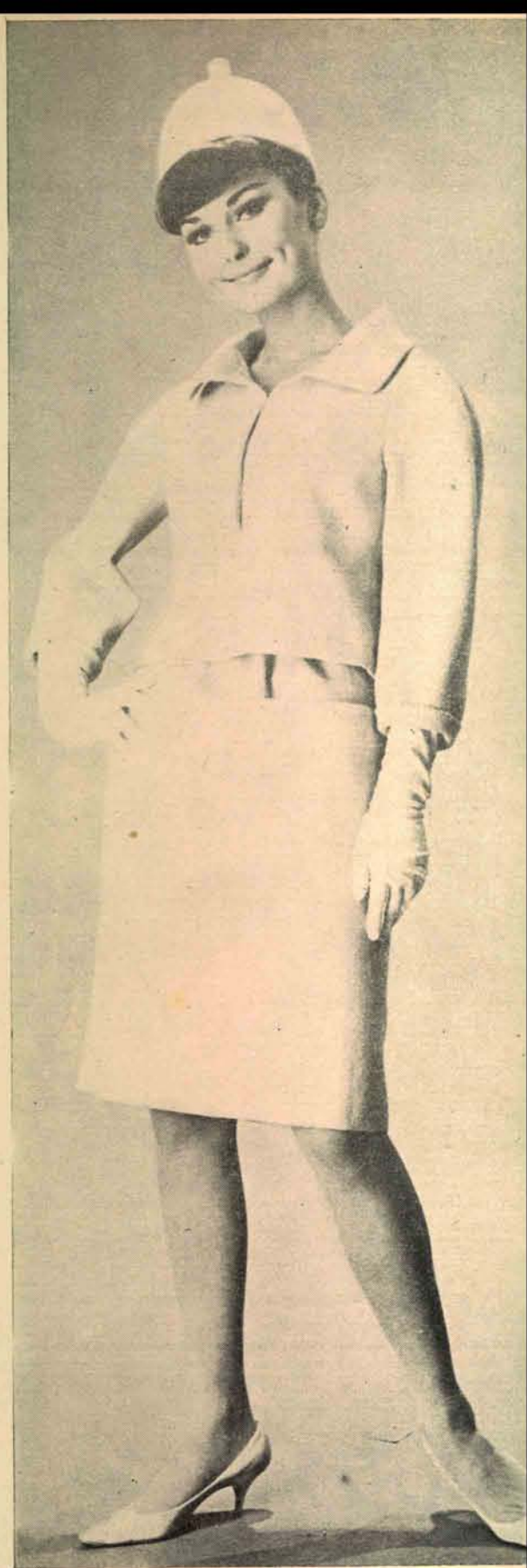


# HEIM ESTEREL GOMIA RAUCH

A alta moda francesa tem quatro faces nesta amostra das últimas tendências para a meia-estação: Jacques Heim inspira-se nos uniformes militares, onde êle buscou as palas e as golas levantadas; Esterel é a extravagância, com a valorização das contas em bufantes que lembram a antiga linha colher, mantendo na frente a cintura bem alta, quase no estilo dretório; Michel Goma é nitidamente juvenil, jogando com cores claras e conjuntos duas - peças simples, em "prêt-à-porter", para tôdas as horas; e Madeleine de Rauch ensaia uma volta ao clássico, adotando o corte tradicional para os mantôs e casacos.



Michel Goma apresenta este conjunto juvenil em lã rosa, em que as mangas japonesas saem da pala. O casaquinho é curto e deixa entrever as pences da saia, que ajudam a modelar a cintura.

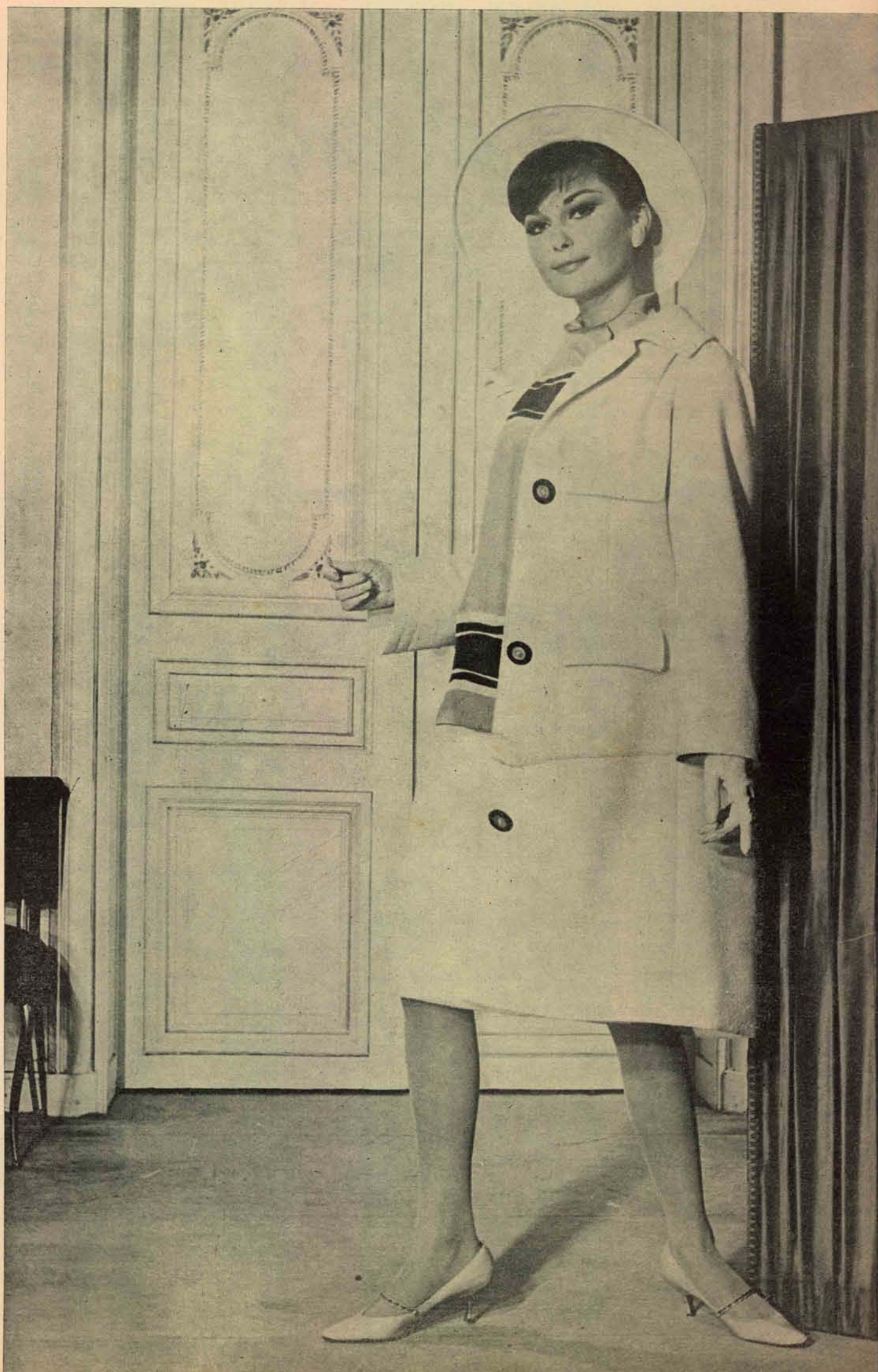


Ainda Heim, e ainda a inspiração militar: uma variação do mantô, em linha simplificada e em tecido verde claro. Sua grande novidade está na introdução das mangas tipo sino adaptadas pelo costureiro.





Clássica na gola e no talho, Madeleine de Rauch sugere o mantô reto, no corte, acompanhando uma saia sêca do mesmo tecido. Em sêda estampada, o blusão apresenta um «foulard» do mesmo tecido no pescoço.





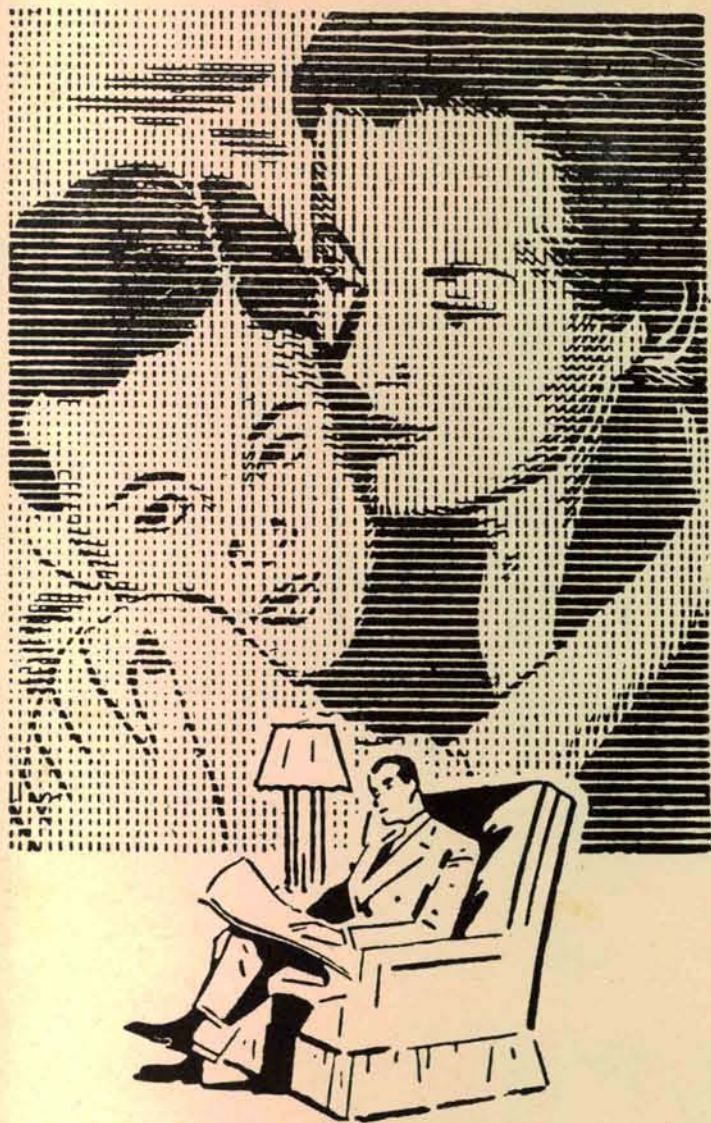
# FEMININAS



De nôvo Pierre Cardin: êle apresenta agora êste requintado costume de linho onde se destacam todos os detalhes que marcam a personalidade da sua moda jovem, leve, graciosa e acima de tudo feminina. A saia é simples, sem artifícios, valorizando a blusa, que traz a marca registrada do costureiro, na sua tendência atual: o império dos plissês e das nervuras. Como sempre, a cintura é marcada um pouco acima do normal, para tornar mais esguia a silhueta da mulher. As mangas seguem o japonês clássico.

*Em junho, mais moda exclusiva para Você na nova Alterosa*





**sim,**

**E' PRECISO HAVER UMA PAUSA PARA MEDITAÇÃO**

**S**e luta HOJE para proporcionar aos seus entes queridos o máximo conforto, sentir-se-á feliz por deixar-lhes AMANHÃ recursos bastantes para uma situação de segurança e bem-estar. Eis por que deve haver, na sua vida agitada, uma **pausa para meditação**. E compreenderá que somente através do Seguro de Vida é que poderá realizar esse ideal.

*Companhia de Seguros*  
**MINAS-BRASIL**  
SEGUROS DE VIDA

VIDA — INCÊNDIO — RESPONSABILIDADE CIVIL — SEGURO COLETIVO — TRANSPORTES — ACIDENTES PESSOAIS — ACIDENTES DO TRABALHO — ROUBO — RISCOS DIVERSOS



**há um lugar para a senhora neste grande empreendimento**

A visão e a capacidade da mulher moderna cada dia mais lhe asseguram uma presença de destaque na dinamização das atividades econômicas. Por isso mesmo, no Santa Maria, há um lugar especial para a Senhora, como força atuante e afirmativa, que não pode estar alheia a uma realização de tal vulto e importância. No Santa Maria a Senhora terá o seu mais moderno e elegante ponto de compras, num ambiente de pleno conforto e distinção social - e ele também será seu! Adquirindo ações do Santa Maria, a Senhora participa pessoalmente de um grande empreendimento e realiza um investimento seguro, de êxito garantido. De fato, nenhuma outra aplicação de capitais ou de economias lhe oferece tanto, com tanta segurança, em condições tão excepcionais.

seja v. também sócia do

**SANTA MARIA**

A senhora se tornará sócia de uma pujante organização comercial - do maior magazin de Minas Gerais - dirigida por

estes empresários de comprovada visão e experiência:  
Diretoria: Luiz Gonzaga Rennó, Gerson Moretzshon, João Vasconcelos Pôrto, Antônio Vidigal, Thomé Palhares, Nirlando Moacir Miranda Beirão e Nazareno Carvalho Rennó.  
Conselho Fiscal: José de Melo Soares de Gouvêa, Cicero Neves de Queiroz e Luiz Souza Lima.

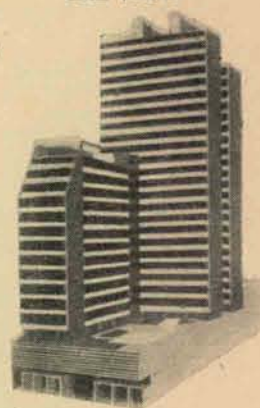
Você se juntará a seis renomadas firmas - Grupo Bemoreira, Serve-Bem, São Félix, Comércio de Louças Beirão, Sociedade Santa Rita e Casa Palhares Comercial.

Você gozará, desde logo, de especiais vantagens. Adquirindo um mínimo de 30 ações, você obtém o direito de uma bonificação de 10% sobre o valor nominal das ações, para comprar o que quiser em qualquer departamento do Santa Maria, durante o seu primeiro ano de funcionamento. E terá, ainda, durante 3 meses, um desconto especial de 5% nas compras de gêneros alimentícios, efetuadas em seu supermercado, o que representa, praticamente, o reembolso rápido de grande parte de sua inversão inicial.

As condições de aquisição de ações são excepcionais. Cada ação ordinária tem o valor de Cr\$1.200,00 e você pode adquirir quantas desejar, para integralizá-las até em 10 meses, sem qualquer acréscimo.

Servido por 4 moderníssimas escadas rolantes, o Santa Maria terá uma área de 7.700 m<sup>2</sup>. e ocupará três andares do moderno e funcional prédio que se erige na rua da Bahia, n.º 1022, e que estará terminado brevemente. Seu supermercado terá entrada independente, pela rua Espírito Santo.

**A GRANDE REALIZAÇÃO DE 1963**



Nenhum outro investimento lhe oferece tanto, com tanta segurança. Visite o local... e adquira hoje mesmo suas ações, na

**INVESTIMINAS**  
Rua da Bahia, 1032 - 10.º andar - conjunto 1007.

ou com os seus corretores devidamente credenciados.

PREENCHA, RECORTE E ENVIE HOJE MESMO A

INVESTIMINAS

Rua da Bahia, 1032 - 10.º and. - conj. 1007 Desejo receber maiores esclarecimentos sobre as vantagens das ações do Santa Maria.

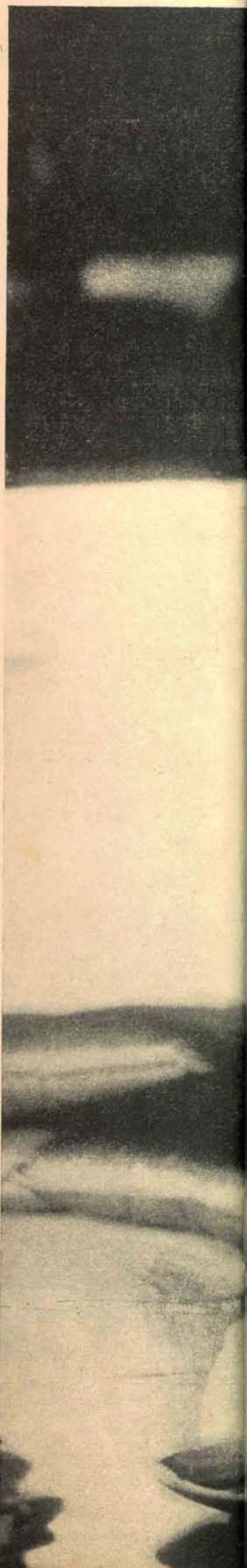
Nome \_\_\_\_\_ N.º \_\_\_\_\_  
Rua \_\_\_\_\_ Cidade \_\_\_\_\_

JMM/BH 97005



# EIS NATALIE, UM “STRIP-TEASE” PELA CORÔA DE MARILYN MONROE

Esta môça se despe tôdas as noites diante de milhões de pessoas dos E.U.A. e da Europa. E quando o mundo inteiro ficar conhecendo o seu corpo, ela se transformará em rainha e ocupará o lugar vago de uma outra môça que também reinou desde o dia em que apareceu sem roupa num calendário. Mas enquanto a ex-rainha, que se chamava Marilyn Monroe, vendeu a sua pôse por 20 dólares, para matar a fome de uma jovem sem dinheiro, a mais forte candidata ao pôsto, que se chama Natalie Wood, cobrou 400 mil dólares pelo “strip-tease” que fará dela a atriz número 1 de Hollywood: com 25 anos, 23 filmes, um divórcio e um “sex appeal” sob medida, ela se prepara para ser o nôvo mito do cinema. Para isso dará adeus à saia e blusa.







Fotos:  
Robin Douglas  
Home, da  
Câmera Press



Cabelos Na Testa  
E Malícia Nos Olhos Criam  
Um Nôvo Mito







Os vinte e um anos de cinema não deixaram em Natalie Wood nenhuma ilusão. Ela sabe que agora, para chegar a ser a estrela número 1, terá que se transformar num produto como outro qualquer que a publicidade manipula para criar mercado. Como um automóvel que é comprado pela beleza das linhas, pela potência do motor ou pelo conforto que proporciona, uma estrela — que tem prestígio de acordo com o número de fãs que pagam para ver os seus filmes — precisa formar um tipo de heroína que agrade ao maior número possível de pessoas. O que uma atriz faz os fãs procuram imitar: surge então uma nova moda. Natalie está criando um modelo de grande aceitação: o da moça aparentemente má, cheia de problemas, mas que na verdade tem bom coração. O olhar malicioso ajuda na composição desse tipo, assim como o cabelo caído na testa, parecendo despenteado. O corpo, provocante até com vestidos sóbrios, é essencial. O sorriso ingênuo deixa entrever a boa menina que é nos finais dos filmes. São algumas das características que a publicidade está usando para promover a nova favorita do cinema americano.





# Natalie

## Ou A Procura De

### Nôvo Mito

Quando Marilyn Monroe foi encontrada morta em seu quarto, os produtores cinematográficos sentiram que estava em perigo todo um esquema preparado para a luta contra a televisão. Enquanto o público sentia a perda do ideal de mulher, do grande mito — o ídolo que se formara com anos de noticiário sobre sua atividade profissional e, principalmente, sobre sua vida particular, os amôres, as desventuras, as aspirações — eles pensavam de maneira diferente. Marilyn era, para eles, a arma número um contra a queda da frequência nos cinemas. Sabiam ainda que não encontrariam uma substituta imediatamente. Elizabeth Taylor, o ídolo número dois, doente e dando grandes prejuízos à Fox por causa dos atrasos na filmagem de «Cleópatra», não poderia ocupar o lugar. Grace Kelly estava afastada do cinema e não queria voltar. Ava Gardner já estava fora de moda. Gina Lollobrigida e Sophia Loren, importadas da Itália, não estavam se adaptando bem ao sistema de produção americano. Havia uma estrêla em ascensão — Kim Novak — e uma promessa — Natalie Wood, ex-menina-prodígio que o público redescobrira em «Juventude Transviada». Qual delas ganharia o duelo?

Hollywood iniciou 1950 lutando contra um grande inimigo: a televisão, que estava fazendo baixar as rendas de seus filmes. Sem sair de casa e sem pagar ingressos, homens e mulheres tinham a diversão que precisavam. Se não encontravam na tv aquela intimidade que a penumbra das salas de cinemas dá, permitindo ao espectador ter uma

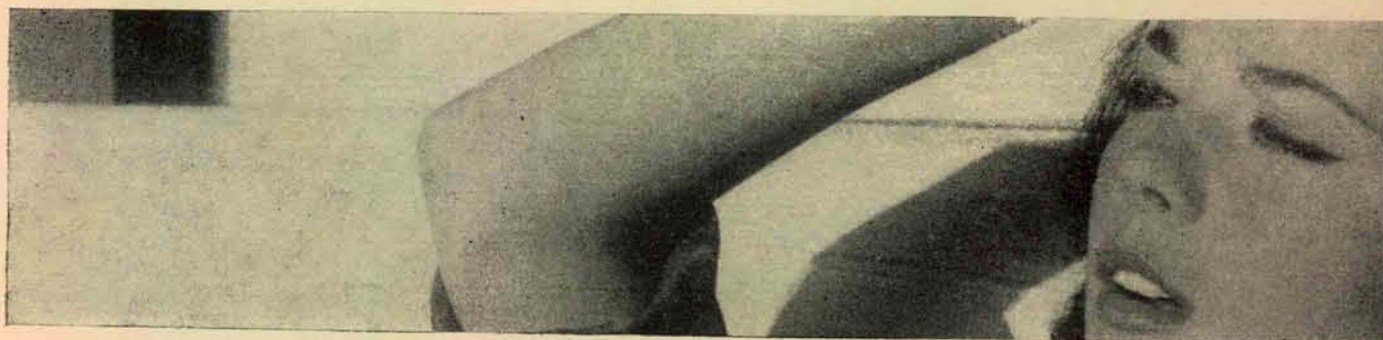
participação na ação dos filmes através da identificação com heróis e heroínas — e essa é a razão da existência dos grandes astros, símbolos das aspirações das massas e modelos de conduta —, tinham o conforto de suas casas. Os produtores, conhecendo os motivos da queda das rendas, buscaram novas atrações para os filmes. As telas alargaram-se com o cinemascope, o cinerama, o tecnirama e o Todd-Ao. A côr passou a ser elemento essencial ao filme. E começaram a surgir as superproduções: «A Volta ao Mundo em 80 Dias», «Os Dez Mandamentos», «Ben Hur», «Exodus», «O Manto Sagrado» e outros são exemplos da tentativa para reconquistar o público.

As superproduções exigiam grandes astros. Alguns velhos, como Humphrey Bogart e Gary Cooper, donos de grande público, ganharam novas oportunidades. Glenn Ford, John Wayne, James Stewart, William Holden, Elizabeth Taylor, Lana Turner, Kirk Douglas, Frank Sinatra e outros veteranos adquiriram maior projeção. E começaram a surgir os novos: Marilyn Monroe, Charlton Heston, Marlon Brando, Kim Novak, Rock Hudson, Yul Brynner, Grace Kelly, James Dean, eram alguns deles. Marilyn Monroe e James Dean, graças à maior publicidade, transformaram-se logo em mitos. James Dean morreu e não foi difícil preencher o seu lugar. Marilyn Monroe, a estrêla marcada por um passado difícil que o sucesso não conseguiu apagar, representava para a mulher americana um exemplo contra as suas frustrações. Era o maior trunfo do cine-





Um único divórcio não  
faz o drama de  
Natalie Wood: ela  
só é dramática na tela.



ma, a estrêla quase insubstituível. Mas um dia o público redescobriu Natalie Wood, «sexy» como Marilyn, bonita como Marilyn, mais jovem do que Marilyn. Começou o trabalho para elevá-la à condição de primeira atriz do cinema americano. «Clamor do Sexo» foi um teste para verificação de suas qualidades dramáticas. «Amor, Sublime Amor» mostrou que ela sabe cantar e dançar. Finalmente «Gipsy», biografia de Gipsy Rose Lee, a introdutora do strip-tease nos clubes noturnos de Chicago e Las Vegas, é o filme que a transforma em grande estrêla e a candidata mais provável ao pôsto de Marilyn.

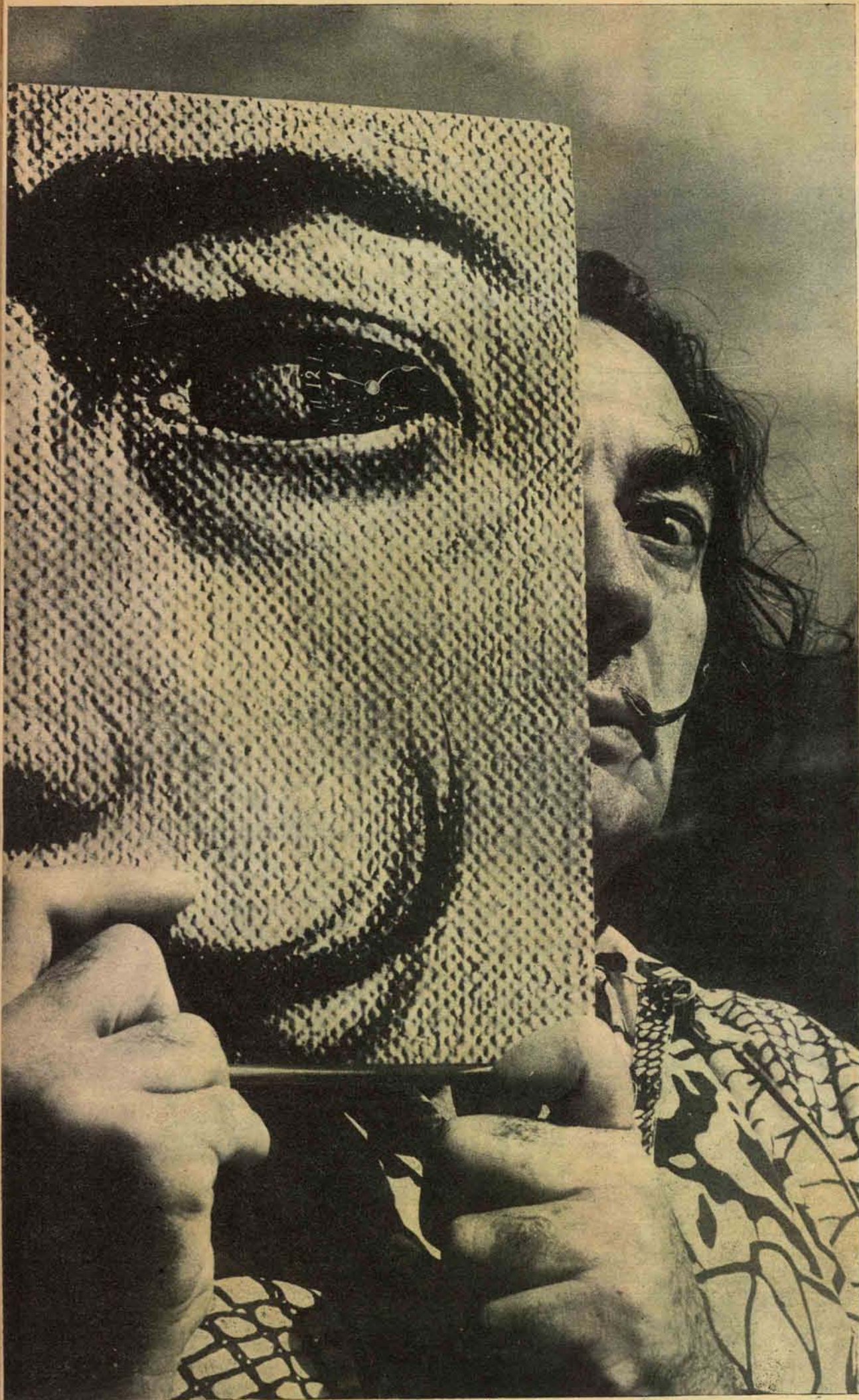
Apesar dos 25 anos incompletos, Natalie Wood é veterana no cinema. Começou como intérprete infantil na época em que Shirley Temple e Margaret O'Brien eram famosas como meninas-prodígio. Tinha quatro anos e um dos seus primeiros papéis foi em «O Amanhã E' Eterno», como filha de Orson Welles, seu descobridor. Não chegou a ser um ídolo, embora em 1947 fôsse considerada a melhor atriz infantil e dois anos depois, pela atuação em «De Ilusão Também se Vive», recebesse outro prêmio. Como Elizabeth Taylor, que também começou como atriz infantil, teve uma fase apagada na adolescência, para voltar ao cartaz depois dos 18 anos. Hoje trabalha sob contrato, na Warner Bros, recebendo por filme 400 mil dólares, o mesmo salário de Kim Novak. Foi duas vezes candidata ao Oscar: em 1956, pela atuação em «Juventude Transviada», e em 1962, por «Clamor do Sexo», perdendo o prêmio para Sophia Loren.

A receita para o sucesso de

uma atriz no cinema americano inclui como condições básicas a juventude, a beleza e uma boa dose de erotismo. Pelo menos setenta por cento dos freqüentadores dos cinemas são jovens. Quando Natalie Wood fêz em «Juventude Transviada» o papel de uma môça com os mesmos problemas que tinham, reagindo como êles reagiam, os adolescentes passaram a idolatrá-la. E ela, que fazia a primeira cena de amor no cinema, tinha a seu favor um fato muito importante: era, no filme, a namorada de James Dean. O casamento com Robert Wagner ajudou sua ascensão. Quando se divorciou, em 1961, não houve escândalos, e por isso não teve a carreira prejudicada. Quanto ao comportamento erótico como atriz, Natalie Wood aperfeiçoou-o de filme para filme. Quando fêz «Clamor do Sexo» demonstrou ser tão provocante quanto Marilyn Monroe ou Brigitte Bardot. Veio então a prova máxima: «Gipsy». Ela revive as cenas que escandalizaram os americanos há 30 anos atrás: Gipsy Rose Lee despindo-se nos clubes noturnos de Chicago e Las Vegas. O filme, ainda inédito no Brasil, é sucesso de bilheteria nos Estados Unidos e inicia uma nova etapa de sua carreira. E' agora uma das atrizes de maior bilheteria, tem condições para impor os argumentos que quiser, e dentro de pouco tempo poderá cobrar até um milhão de dólares por filme. Môças e mulheres de todo o mundo se vestirão como ela, usarão o seu penteado e copiarão os seus gestos. Nesse momento o mito Natalie Wood será realidade, como querem os grandes de Hollywood. E ela subirá ao trono de Marilyn.

CC





Reportagem: Raymond Druon  
Fotos: Icapress





# DALI, O MUNDO PELO AVÊSSO

Este homem vê o mundo pelo avesso. Colocando gavetas nas pernas das mulheres que pinta, e fazendo um cavalo atravessar a chave de uma porta para surgir do outro lado com uma cabeça humana, ele disputa com um amigo chamado Picasso a glória de ser o maior artista de seu tempo. Depois de conquistar, com quadros que valem mais de Cr\$ 20 milhões, o prestígio de papa do surrealismo, ele ficou famoso por um talento extra: os casos verdadeiros que o transformaram num personagem onde não é difícil saber onde acaba o gênio e onde começa o louco. Eis a sua última piada: «Não sei porque os americanos estão achando tanta graça no sorriso da Mona Lisa, se o meu é muito mais interessante».





# Nove

## *Histórias Fazem o*

### *Auto-Retrato*

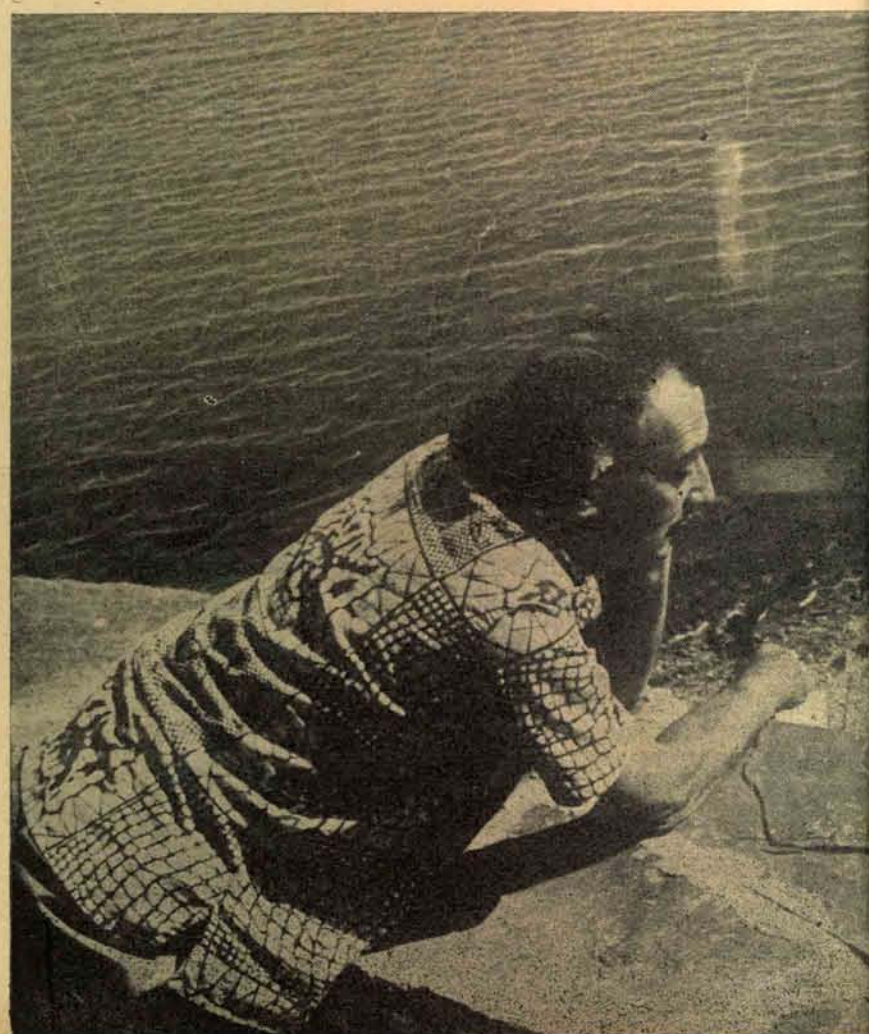
### *De Salvador*

Salvador Dali seduziu com um diálogo de meia hora a mulher de seu melhor amigo, o poeta Paul Éluard, durante um primeiro e rápido encontro na praia: pouco depois eles estavam casados, num «happy-end» surrealista que contou com a confraternização dos três personagens — o marido abandonado, a mulher e o outro. Transformando-a em sua grande musa, Dali embarcou com ela para os Estados Unidos, montou um estúdio em Nova Iorque e enriqueceu rapidamente, pintando retratos de senhoras da alta sociedade a 25 mil dólares cada um. Com bastante dinheiro no bolso, ele fez uma requintada viagem de lua-de-mel na Califórnia.

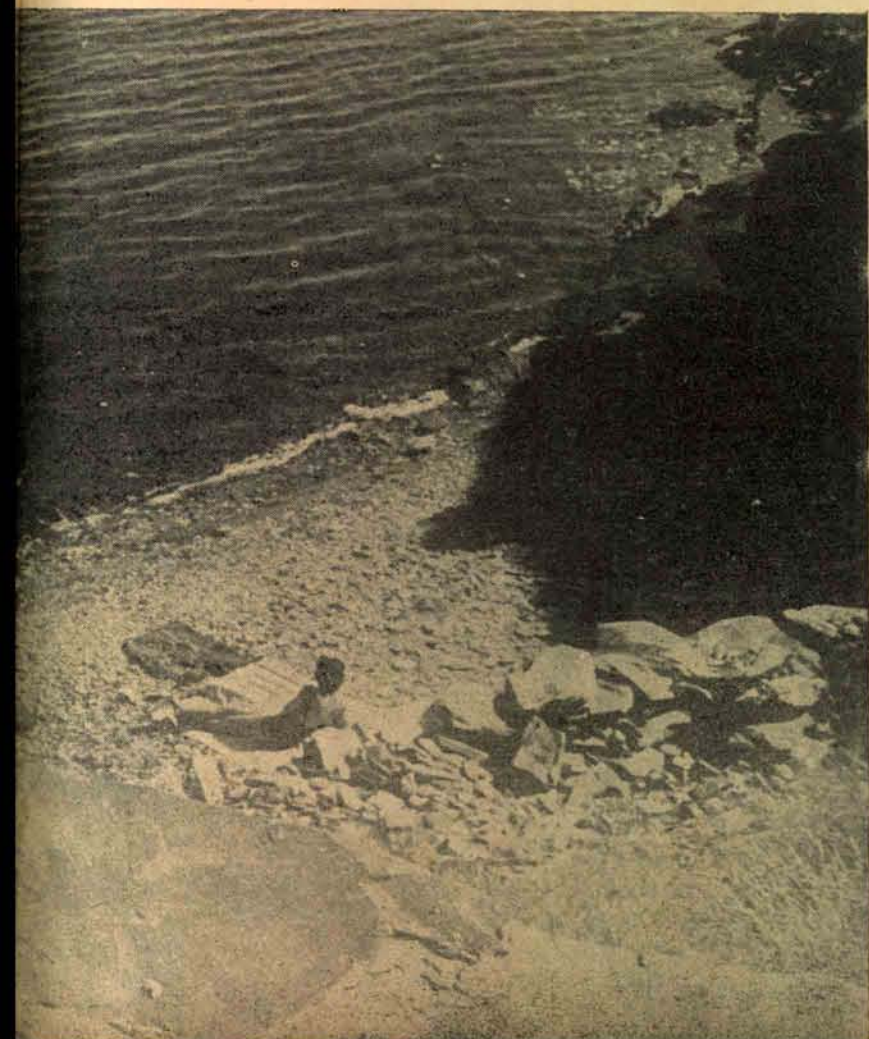
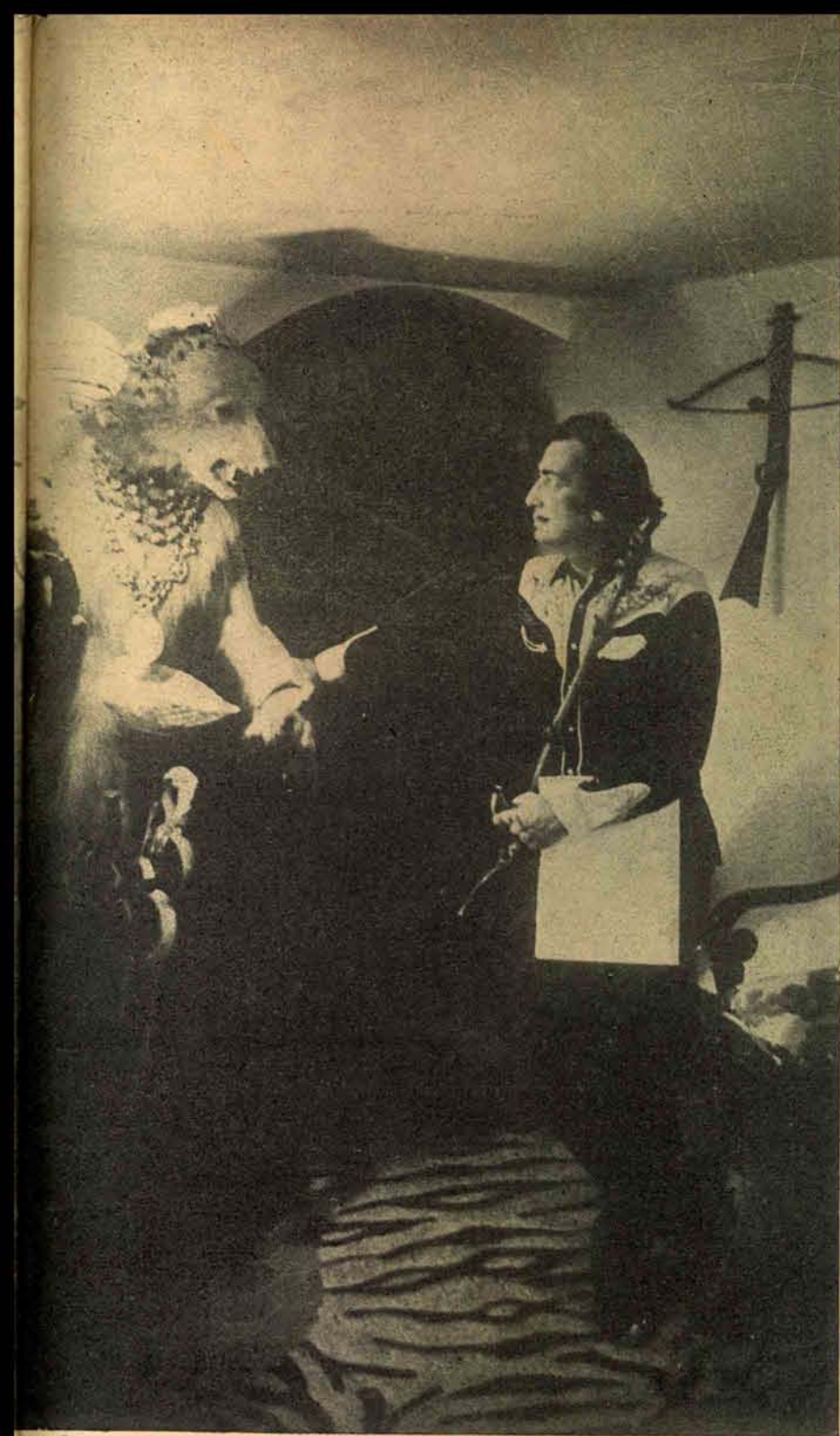
Para comemorar o seu último aniversário, Dali ofereceu um banquete de dois mil talheres no Waldorf Astoria Hotel, convidando, entre outras personalidades, o príncipe Ali Khan e a Duquesa de Windsor. Uma impaciência coletiva invadiu o salão porque a festa estava no fim e o aniversariante não aparecia. À meia-noite, uma guarda de honra, composta por negros vestidos em uniformes egípcios, entrou no local tocando trombetas e carregando um bôlo gigante. Ante a expectativa geral surgiu, então, de dentro do bôlo, a figura de Salvador Dali.

Esta também aconteceu em Nova Iorque: durante o lançamento de um de seus livros, ele concedeu autógrafos dentro da vitrina da editora, enquanto um aparelho de eletrocardiograma, ligado ao seu pulso, revelava em gráficos as pulsações do coração.

Em janeiro deste ano, o balé surrealista de Dali foi notícia em toda a imprensa norte-americana: no espetáculo, com música, texto e cenário feitos por ele próprio, a bailarina principal dança durante uma hora e quarenta e cinco minutos dentro de um olho ensanguentado, enquanto os demais figurantes a rodeiam carregando pedaços inteiros de boi. A intérprete







Apesar de suas  
contradições, Dalí  
é coerente no  
amor: no estranho  
mundo onde  
vive, Gala, a  
ex-espôsa de Paul  
Éluard, deu  
ao pintor a  
felicidade de um  
casamento perfeito.

do papel principal, durante a temporada de Nova Iorque, não suportou a tensão provocada pela cena e sofreu um ataque cardíaco. Em uma outra festa, que reuniu o «grand monde» novaiorquino, a filha do milionário Cornelius Vanderbilt fez sucesso exibindo uma jóia que Dalí lhe deu de presente: um coração de ouro, prêso ao vestido, no peito, que pulsa como se fôsse verdadeiro. De vez em quando, abre-se uma janelinha e de dentro da jóia salta um olho, que se recolhe logo depois. Mas a Europa também conhece as façanhas de Salvador Dalí: em Londres, ele saiu certa vez passeando pelo centro puxando dois cães galgos pela coleira, um escafandro na cabeça e um taco de bilhar na mão esquerda. Convidado para pronunciar uma conferência sobre a arte, o pintor concordou, mas com uma condição: só iria se o deixassem entrar em companhia de seu rinoceronte amestrado. Como a palestra foi cancelada, Dalí não se importou com isso e fundou, em Nova Iorque, uma revista intitulada «O Rinoceronte». Um milionário inglês que não suportava ver os bigodes de Salvador ofereceu-lhe 50 mil libras esterlinas por eles. Mas o artista recusou-se a cortá-los, dizendo que, se o fizesse, perderia as antenas que o ligam ao mundo exterior e que, junto com Gala, sua mulher, lhe dão inspiração para pintar. Mas prometeu vendê-los, algum dia, em um leilão público. Na sua última viagem a Paris, ele decidiu não gastar mais o seu dinheiro com as despesas eventuais de passagens, jantares em restaurantes, ingressos para o teatro, etc. — e foi para a porta das casas de espetáculos pedir esmolas, com um chapéu na mão, enquanto, nas galerias de arte, seus quadros eram postos à venda a Cr\$ 15 ou Cr\$ 20 milhões cada um.







# ÊSTE MENINO MATOU

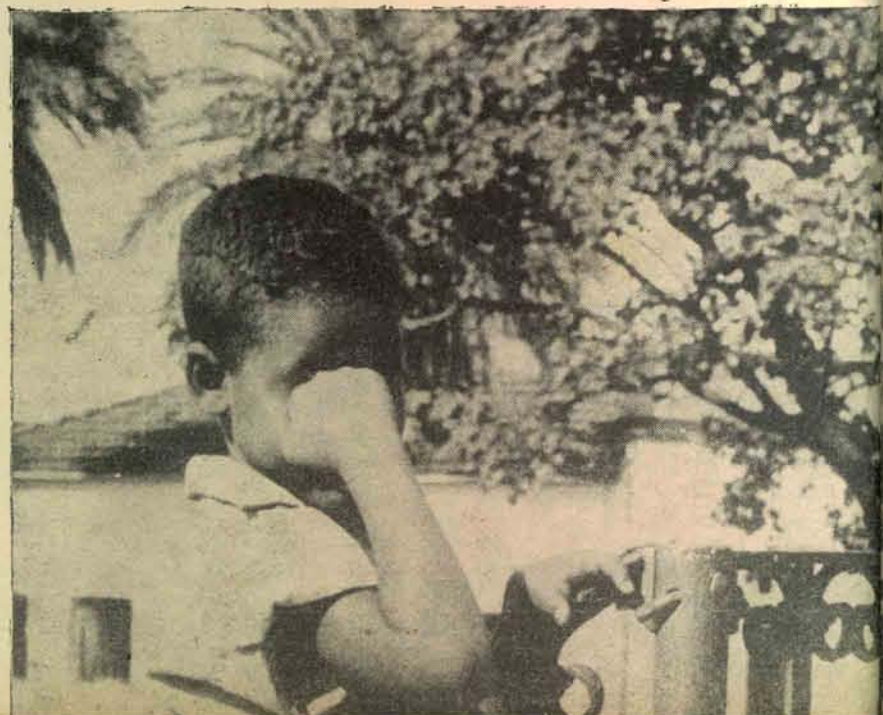
Por não ter amor, um menino matou o outro aos seis anos de idade. Experimentando, uma única vez, a sensação de segurar nas mãos um brinquedo proibido, ele pagou com seu crime a culpa de não ter pais, que o abandonaram, quando nasceu. Cercado por psiquiatras, que decidirão qual será o seu destino, e por uma solidão grande demais para o seu tamanho, ele dá as costas para o mundo, que lhe negou até mesmo um sobrenome e, em troca, ensinou-o a ter medo, e espera passarem as 150 mil horas que lhe devolverão daqui a 12 anos, em 1975, a liberdade que perdeu num momento em que a sentiu mais perto do que nunca.

Reportagem: Dirceu Soares (texto) e  
Euler Cássia (fotos)





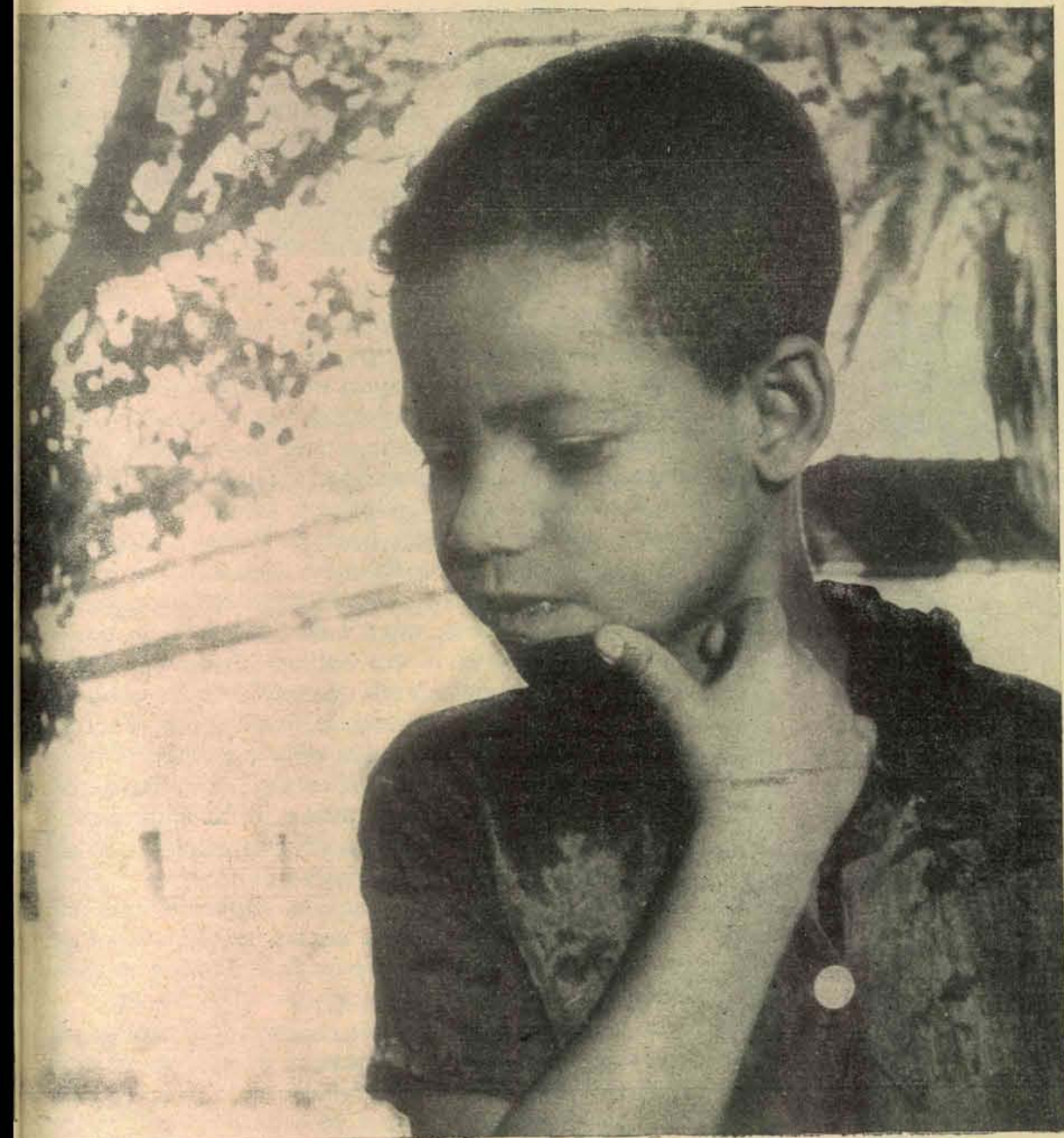
Aos 6 anos, Antônio  
consegue sorrir, sem remorsos:  
mas de vez em quando ele é um  
menino triste, autor de sua  
primeira morte.





**Salinas, 6 hs.**

## **Da Manhã: Hoje Nasceu Um Pequeno Assassino**

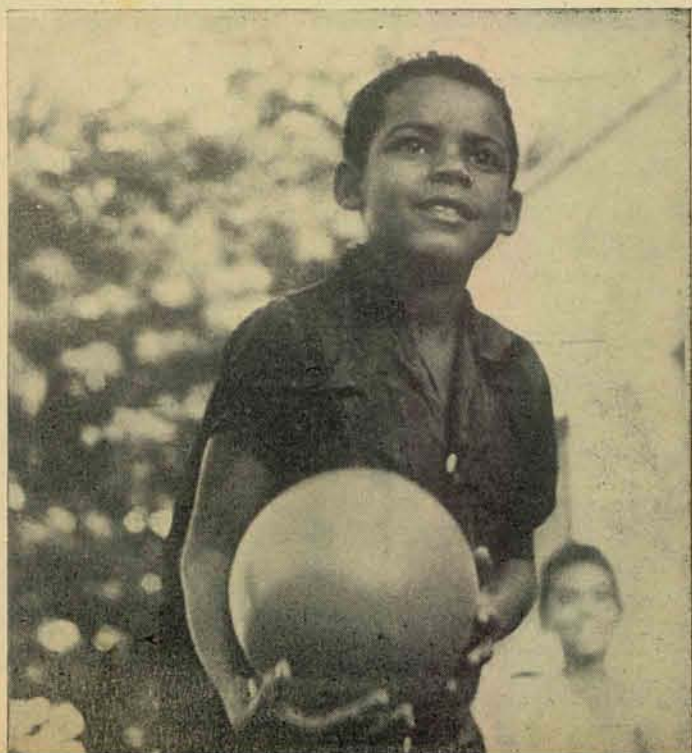


Salinas, seis horas da manhã: pela primeira vez um menino de seis anos acorda com o coração batendo forte. Ele está nervoso, e chega a tremer um pouco. Mas não tem medo, agora que apenas alguns minutos o separam da missão que arquitetou deitado na esteira, onde se sentiu meio homem: perdeu o sono. A casa está em silêncio e ele sabe que precisa tomar cuidado para não acordar ninguém. Se isso acontecer, estará perdido. Da cozinha, que é o seu quarto, vai ao corredor comprido e vê a porta aberta do primeiro cômodo: é o quarto do Velho Leônidas, o dono da casa, onde ele dorme virado para o canto; logo depois, está o quarto do negro Djalma, empregado de Leônidas. E' onde deve penetrar. E rápido. Mais que sempre o tempo passa depressa. O coração do menino bate agora mais depressa ainda: o negro Djalma poderia acordar. Dentro da gaveta, está o objeto que ele procura: uma garrucha de dois canos, carregada. O menino sai depressa e procura, nos fundos do corredor, o quarto dos filhos do Velho. Do lado direito, está o Nô, de 17 anos. Do esquerdo, o Geraldo, de 12. A garrucha quase cai das mãos do menino, que agora sente medo, mas sabe que não pode parar, nem voltar para guardá-la de novo na gaveta: ele chega de mansinho junto à cama de Geraldo, procura o seu rosto entre os cobertores. A garrucha pesa na sua mão, que ainda é muito pequena para manejá-la. O menino encosta o cano na testa de Geraldo, que dorme, exatamente entre os olhos, e faz força no gatilho, toda a força que tem: eis o tiro, o susto e um menino que morre sem saber que morre, levantando-se com um pulo de dor e caindo outra vez. O pequeno assassino é agora um menino satisfeito, porque nunca mais apanhará de seu inimigo. Satisfeito e sem medo, que espera o Delegado chegar para dizer a ele que atirou por querer e que não está arrependido:

— Não gostava do Geraldo e foi por isso que eu matei.



# Aventura De Antônio, Sem Amor E Sobrenome



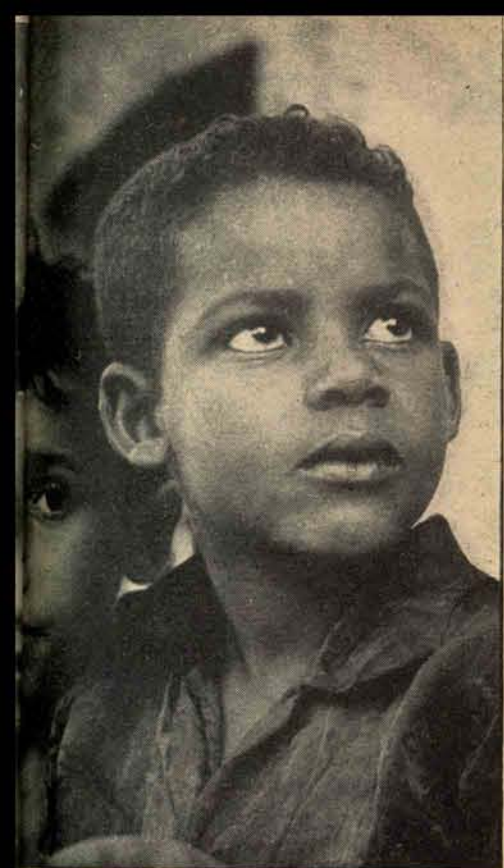
Casas, bois, tropeiros, automóveis, gente: Antônio faz a sua primeira viagem e, da janela do ônibus, vai conhecendo um mundo desconhecido, experimentando pela primeira vez a sensação da velocidade. São dois dias e uma noite na estrada, parando de cidade em cidade: Araçuaí, Virgem da Lapa, Diamantina, Gouveia, Curvelo, Cordisburgo, Paraopeba, Sete Lagoas, Pedro Leopoldo. Quando ele se cansa de olhar a paisagem, conversa com um homem sentado a seu lado, que pergunta por seu caso, quer saber detalhes do passado, como ele vivia em Salinas. Antônio conta que era criado pelo Velho Leônidas, não conhecia seus pais, e não gostava de lá: vivia apanhando do Geraldo, que tinha raiva dele e o surrava por qualquer coisa, punha-o de castigo, prendia-o no quarto. O velho não era pobre, tinha algum dinheiro, mas para Antônio a comida era a pior da casa: arroz com feijão, carne só de vez em quando. Não podia se sentar com os outros na mesa, para almoçar, e tinha que comer no chão, com o prato no colo. Dormia separado de todos, numa esteira da cozinha.

Na véspera do crime, chorou de raiva do Geraldo, porque ele lhe tomou dois pedaços de requeijão, na hora do café. Antônio ficou quieto num canto, sem reagir, e não quis comer mais nada. De noite, começou a pensar nos tiroteios que via sempre perto de casa, e teve vontade de matar seu inimigo. Quase não dormiu: queria esperar o dia, para tirar a garrucha do negro Djalma dentro do seu quarto e vingar-se.

A viagem de Antônio acabou em Lagoa Santa: ele foi para uma escola à beira do lago, no centro da cidade, e conheceu outros meninos. Pela primeira vez, teve medo, quando dormiu num quarto comprido, cheio de camas enfileiradas, com aquela porção de gente que nunca vira antes. Durante 15 dias Antônio viveu uma vida diferente e conheceu os horários: levantar-se, cuidar da horta, almoçar, brincar, jantar, dormir. O melhor de tudo era ficar olhando a lagoa, os barcos, os pescadores, o reflexo do sol na água. Mas não gostava nada da escola, nem dos meninos, nem das professoras. Um dia alguém lhe disse:

— Amanhã você vai para Belo Horizonte.





Antônio não entende bem o que vê à sua frente: casas que acabam no céu, businas tocando sem parar, gente, muita gente enchendo as ruas largas, grandes vitrinas mostrando coisas bonitas, roupas, brinquedos, rádios, tudo diferente de Salinas. Parece até um presente pelo crime: nunca pensou que pudesse existir um lugar assim, tão grande, tão bonito, com tantas coisas para ver ao mesmo tempo. E que bom andar de automóvel, que gostoso sentar-se naquela macieira, depois de uma viagem de ônibus. De repente, o carro pára diante do Centro de Recepção e Observação «Mendes Pimentel».

Lá dentro, ele não conta sua história para ninguém, nem mesmo aos seus amigos, que são Adão Simplicio, um menino que fugiu de casa, e o filho da Diretora, o Marcos: sério, calado, sorrindo pouco e abaixando a cabeça quando ri, Antônio prefere ficar o dia inteiro sozinho, escondido pelos cantos. Mas agora ele se sente melhor do que antes, porque dorme numa cama macia, bebe muito leite — e se lembra sem saudade de Salinas, onde o velho Leônidas só o dava para os outros.

Ele já está acostumado ao horário: às seis horas, se levanta, lava o rosto, escova os dentes e vai ao refeitório tomar café. Cuida da horta, rega o jardim, varre o dormitório e o pátio. Às 11 horas, almoço. Depois, uma hora e meia de recreio, até às 13h30m, quando vai à escola do Centro «Mendes Pimentel», onde assiste às aulas dadas por assistentes sociais e faz outra vez trabalhos leves. Às 17h, toma banho e janta.

Quando os meninos se sentam na sala para ver televisão, ele tem novas revelações, que não o entusiasmam: o nome mágico de Bat Masterson, um herói desconhecido, está na boca de todos os seus companheiros. Rintintin, Jim das Selvas, Os Irmãos Brannagan, o Paladino são outros nomes estranhos para ele, que desfilam na tv enquanto ele cochila sobre a cadeira: em Salinas, Antônio nunca vira cinema nem televisão, e só se interessava pelos tiroteios de verdade, porque perto de sua casa aconteciam muitos crimes de morte.

De dia, os meninos o chamam para uma pedalada no campo ou um mergulho na piscina, mas ele prefere a solidão, porque não sabe nadar, nem

gosta de futebol. Quando brinca, brinca sozinho: de cavalinho de pau, montado num cabo de vassoura. Mas gosta de lutar.

Antônio espera no Centro «Mendes Pimentel» chegar a sua vez de ser examinado por uma equipe de psicólogos, dois assistentes sociais, dois psiquiatras, um médico clínico, um pediatra, um dentista e quatro professores. Eles decidirão o seu destino: embora os infratores do Código Penal sejam remetidos para os reformatórios, o menino deve permanecer internado numa escola de reeducação até os 18 anos, porque seu crime foi cometido com idade muito pequena. O comportamento psicológico de Antônio dirá para onde ele deve ir e que tipo de tratamento terá, quando for transferido do Centro. Por que ele matou? É possível matar aos seis anos de idade? Quais foram as suas reações antes, durante e depois do crime? A equipe de especialistas do Centro «Mendes Pimentel» enfrentará todas estas indagações quando for examinar Antônio e terá que respondê-las para definir as motivações do seu ato e diagnosticar a sua personalidade.

Para o Psiquiatra Joaquim Afonso Moretzsohn, Diretor do Instituto «Raul Soares», de Belo Horizonte, Antônio deve ser analisado em função do ambiente em que passou a infância: o elemento materno não existindo, não existirá também o amor, que educa e prepara a criança. Sem ter conhecido os seus pais, sua evolução moral se processou baseada apenas na experiência própria e na imitação a que estão sujeitos todos os meninos de sua idade. O Dr. Moretzsohn acha que, dentro do quadro clínico da psiquiatria, a possibilidade de uma esquisofrenia terá de ser considerada pela equipe que examinar o menino.

Antônio não sabe que só será livre quando for adulto: até 1975, ele ficará internado numa escola especializada, para ser reeducado e aprender que não se deve matar nunca. Durante 12 anos — 144 meses, 4.380 dias, 105.320 horas — Antônio viverá de horários, levantando-se às seis, almoçando às 11, jantando às 17 e dormindo às 22 horas, aprenderá a ler e a escrever, e, mesmo sem ter um sobrenome, se sentirá mais seguro e perderá o seu medo do mundo.



# AFINAL, QUEM É DONA BEJA?

Caprichosa e cruel, ela dominou na época da Independência. E, para ter um reino, mandou construir um palácio de 16 cômodos, onde recebia como vassalos os homens mais ricos da época, que depositavam fortunas a seus pés em troca de alguns minutos de amor. “Sou bela e faço o que quero”, dizia sempre, certa do poder de sedução de sua pele morena clara, dos cabelos louros da côr de ouro velho e dos olhos verdes como esmeraldas. Por isso impunha aos homens que a procuravam condições que eles não aceitariam de nenhuma outra mulher. Aos 40 anos era ainda uma mulher bela e o segredo de sua beleza, segundo a lenda, eram as águas de Araxá, onde se banhava desde criança. Um de seus prazeres: mandar espancar os amantes.







Reportagem: Carlos Orlando  
Desenhos: Jarbas Juarez



# Uma História De Amor, Com Um Rosto E Um Crime Feito À Noite



«Beja-flor» — o mineiro nunca pronuncia beija-flor — foi o apelido que João Alves pôs em sua neta, uma menina muito viva, inteligente, de cabelos da cor de ouro velho, que gostava de brincar nos jardins e de colher flores. D. Beja — ou, para os íntimos, Beja — foi o apelido que a fama consagrou.

D. Beja, ou Ana Jacinta de São José, como consta no registro, era filha natural de Maria Alves de São José e de pai desconhecido. Nasceu em Formiga Grande (hoje Formiga) no segundo dia de janeiro de 1800. Desgostosa e inconformada com o segredo que a filha guardava — Maria Alves nunca revelou o nome do amante —, D. Nhanhá, a avó, morreu poucos dias depois, pedindo ao marido que perdoasse a filha desonrada. João Alves perdoou. Mas cinco anos depois, dizendo-se «vencido, desonrado e viúvo», mudou-se para São Domingos do Araxá, onde comprou uma fazenda, levando a filha e a neta. Maria, mãe de D. Beja, que desde o seu nascimento estava sempre triste, viveu mais oito anos, morrendo de pneumonia.

Em 1813 João Alves mudou-se com a neta para um sobrado na Rua da Raia, em Araxá, vendendo a fazenda. A menina conservava os mesmos cabelos da cor de ouro velho e tinha olhos muito verdes. Era uma beleza comentada por todos no arraial. O avô queria casá-la aos 15 anos e cuidara da sua educação: ela não sabia ler porque «mulher para ser virtuosa tinha de ser analfabeta», mas sabia costurar, bordar e fazer renda desde os 10 anos.

A lenda de D. Beja começou com a viagem do Ouvidor Joaquim Inácio Silveira da Mota ao arraial de Araxá, em 1815. Ele era Corregedor do Reino e Desembargador de Sua Alteza Real D. João, Príncipe Regente, além de seu companheiro de infância e protegido. Era uma visita oficial e houve um banquete servido pelas moças do arraial. Impressionado com a beleza de Beja, o Ouvidor tentou o flerte e foi correspondido. À noite, no baile, só dançou com ela. No dia seguinte viajou, deixando em Araxá cinco escravos com uma ordem: deviam roubar Beja







quando escurecesse. À noite, quando todo o arraial dormia, entraram na casa de Beja, com a desculpa de que deviam dar um recado ao avô. Mataram-no a facadas e raptaram a môça vestida como estava — com roupa de dormir — tampando-lhe a bôca para que não gritasse. Seis dias depois, doente e disposta a resistir, Beja chegou à casa do Ouvidor Mota, em Paracatu. No começo nem quis vê-lo, mas oito dias depois compreendeu que, cedendo, a vida ficaria melhor.

Transformada em primeira dama do Sertão Grande — Triângulo Mineiro de hoje —, levava uma vida opulenta: seus vestidos vinham da Côrte, os sapatos deixavam as mulheres invejosas e participava das viagens oficiais. Era aceita pela sociedade como mulher casada e muito procurada para obter favores do Ouvidor. Em Araxá, João Alves, encontrado morto, foi enterrado como herói assassinado em defesa do lar.

Com alguns meses os requintes da etiqueta não tinham mais segredos para ela, que só não aprendeu a ler. As manhas foram-lhe ensinadas pelo vigário, Padre Joaquim de Melo Franco, fazendeiro rico e politiqueiro. Até o riso ferino do padre passou para os lábios de D. Beja, que aprendeu ainda as trapaças políticas e os golpes de mágica da vida social. Muito caprichosa, passou a mandar no Ouvidor e tornou-se temida na região. E a fortuna começou a crescer: numa canastra de couro, guardava nove litros de ouro em pó, 30 barras de ouro cunhado, jóias e diamantes. «O ouro compra tudo, até a honra», dissera-lhe certa vez o padre. Mas era caridosa com os pobres.

O Ouvidor Mota ficou em dificuldades com o processo aberto para apurar a sua responsabilidade na morte de João Alves e no rapto da môça. A região do Sertão Grande pertencia à Província de Goiás e o governador era seu inimigo pessoal. D. Beja sugeriu a êle que intercedesse junto a D. Pedro I, no Rio, para transferir a região para a Província de Minas Gerais, dizendo que as-



# Morte E Glória De Quem Foi A Feiticeira Do Araxá



sim ficaria livre do processo. O Ouvidor conseguiu a mudança, e Minas ganhou uma área de 94.500 metros quadrados.

D. Beja ficou dois anos com o Ouvidor Mota. Depois se cansou dele. Mota queria ir para o Rio porque D. João VI já era rei e seria fácil conseguir promoção. Mas não desejava levá-la, primeiro porque considerava a corte muito debochada, e também porque temia que D. Pedro conquistasse a sua amante.

Os dois se separaram depois de uma briga e D. Beja voltou para Araxá, levando todo o ouro, as jóias e as escravas. Explicou: «Vou-me embora porque me enjoei do Mota, porque sou livre e porque não sou escrava de nenhuma corôa».

«D. Beja voltou, rica e mais bonita do que nunca», diziam todos em Araxá. No princípio ela morou na casa do avô. Depois mandou construir um palácio — quando era criança teve um sonho: um dia seria dona de um palácio muito bonito, de fazer inveja a todos. A casa tinha dois pavimentos, oito sacadas de frente no superior e cinco no inferior, três portas — uma para cada escada de 13 degraus —, 16 cômodos e dormitório de escravos separado. O chão, de tábuas de bálsamo, era coberto de tapetes estrangeiros. No salão de visitas havia um lustre de cristal da Boêmia. O mobiliário foi dado de presente pelo Ouvidor Mota e as cortinas vieram de Lisboa. Os móveis e a cama eram de jacarandá e os talheres de prata.

No Palácio D. Beja começou nova vida: cobrava 200 mil réis só para ser vista de roupa por um freguês. Para dormir o preço variava muito, conforme a cara. Geralmente recebia presentes: ouro, diamantes, jóias. Só recebia quem queria e cobrando caro, ao contrário das três outras mulheres de Araxá — Chiquinha da Serra, Josefa Pereira e Siá-Boa — que recebiam qualquer pessoa, inclusive mestiços, odiados por D. Beja, cobrando cinco mil réis. E sua casa era ponto de reunião de gente importante, como o vigário, Padre Aranha, o juiz de direito, o boticário e os escrivães. Tinha ainda uma chácara, onde

servia vinho estrangeiro ou licores.

O prestígio de D. Beja provocava inveja nas concorrentes. Um dia recebeu de Chiquinha da Serra um presente: um cêsto com estrume. Em resposta mandou-lhe outro cêsto, mas com flores. Chiquinha, ainda, anunciou outra vez que iria à missa com um vestido muito melhor do que os de D. Beja. Apareceu com um vestido amarelo com aplicações de veludo preto, de mau gosto. No domingo seguinte D. Beja foi à Igreja acompanhada por duas escravas que usavam vestidos idênticos ao de Chiquinha.

Antônio Sampaio, o namorado que D. Beja teve aos dez anos, quando freqüentava o catecismo, procurou-a um dia e os dois descobriram que o antigo amor não morrera. Tornaram-se amantes e Antônio tinha o direito de dormir com ela uma vez por semana. Quando D. Beja ficou grávida, em 1919, o amante quis casar, pois pensava que era o pai. Foi recusado. «Acho que a ligação de um casal como quer a Igreja é bastante pesada e incompreensível. Não sou mulher para obedecer. Ninguém quer espôsa para ser desobedecido. Sou nova, é verdade, mas o que eu tenho sofrido me fez aborrecer do casamento», justificou D. Beja. A família do rapaz, preocupada com o romance, mandou-o para Nossa Senhora da Conceição, onde se casou com uma moça feia chamada Júlia.

Quando D. Beja teve a filha, Tereza, não quis amamentá-la, porque «o aleitamento esgota muito e deforma bastante». Logo depois, sem se incomodar com o casamento de Antônio, arranhou novo amante, João Carneiro de Mendonça, rapaz formado em Coimbra e descendente de Borba Gato. Como Antônio, João visitava-a uma vez por semana, isso durante dois anos. Em 1922, ano da Independência, D. Beja estava novamente grávida e a filha se chamou Joana de Deus de São José.

Era costume de D. Beja banhar-se na Fonte da Jumenta, cuja água era boa para a saúde. Ia todas as manhãs com um escravo. Uma vez dois pretos deram-lhe uma surra com rabo de tatu quando cavalgava para lá.





D. Beja ficou de cama 15 dias e não deixou que o delegado abrisse inquérito. Pensava que as mandantes tinham sido suas rivais. Um mês depois soube por uma escrava que fora Antônio Sampaio o responsável. Voltou a ser sua amante apesar disso, e mais tarde contratou um escravo para matá-lo. O assassino foi sem sorte e não conseguiu fugir. Na prisão confessou que recebera 50 mil réis de D. Beja, o que ela negou, afirmando que nem conhecia o negro. Só por insistência sua foi levada ao tribunal, pois as autoridades eram a seu favor. Funcionou como promotor o seu ex-amante João Carneiro, que só faltou pedir sua absolvição. Por falta de provas, não foi condenada e, para evitar novo processo, também o preto foi libertado. Para comemorar a decisão do juri D. Beja deu uma festa em sua casa e depois, com a escrava Severina, sua confidente, riu satisfeita. Estava vingada.

D. Beja nunca gostou de pretos e de mestiços. Gente de cor não podia entrar em sua casa, a não ser os escravos. Quando tinha 11 anos viu o avô bater num escravo até correr sangue e, sorrindo, pedia para bater mais, «pois preto tem é de apanhar». Era sádica também com os amantes. Às vezes combinava um encontro em seu palácio, recebia o visitante e saía dizendo que ia arrumar-se noutra quarto. Mais tarde mandava Severina avisá-lo de que estava indisposta. Ria satisfeita: «Sou bela, faço o que quero». Aos 40 anos era ainda bonita mas não recebia homens em sua casa. Foi procurada por um moço de São João Del Rei que queria conhecê-la.

Depois de muita relutância concordou em recebê-lo. Gostou do rapaz e chegou a confessar a Severina que seria capaz até de se casar. Ficou combinado que às 9 horas da noite se encontrariam no palácio. Já no quarto de dormir, beijou-o e disse que tirasse a roupa e deitasse que não demoraria. Meia hora depois entraram dois escravos e surraram o rapaz, que ficou caído, sangrando. Então ela reapareceu, beijando-o na boca e nas feridas. Mas o rapaz, abatido e apavorado, desapareceu ainda nu.

Pessoas que vinham de uma serenata viram-no correndo e espalharam que D. Beja estava meio louca.

Tôdas as noites, em sua chácara, D. Beja recebia os amigos para um bate-papo. Gostava de dançar — «quem não sabe dançar não sabe andar», dizia — e de tocar violão cantando modinhas como «Umbuzeiro», Último Soluço e Despedida, ainda hoje lembradas em Araxá. Já tinha casado as duas filhas quando num dia de 1836 chamou o Padre Aranha para dizer que ia mudar de vida. «Aí fora pensam que todos da minha roda são meus amantes, o que não é verdade. Tenho duas pessoas em mim: a que estima sem interesse e a que finge estimar por interesse. Não sou boa, sou má, e creio que já é tempo de mudar minha maneira de viver».

Quando completou 40 anos era muito bonita. Um dia confessou aos amigos que ia mudar para Bagagem. Era muito estimada em Araxá pois popularizara as águas do arraial. Diziam que era linda porque se banhava nelas desde pequena. A Fonte da Jumenta já tinha o seu nome. Poucos dias antes de partir recebeu um político famoso, Teófilo Otoni. Em companhia de Severina, Flaviana e Moisés, seus três escravos, e levando todo o ouro e as jóias seguiu para Bagagem, onde morava sua filha Joana.

Bagagem era terra de garimpo e em 1853 foi encontrado um diamante de 254 quilates, o quinto do mundo em tamanho e o primeiro da América: depois da lapidação foi reduzido a 125 quilates e adquirido pelo Rajá de Baroda por 2 milhões e 850 mil francos. D. Beja também passou a se interessar pelo garimpo, mas não teve muita sorte. Mesmo assim justificava a aventura dizendo que esperança é essencial para qualquer pessoa. Tornou-se caridosa, dando grande parte da fortuna aos pobres e à Igreja. Aos 70 anos, pouco tempo antes de morrer, fez o testamento, deixando tudo o que tinha para as filhas e netas. Seu último desejo: ser enterrada em um barerê, caixão usado para sepultar os pobres.

C. O.



**TODO  
MUNDO  
LÊ  
AGORA  
A NOVA**

**alterosa — E VOCÊ?**

Alterosa agora está muito melhor, mais moderna, dinâmica e oferecendo muito mais leitura. Repare como a matéria está variada observe como está mais fácil de ler, e como há assunto para todos os gostos, escritos com simplicidade. Não deixe para amanhã! Assine hoje mesmo a nova revista Alterosa. Você vai gostar!

À Soc. Editôra Alterosa Ltda. — Cxa. Postal 279 — BH — MG  
Segue junto a importância de Cr\$ 700,00 correspondente a assinatura de ALTEROSA por 1 ano.

NOME: \_\_\_\_\_

CIDADE: \_\_\_\_\_ ESTADO: \_\_\_\_\_

ENDEREÇO: \_\_\_\_\_

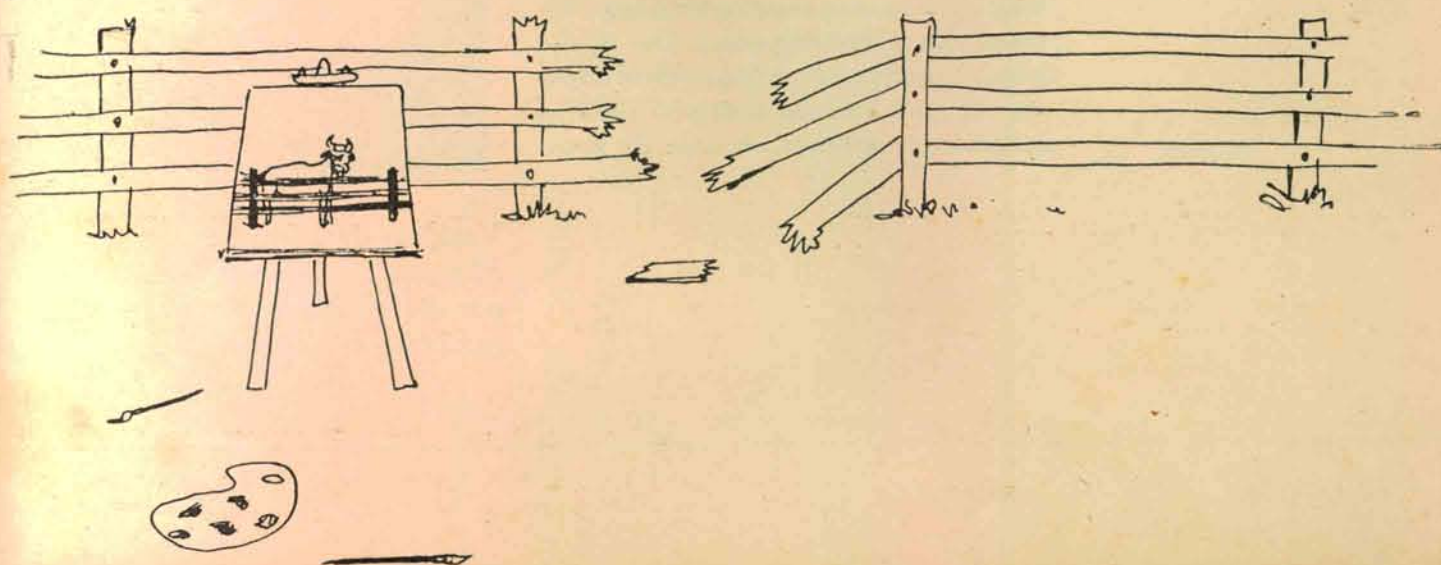
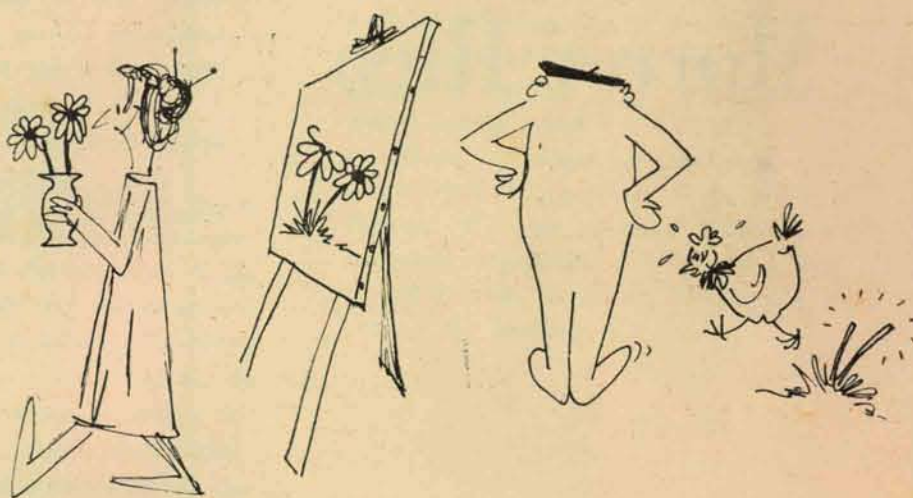
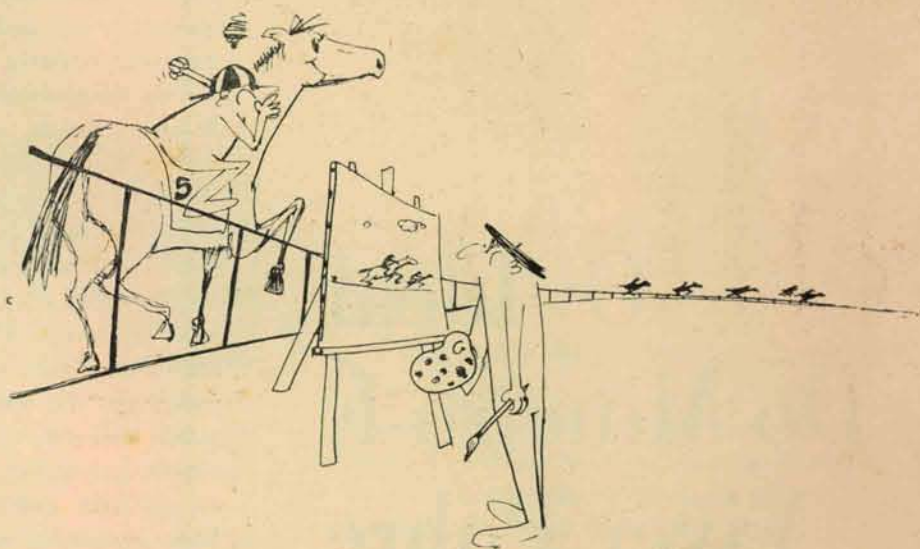




# AS AMARGAS, NÃO

(16 páginas para rir e divertir)

Henfil  
O Pintor





# OTTO LARA RESENDE

## O Ideal Do Mineiro É Viver Pobre Para Morrer Rico

MEU COMPADRE, mineirão de quatro costados, fica quieto no seu canto, matutando, e de repente sai-se com uma pergunta das mais insólitas. Já perguntou a um padre se ele se lembrava do nome daquela môça que está cantando no «Catacombe». No «Catacombe»! A uma pianista, numa pausa entre Mozart e Bach, indagou se tinha conhecimento do montante dos depósitos do Banco da Província do Rio Grande do Sul, segundo o último balancete. A uma solteirona conspícua e letrada, perguntou se tinha visto no último «Time» a notícia de um antibiótico para a cura da febre puerperal. De um diretor do Ipase, discorrendo sobre os problemas da assistência social, quis saber, abruptamente, se gosta de leite quentinho, tirado na hora. Meu compadre tem mugidos de curral na alma nostálgica. Mas outro dia, na nossa roda estava uma senhora inglesa que há quinze anos se converteu ao catolicismo. Aproveitando o primeiro silêncio que se abriu na conversa, meu compadre vira-se para a dama e a interroga com o seu vozeirão:

— E a senhora está gostando da Igreja Católica?

Foi a pergunta mais adequada e oportuna que já fez em tôda a sua vida.

DE UMA CONVERSA vadia com Vinícius de Moraes, extraio o seu boletim médico atual. O poeta não tem dúvida de que goza de mais saúde hoje do que aos 20 ou aos 30 anos. Ameaçado de fazer 50 anos em outubro próximo, Vinícius nunca teve enxaqueca. Dor de cabeça, raríssimo; só quando sofreu alguma infecção. Passado cirúrgico: tirou as amígdalas e apêndice. A crise de apen-



Vinícius de Moraes:  
50 anos, 30 cigarros  
por dia e uma  
saúde de adolescente.



AFONSO PENA Júnior garante que os mineiros, a princípio, não eram desconfiados. Eram só espertos. Vivendo juntos, com o tempo acabaram desconfiadíssimos...

dicite apanhou-o na Madeira, de volta da Europa. Gripa-se no máximo duas vezes por ano. Há anos, teve um torcicolo. Há muito tempo desconhece ter sol e outras aporrinhações. Defende-se de dores musculares com vitamina B-1. Homem de bom-gosto, não é achacado de flatulência. Controla a fome e só come quando quer, fora de horários. Acorde tarde, e em geral só se deita depois que o sol se levanta. Dorme sete horas, sem apêlo a pílulas. Sonha pouquíssimo e esquece o que sonha. Nunca soube o que é uma dor de ouvido, mas outrora sofreu de dor de dentes. Foi muito vagotônico e curou seus distúrbios neuro-vegetativos por um processo de violentação (o poeta é meio metido a médico). Usa óculos (esverdeados): astigmatismo de uma vista e miopia das duas. Tomou um susto uma vez em Paris, quando a vista caiu de repente e ele pensou que era a cegueira. Faz um check-up anual na Clínica São Vicente. Quando o fígado incha, procura controlar a bebida — uísque, mais nacional do que escocês, puro com gelo, ou com pouca água. Vez por outra, uma cervejinha. 75 quilos, faz regime para emagrecer — uma semana na base de frutas e alimentos sem proteína. Fuma trinta cigarros por dia, mas não tem bronquite. Não toma aspirina. Como medicamento de manutenção, toma Litrison. Não tem temores noturnos, nem sabe o que é suor frio. Quando desconfia que a saúde não vai bem, telefona a Clementino Fraga Filho, como antigamente telefonava a Pedro Nava. Ressaca, suportável. Se se agrava, por excessos condenáveis, fica na cama telefonando (com longos silêncios) ou lendo velhos autores. De preferência Rimbaud, que talvez ainda venha a ser seu parceiro num sambinha bossa-nova: «Oisive jeunesse/ À tout asservie/ Par délicatesse/ J'ai perdu ma vie.» Para tristezas eventuais do cotidiano, recorre ao doce convívio humano. Se, apesar de tudo, apesar da boa saúde física e mental, cai na depressão — «na fossa», como ele diz — o jeito é agüentar a mão, não se entregar, e cantar, porque a fossa é efêmera e só o amor constrói para a eternidade.

POR FALAR em mineiro (eu também sou, modéstia à parte), Guimarães Rosa me dizia, há tempos, no Itamarati, que todo mundo pensa que dinheiro é para comprar coisas. E só os mineiros sabemos que as coisas é que são para fazer dinheiro. A propósito, o Governador Magalhães Pinto ouviu dizer em Arcos e eu ouvi dizer em São João del Rei que o ideal do mineiro é viver pobre para morrer rico.

Se o dito é verdadeiro, banco, em Minas, não é mau negócio.

NO SEU ROMANCE «A Barca dos Homens», Autran Dourado cita aquela palavra de Santa Catarina de Sena, que eu, pecador, andei consoladoramente passando a outros pecadores (inclusive o Autran): «Não te conto o que fiz de Judas para que não abuses de minha misericórdia». Outro dia, conversando com um amigo de coração simples, ouvi dele uma espécie de versão brasileira e popular dessa palavra de Santa Catarina.

Olhe — dizia-me — tenho certeza de que o Inferno não existe. Certeza absoluta. — E depois, baixando a voz: — Mas não espalha não, pra evitar certas bandalheiras...

NELSON RODRIGUES, referindo-se ao jovem e sábio José Guilherme Merquior, escreveu que ele, como Confúcio (!), nasceu velho e calçado. Relendo, no mesmo dia, a tradução de «O Capote», de Gogol, feita por Vinícius para a Editôra do Autor, encontro o seguinte trecho sobre o pungente Akaki Akakiêvitch: «Lá estava ele sempre no mesmo pôsto, na mesma atitude, ocupado com o mesmo trabalho de expedidor, e isso a tal ponto que se foi criando aos poucos a noção de que teria vindo ao mundo já homem feito, de uniforme, e com o crânio pelado».

Duas coincidências razoáveis: a de Akakiêvitch Merquior e a de Gogol e Nelson. E uma terceira coincidência realmente espantosa: a leitura, por mim, no mesmo dia, da novela de Gogol e da crônica de Rodrigues.

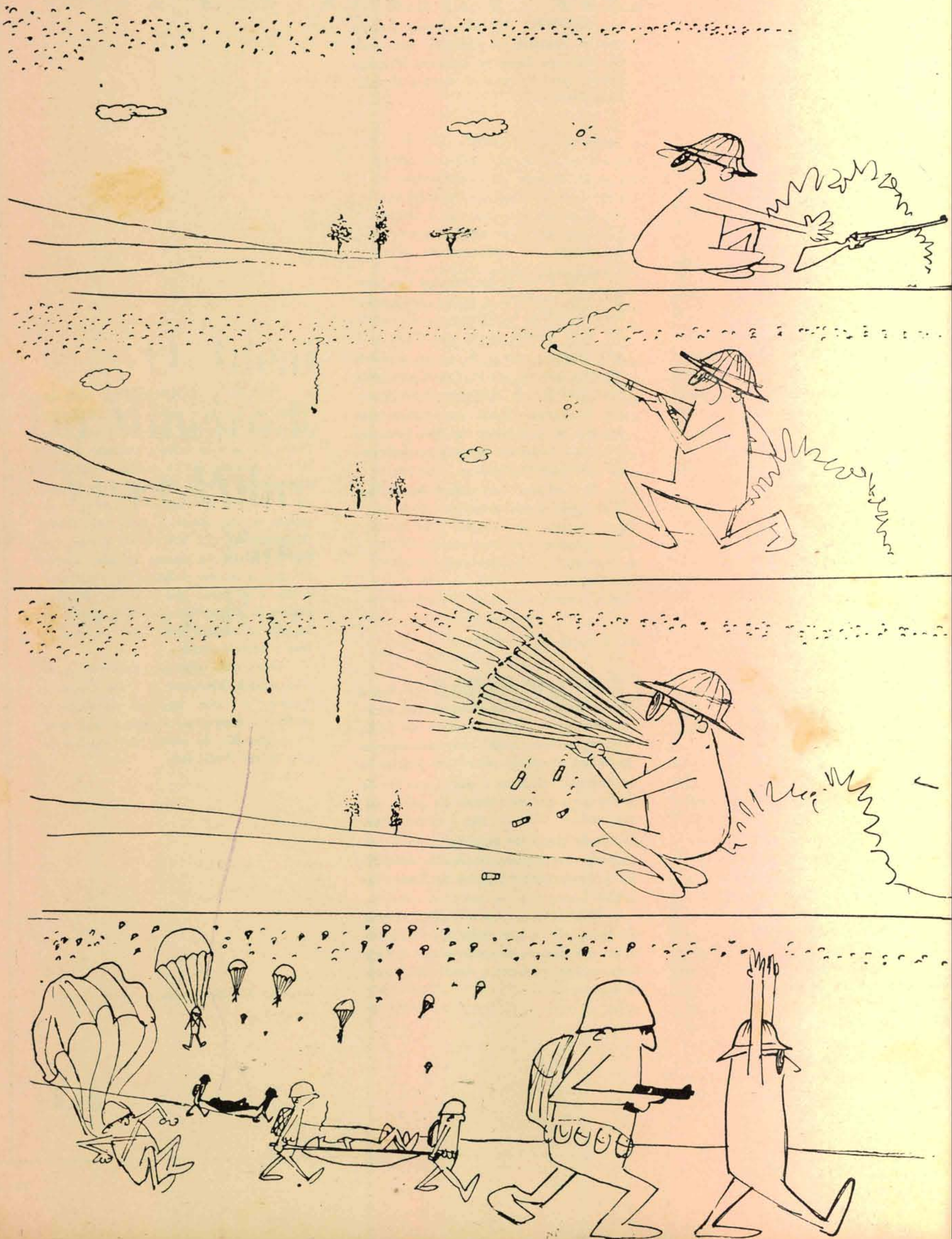
NO MAIS, o mineiro sorri da desventura.

O.L.R.



Hentil

# O CAÇADOR MÍOPE





# BUENO DE RIVERA

## *Em Três Temas Temerários*

### Lá...

Lá,  
naquele reino de meu Deus,  
onde a infância não finda,  
lá,  
onde o tempo parou na eternidade,  
lá te esperarei ou estarás  
à minha espera.

Lá,  
de onde viemos e para onde  
regressaremos no fim,  
lá te esperarei ou esperarás  
por mim.

Lá,  
naquela paz de claridade  
que os cosmonautas não viram  
com seus olhos ateus,  
lá  
seremos um na eternidade.

Se eu fôr primeiro  
construirei a nossa casa, amor,  
colorida de nuvens e de luas.  
Rosas, muitas rosas nas janelas,  
como gostas, brancas e amarelas.  
Quando se anunciar a tua vinda,  
reunirei os santos em congresso.  
Convidarei o câro dos arcanjos  
para cantar na festa que darei  
no teu regresso.

Mas, se fôres antes  
para o país da grande madrugada,  
eu sei que cuidarás  
para que nada me falte na chegada:  
enfeitarás de lírios nosso quarto,  
prepararás depressa um banho morno  
para esta alma cansada,  
e arranjarás a mesa, ao invés de pão  
a hóstia, ao invés de vinho  
o orvalho.

Assim, cuidarás do meu espírito  
como cuidas agora do meu corpo  
quando volto  
do trabalho.

### O Cão e o Homem

O homem é visto pelo cão  
como um animal imaturo  
que não descansa nunca em quatro patas  
mesmo estando bêbedo.

O cão sabe que todo o homem  
é um louco de boa memória  
que não consegue esquecer  
o ontem, o antes e o acontecer.

Por isso, o cão compadece-se  
dêle e o acompanha e o consola.

E dá ao homem todo êsse afeto  
como uma esmola.

### Dois Bilhões

Ó João Evangelista dos abismos  
rompei o sêlo, derramai as trevas!

Eis chegado o fim: os gafanhotos,  
escorpiões do céu, estão pejados  
e trovejam as suas asas de relâmpagos.

Aí estão os sinais, ó João. As Pragas  
e os males do Dragão se multiplicam.  
O Príncipe dêste Mundo está contente  
pois, aos seus pés, relinham e se espojam  
dois bilhões de bēstas!

Dois bilhões  
que adoram reverentes os Foguetes  
e a Santa Bomba!

Dois bilhões  
que perderam a alegria de dizer:  
meu Deus!



# Xisto No Espaço

## Os Mistérios Do Cosmos

Lá se foi o foguete rumo ao Espaço! No primeiro segundo, subiu cinco metros; no seguinte, quinze; no terceiro, cinquenta, e assim por diante. A rápida e crescente aceleração provocou em Bruzo uma terrível sensação de esmagamento. O peso de ambos tivera um aumento aparente de ...trezentos quilos cada um!

— Tudo bem, conseguiu Xisto dizer em código, ainda que em voz ofegante, no microfone instalado perto da boca. Três minutos depois, um alto e profundo suspiro se fez ouvir: o primeiro estágio do foguete terminara a sua combustão e desprendera-se, caindo em direção à Terra. Um novo impacto sacudiu os astronautas: o segundo estágio começara a funcionar automaticamente. Foram tremendos aqueles três minutos! O pulso de Xisto acelerou-se, e, todo crispado, ele sentiu que a vista se lhe escurecia. Estava prestes a ter uma síncope! Seu peso agora aumentara... setecentos quilos!... Afundado no colchão, Bruzo, Barão de Rutília, curtiu em silêncio o mais pavoroso dos medos. A astronave fôra lançada de oeste para leste, a fim de aproveitar a direção e a velocidade de rotação da Terra. Pelo periscopio com espelho orientável, Xisto, mesmo perturbado como estava, via do leito o seu Planeta se distanciando, redondo e solto no Espaço, rodeado por uma cinta alaranjada, depois azul pálido e, em seguida, azul forte.

(Quão longe já se achavam Malukowsky, Van-Van e sua gente!) Um minuto após, surgiu a face escura do céu feêricamente constelado de estrêlas que, devido à falta de atmosfera, ainda mais claras se tornavam.

Subitamente cessou o ronco dos motores. A nave abandonara o segundo estágio. Fêz-se um silêncio total, e tudo ficou leve... leve... As duas barreiras do calor e da gravidade tinham sido vencidas: a primeira, provocada pelo atrito do ar, graças ao material isolante que Van-Van empregara na construção do aparelho; a segunda, devido ao poderoso combustível utilizado, e que conseguira impulsionar os foguetes. O envoltório aéreo que rodeava esta, passara gradativamente de atmosfera para espaço sideral. Os dois amigos não mais sentiam o próprio peso, e tiveram a sen-

sação de que seus leitos se afrouxavam como se houvessem caído num imenso poço sem fundo... Apertando um simples botão, os cintos que os atavam às camas se desprenderam, e eles saíram para fora. Que horror!... Não conseguiram «tomar pé»!

Xisto e Bruzo flutuavam no ar, em posições inteiramente ridículas! Boiando, virado ao contrário, o Barão de Rutília parecia estar «plantando bananeira»... Que situação... Quando Xisto tentava estender os braços para a frente, via-se projetado para trás. Foi uma luta até que os dois amigos conseguissem agarrar as alças que haviam nas paredes da cabina, para servirem de ponto de apoio. Felizmente a parte interna da astronave era inteiramente acolchoada, a fim de evitar que movimentos bruscos provocassem choques e ferimentos.

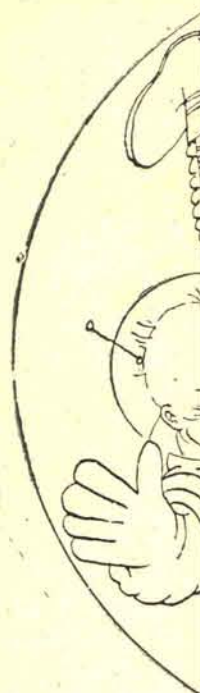
Van-Van tivera a boa idéia de munir os calçados dos astronautas de ferraduras fortemente imantadas, as quais, atraídas pelo piso metálico, permitiam que eles pudessem andar sobre os pés e não sobre a... cabeça.

Aos poucos, os astronautas foram se acostumando com a imponderabilidade. Xisto e Bruzo ou melhor, o Barão de Rutília, transformaram os leitos em poltronas, desembaraçando-se em seguida dos escafandros interplanetários.

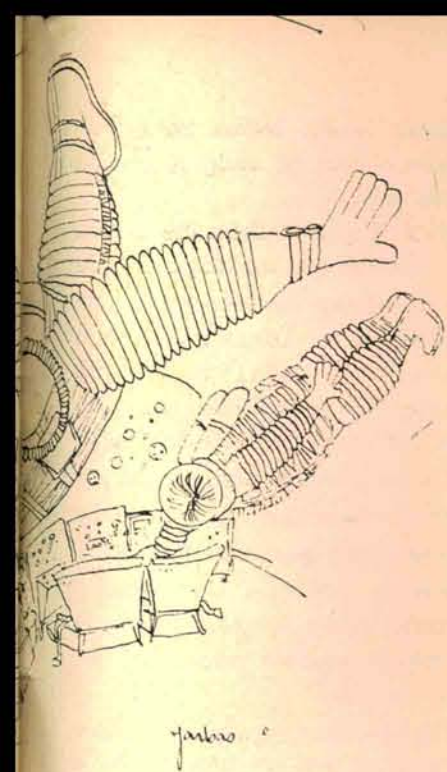
As algas e as instalações automáticas condicionavam o ar e o calor dentro do navio, reconstituindo artificialmente, por assim dizer, a atmosfera e a temperatura da Terra. E lá ia a nave — agora mais lentamente — rumando em direção a Minos. Dias... meses... um ano... dois... sabia-se lá quanto tempo iria durar a louca aventura! Súbito Rutília olhou para o companheiro e deu um grito: os cabelos de seu amigo, num segundo, haviam se tornado alvos como neve!

— Tre... Tre... Tre... Tre...  
Mi... Mi... Mi... Mi... Nhó...  
Nhó... Nhó... Nhó... gaguejou Bruzo, pedindo o calmante.

Absorto em seus pensamentos, Xisto não percebeu o que acontecera consigo mesmo, e nem escutou o ruído característico do contador Geiger que oscilava, acusando a presença de radioatividade.







fazia-o pressentir que Xisto já estava a caminho de Minos.

E assim, dentro da nave espacial, iam se passando os dias e as noites. Dias e noites? Não: o Tempo, apenas, pois das vigias da cabina, Bruzo e Xisto viam as duas coisas, simultaneamente. De um lado, o céu profundamente negro, pontilhado de estrelas; do outro, uma espantosa festa de luzes e de cores, tudo variando de acordo com a posição da astronave em relação ao Sol. Rutília cuidava das algas, da alimentação, do conforto seu e de Xisto, enquanto este passava quase todo o tempo fazendo cálculos e examinando uma carta estelar preparada por Van-Van, onde estava registrada a posição de Minos, em relação à Terra, os planetas Nívea, Orbis e a um planetóide de baixa gravitação conhecido por Grunus.

— E se déssemos um pequeno passeio no vácuo? perguntou subitamente Xisto a seu amigo.

— No vácuo? Fora da nave? E' boa, essa!

— Sim, fora da nave. Vistamos nossa roupa espacial.

Rutília concordou, emocionado, e, como Xisto, munuiu-se da aparelhagem suplementar necessária: uma pequena garrafa de oxigênio; um farolete, para ser utilizado, caso necessário, na parte não iluminada pelo Sol; uma pistola pneumática, que permitisse a seu dono deslocar-se no vácuo, fora do satélite, utilizando-se da força de reação produzida pelos tiros. Como já foi dito, Van-Van forrara a roupa dos cosmonautas de chapas metálicas isolantes contra radiações, e, além disso, fizera-as onduladas e flexíveis nas articulações para facilitar os movimentos. Com os motores parados, a astronave dava a impressão de continuar sempre no mesmo lugar, se bem que continuasse em movimento uniforme. A porta blindada foi aberta, e Rutília e Xisto saíram, ficando soltos no Espaço, boiando no vácuo...

— Ó Barão, disse êle. Que sambinha é êsse que você está solfejando aí? Teleco-teco, ou Bossa-Nova?

Ao olhar para Bruzo, entretanto, viu que a cabeleira dêle embranquecera subitamente e compreendeu tudo.

— Céus! Ficamos... radioativos!... Estamos atravessando as terríveis faixas de Van Allen! exclamou êle, excitadíssimo.

— Treminhol, depressa! berrou o Barão, descontrolado.

— Ponhamos, rápido, os escafandros, a fim de nos protegermos contra a radioatividade! ordenou Xisto, enfiando depressa um comprimido calmante na boca de Rutília, e vestindo o traje espacial. O contador cessou de oscilar pouco depois.

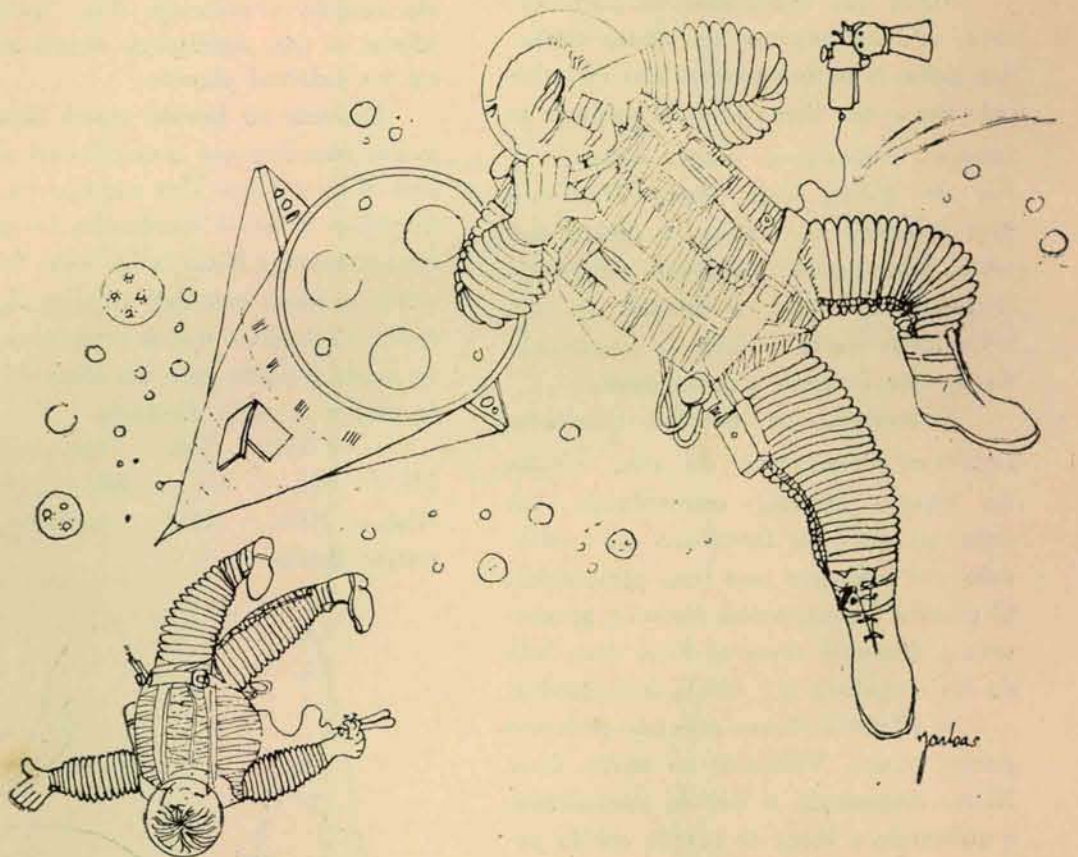
— Passou o perigo, disse Xisto, aliviado, libertando-se do escafandro. Mas como estamos ridículos assim com cara de bebês e essa cabeleira branca... Cinco minutos depois, o contador Geiger começou a funcionar novamente.

— Outra nuvem carregada de estrôncio — 90, meu Deus! comentou Xisto. Tratava-se apenas de um resto da faixa radioativa que se desgarrara, e passou logo. Uma coisa esquisita aconteceu, entretanto: os cabelos dos astronautas inexplicavelmente haviam voltado à cor natural. Deveria ter sido muito forte aquela primeira concentração de estrôncio — 90, pois uma pequena parte dela conseguira atravessar as paredes isolantes do navio cósmico.

A um canto, sobre um recipiente de água estagnada, flutuavam as algas. Xisto provou-as e fez cara feia: tinham gosto de feijão cru... Entretanto, deveria acostumar-se a elas, pois seriam seu único alimento, depois que terminasse o estoque de caldos e comprimidos de pastéis de queijo, que trouxera da Terra.

Os cosmonautas conversavam sempre em código, pois...

Longe no Espaço, num planeta dominado pela maldade, RUTUS, O QUE NÃO TEM SANGUE, de ouvidos alertas e olhos fechados para maior concentração, tentava captar os sinais de radar provenientes do Cosmos... da Terra, especialmente... Os sons, agora indecifráveis, confundiam-se em seus tímpanos, irritando-o a ponto de ter convulsões de cólera. Seu poderoso instinto, entretanto,





# Mistérios

## Do Cosmos

Talvez tenha sido essa a mais profunda sensação que Xisto experimentara em toda a sua vida! Estava em pleno Infinito, na Eternidade, por assim dizer, como se fôsse, êle próprio, um asteróide! Um pequeno astro vivo, sujeito à fragilidade do corpo físico, um átomo infinitesimal no Espaço ilimitado...

Protegidos pela roupa espacial, êles não sentiam a poeira radioativa e nem a chuva de partículas de hidrogênio, hélio, cálcio, sódio e titânio que caía sobre êles.

Ainda que «vagando» na parte escura, estavam sujeitos aos danos causados pelos raios infra-vermelhos emitidos pelo Sol, e que lhes poderiam queimar as retinas, cegando-os para sempre. A fim de evitar êsse risco, Van-Van lhes colocara na viseira, à altura dos olhos, uma espécie de óculos polaróides cruzados, nos quais a rotação de uma lente sobre outra reduzia a quantidade de luz que passava através delas.

Meteoritos, ou estrelas candentes riscavam o negrume do céu, vindas do espaço sideral, emprestando um «não sei que» de fantástico ao espetáculo, que lembrava uma festa pirotécnica. O planeta Nívea, muito distante, aumentava e diminuía como se fôsse uma bola de luz, regulada por célula foto-elétrica.

— E' maravilhoso, mas não podemos perder tempo. Voltemos ao navio, disse Xisto, disparando a pistola pneumática, e utilizando a força de reação obtida pelo tiro para ser impulsionado até a nave, no que foi imitado por Rutília.

Prosseguia a viagem normalmente, sempre em direção a Minos (tão longe ainda) e Xisto, saudoso de sua gente e do Planeta em que nascera, chegou à conclusão de que o momento era oportuno para se comunicar diretamente com êles. Pelo telescópio eletrônico tentou focalizar a Terra distante, e apenas viu um minúsculo pontinho do tamanho de uma cabeça de alfinete. Teria êle tempo de chegar até Rutus, antes da invasão dos minositas? Pelos cálculos que fizera, a

Terra ainda não saíra de seu eixo, mas o desvio ia se acentuando gradativamente, ainda que de modo lento.

Decidido a proporcionar aos amigos terrestres uma imagem de Rutília e dêle na astronave, Xisto preparou o rádio-transmissor, fêz os contactos e focalizou o «ôlho eletrônico» da câmara de televisão de modo a que êste captasse e retransmitisse à Terra uma visão geral do interior da cabina. Xisto estava distraído com essas providências quando sentiu um pequeno puxão, seguido de outros, sacudindo a astronave. Que seria?

— E' boa essa! exclamou Rutília, já pensando no Treminhol.

Com surpresa e horror, êles perceberam então que a astronave, sempre orientada em linha reta para Minos, mudara de rota e estava sendo dirigida para outro rumo. Teria o diabólico Rutus descoberto o pequeno navio perdido no espaço? Estaria êle porventura tentando interromper-lhe a viagem? E se fôsse tudo um estratagemma?

A hipótese, ainda que possível, era pouco provável, pois o próprio Rutus havia exigido a presença dêle, Xisto, em Minos, o que significava desejá-lo vivo em seu infernal planeta.

Deveria ter havido algum desarranjo nos foguetes que comandavam a direção. Dito e feito. Um enguiço na parte mecânica os havia inutilizado. Os puxões continuavam, e Xisto, aflitíssimo, foi consultar o mapa espacial, verificando pelo radar e telemetro que a cosmonave estava sendo dirigida para um planetóide que já estava a curta distância.

— Tre... Tre... Tre... Tre...  
Mi... Mi... Mi... Mi... Nhó...  
Nhó... Nhó... Nhó... começou a gaguejar Bruzo.

— Calma, Barão! Numa hora dessas é que conto com os amigos, tornou Xisto suando frio.

A verdade é que também êle estava apavorado. Felizmente os foguetes de desaceleração continuavam intactos, o que lhe permitia pousar na esfera negra, cujo tamanho aumentava cada vez mais, à proporção que a cosmonave dela se aproximava. Os motores entraram em ação no sentido oposto ao da atração do pequeno planeta, diminuindo a velocidade da nave, permitindo que esta planasse e pousasse sem a violência do impacto. Xisto não tinha outra solução. Mas que espécie de mundo iria êle encontrar? Seria habitado ou não?

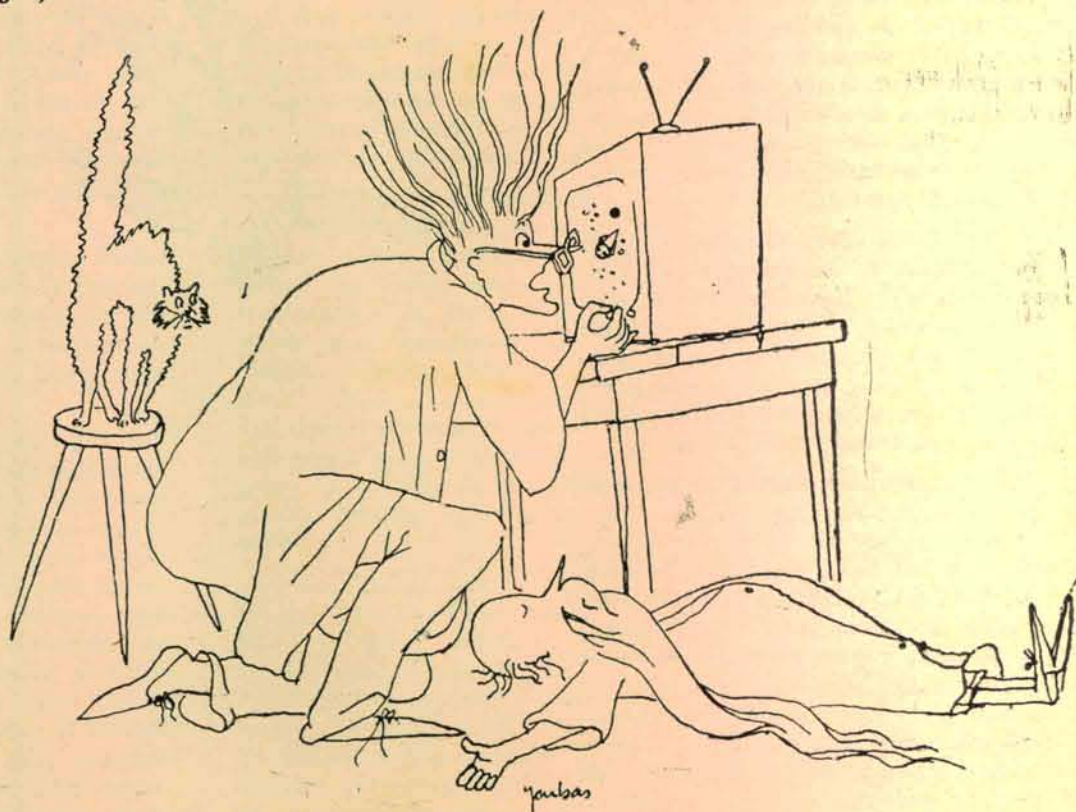
— Vistamos nossa roupa pressurizada, Bruzo, disse êle em tom grave, e enfrentemos o que der e vier. Só Deus nos poderá ajudar.

Diante dos imprevistos, Xisto se esquecera de que o «ôlho eletrônico» da televisão, sintonizado para a Terra, captara os dramáticos acontecimentos que acabavam de suceder, inclusive a aparição do planeta escuro, reproduzido no espelho orientável do periscópio instalado no interior da nave. Malukowsky, em sinal de aflição, havia feito um propósito diante de si mesmo: até que Xisto voltasse à terra, não mais cortaria os cabelos. E êstes (que já lhe chegavam até a cintura) se levantaram como a cauda aberta de um pavão em torno da cabeça, quando êle viu na tela de televisão o que sucedera a Xisto.

— Enclausurados em Grunus, o merencório e caliginoso planeta! exclamou Van-Van. E, mais uma vez... caiu duro no chão.

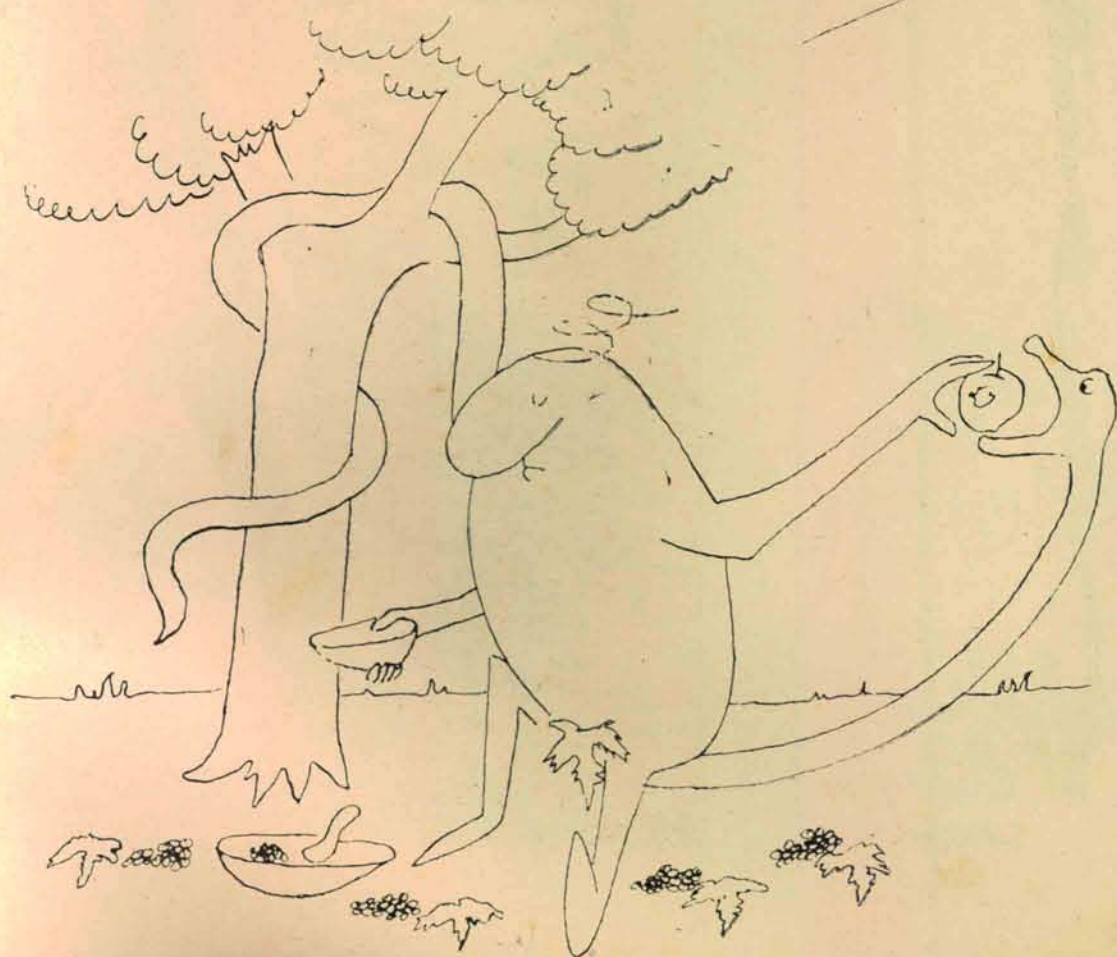
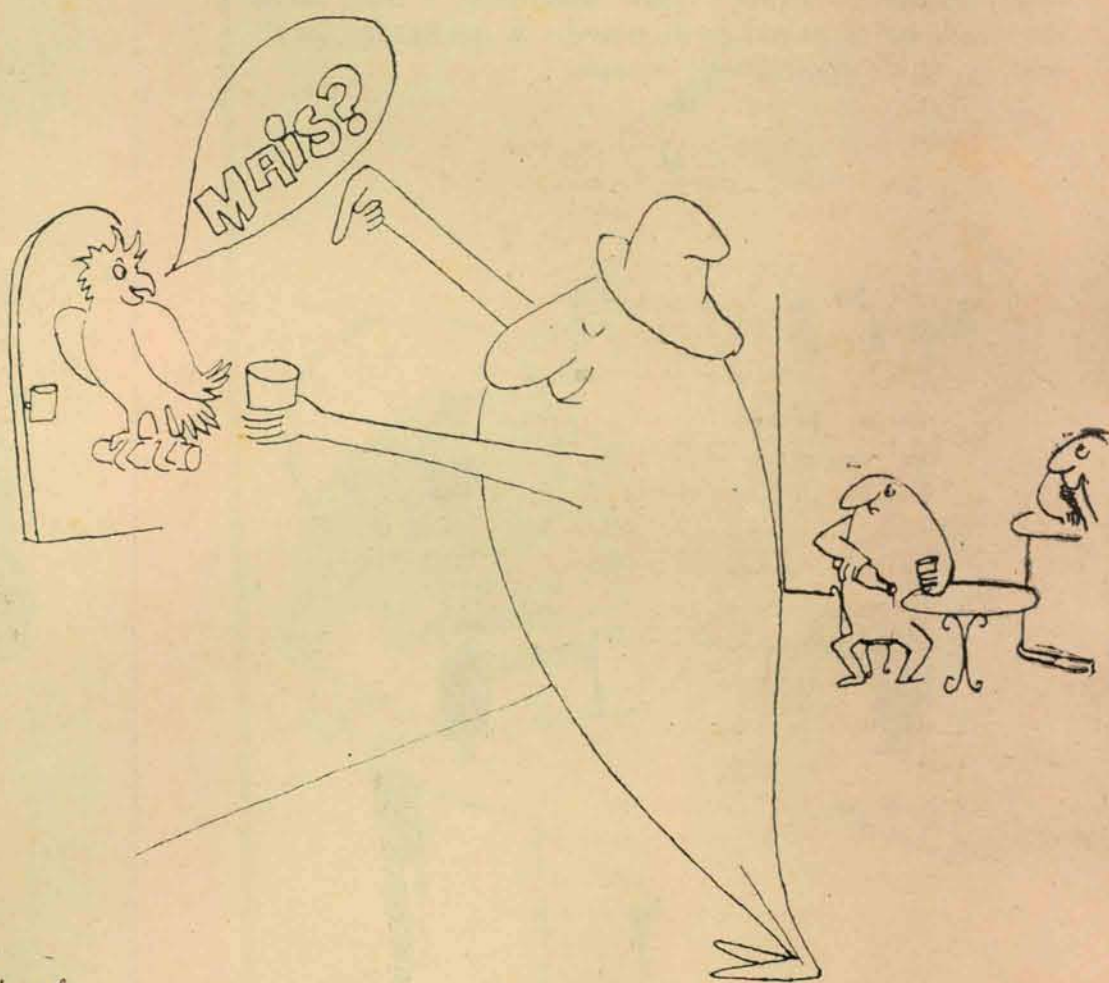
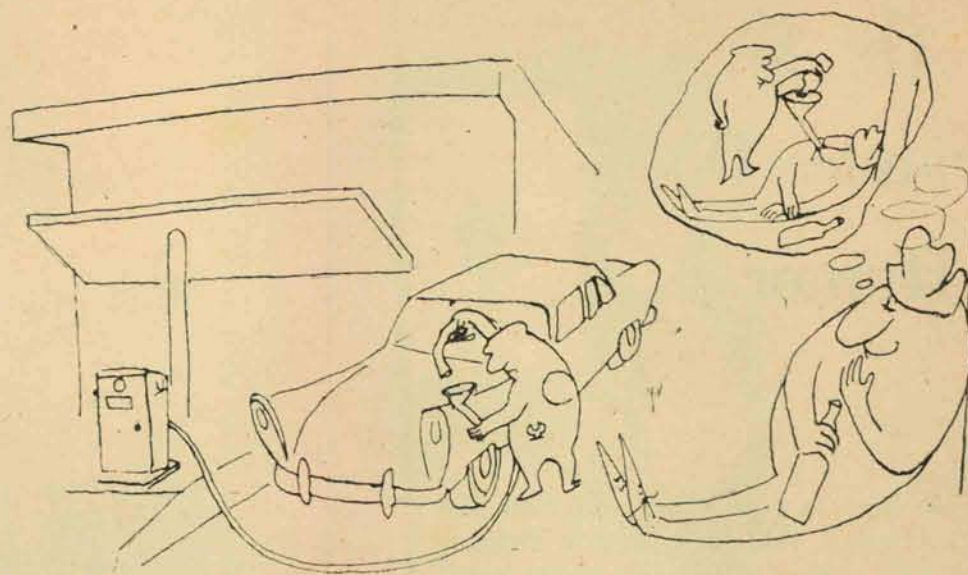
Próximo capítulo: No Planeta Negro.

L.M.A.





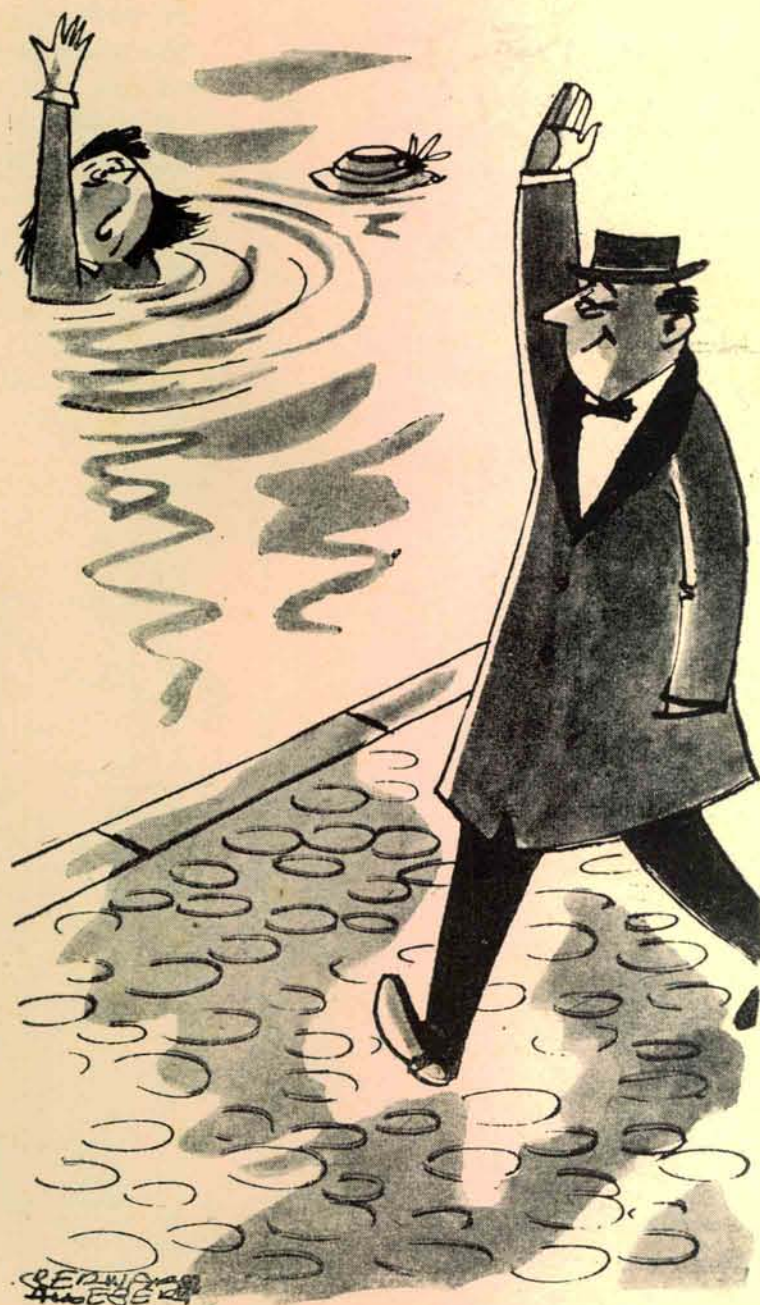
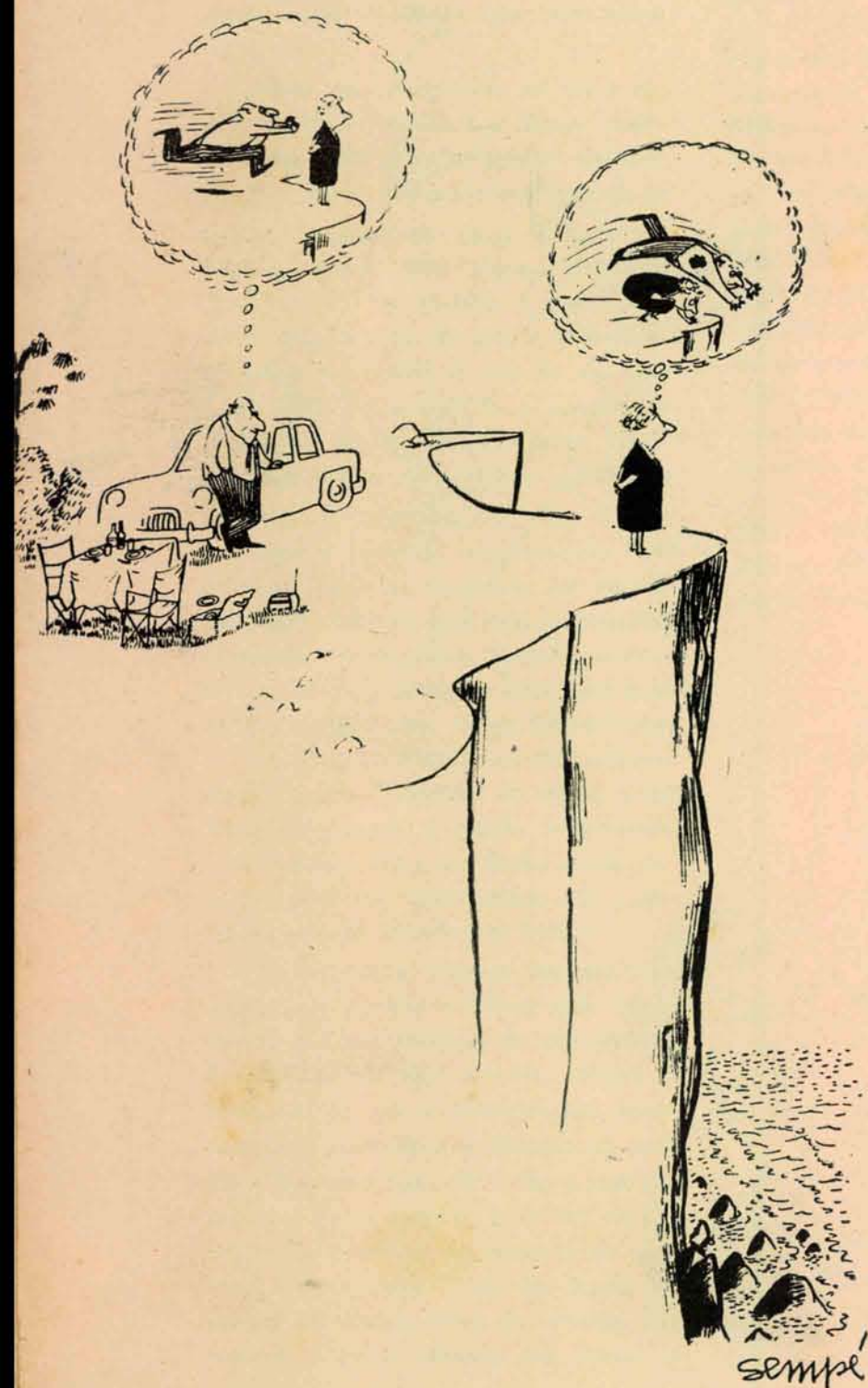
parbas  
**BÊBAO**



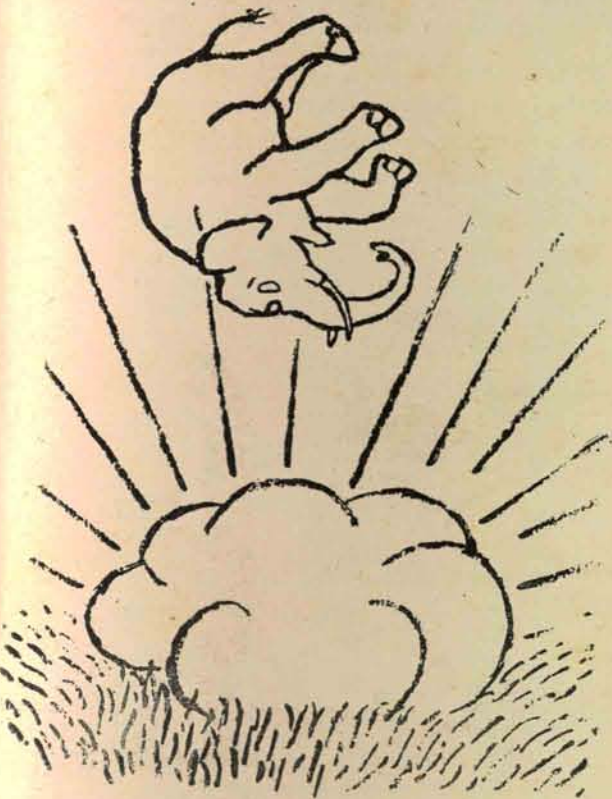
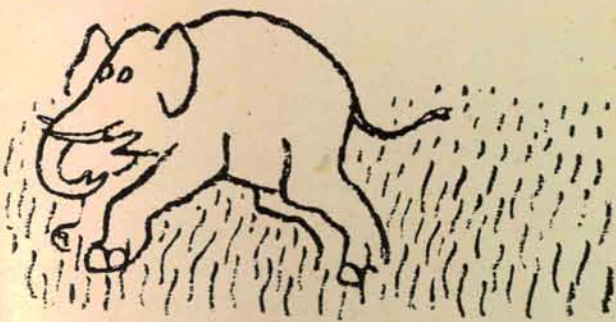
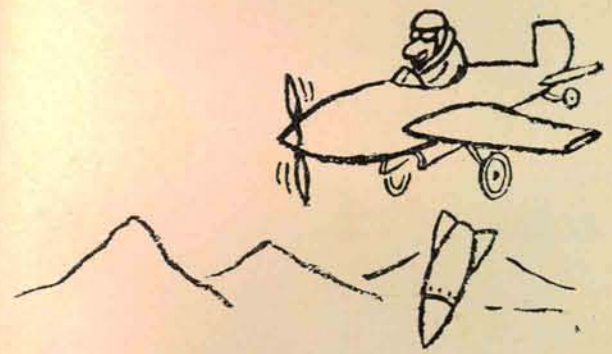


# Os 4 Grandes Do Humor

As fraquezas do homem e os azares da vida são as matérias-primas que Sempé, Aldebert, Bosc e Faizant usam para ter sucesso num gênero difícil mas muito apreciado: o humor negro. Divertindo ou irritando — porque nem sempre o homem gosta de ver ridicularizadas as suas fraquezas — eles conseguiram formar um público fiel, primeiro na França, onde trabalham, e mais tarde em quase todos os países do mundo. E ganharam um título: os quatro grandes do humor.



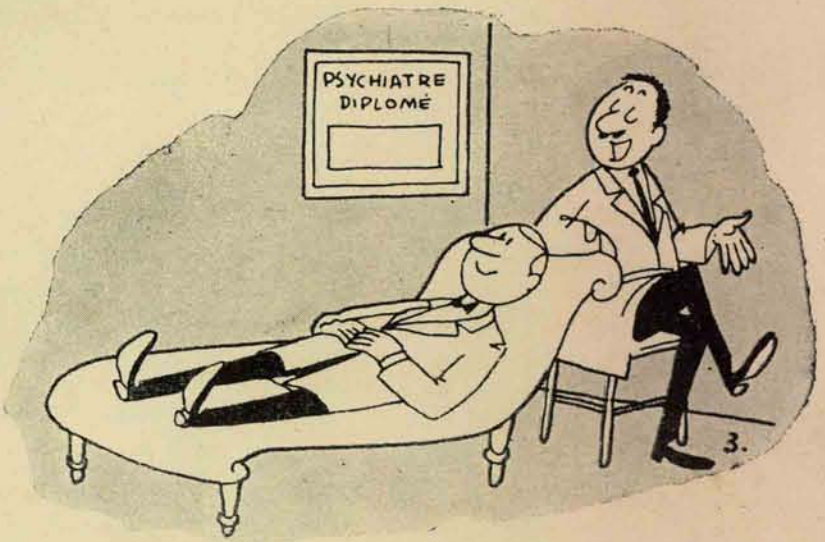




BOSC



2.



3.



4.



JACQUES FRÉZANT



# IVAN ÂNGELO

## a terrível manobra amável

Alguém está querendo me enganar. Não sei ainda com que objetivos, mas alguém, com atenção meticulosa, procura me levar a um erro cujas consequências são imprevisíveis. Ainda ontem, recebi um telefonema amável, divertido, bem humorado, de um inimigo antigo, como se nada houvesse acontecido. Amável. Então as pessoas são amáveis? Não, não são. Que diabo!, sei que não são! Tenho provas em contrário, provas!, evidências como Irochima e Nagasáqui, apesar de os últimos acontecimentos afirmarem o contrário.

Há dois dias, percebi um sinal significativo e definitivo: diante de um elevador lotado, no qual só cabia mais uma pessoa, um sujeito com uma pasta cedeu-me gentilmente o lugar. E ainda sorriu, fez mesuras, caprichando no cumprimento da missão. Porque só com ordens superiores uma pessoa cede o lugar para outra no elevador. Alguém manobra nas sombras para me convencer de que as pessoas são amáveis.

Os sinais se multiplicam e não sei precisar quando, exatamente, começou a manobra. Há um mês, talvez. Chegando dos Estados Unidos, cansado, assediado pelos repórteres, ainda no aeroporto, o ministro San Thiago fez uma pausa, abertamente uma pausa, olhou-me e sorriu, como que me tranquilizando, como se dissesse: não se preocupe, as coisas vão indo. Amável.

A coisa pode ter começado antes; não tenho dados para verificar; êsse, que me lembre, é o mais antigo. Mas tenho notado coisas. Nas estradas, viajando à noite, os caminhões milagrosamente baixam a luz quando cruzam comigo. Nas esquinas, motoristas cedem-me a preferência. E sorriem. As oficinas fazem pequenos serviços surpreendentemente de graça. Isso, no setor automóvel. Mas a manobra incompreensível em que me envolvem estendê-se a todos os setores.

Um número surpreendente de pessoas me cumprimenta na rua, com amáveis acenos. Mulheres, antes tão esquivas, sorriem transitáveis. Mesmo alguns meninos, seres incorruptíveis, me cumprimentam cúmplices: ei môço. Eu, diante do mistério, empalideço. Tenho a fina sensação de que alguém vai me pedir, de um jeito inescapável, algum sacrifício pela humanidade. E o argumento será: veja como são amáveis, isso não te comove?

Talvez a coisa tenha começado num âmbito mais geral, e há mais tempo. Talvez a retirada dos foguetes de Cuba já fôsse um sinal, talvez a visita de Adjubei ao Papa se constituísse num dos pontos básicos da manobra, talvez as críticas (amáveis) que fizeram ao meu primeiro livro já fizessem parte desse mecanismo, talvez a renúncia de Jânio estivesse dentro dos planos, talvez até o bicampeonato mundial de futebol constasse do quadro geral da manobra. Nada, nesse terreno, é hipótese; e nenhuma hipótese é absurda. Pois que se joga com elementos impalpáveis, com fatores apenas sensíveis à imaginação. E' absolutamente impossível provar que a manobra existe, e inútil é negá-la.

Não há a quem recorrer. Reclamar o quê?, se são amáveis, se não é crime ser amável? Reclamar, por exemplo, que uma senhora na feira orientou minha compra — não se deve comprar xuxus espinhentos e aos quiabos convém quebrar-lhes a pontinha, para ver se estão bem macios — sob o olhar até divertido do verdureiro? Ir ao DOPS e me queixar de um sujeito que me abraçou na rua, dizendo: muito boa aquela sua crônica da ternura sem pra quem — posso? Xingar o colunista social que me chama de poeta, quando não sou poeta nem soçaite? Cuspir na cara da senhora que me pede desculpas demoradas por um ligeiro encontrão, do qual a culpa foi minha? Bater no gerente bancário que me dispensa os juros de mora? Reclamar do Correio, que me traz as cartas necessárias e me dispensa das outras? Esculhambar o garçom, que limpa com eficiência o cinzeiro e traz chope gelado com uma precisão de relógio suíço? Fazer cara feia para o velhinho que, à simples pergunta de onde fica tal lugar assim-assim, me leva, capengando, até lá? A manobra é inescapável.

Mas a evidência principal desse abuso geral de amabilidade é o amor que me fizeram amar. Não se ganha um amor assim impunemente. Ninguém é contemplado com um prêmio excessivo sem que lhe peçam algo. De um momento para outro, talvez mesmo em nome desse amor, um ser terrível saltará das trevas na minha frente e exigirá o sacrifício. Aguardo, entre inquieto e feliz.



compram de tudo em tôda parte...



# CHEQUES DE VIAGEM

Esteja você onde estiver, o seu Cheque de Viagem do Banco Nacional de Minas Gerais poderá comprar praticamente tudo o que você queira. Postos de gasolina, lojas comerciais, hotéis, empresas de transportes, aceitarão prontamente o seu Cheque de Viagem, porque sabem que este vale, como papel-moeda. Qualquer agência do Banco troca-o sem nenhuma despesa ou dificuldade. O resultado é a sua segurança: Você viaja com "dinheiro no bolso" sem qualquer risco de roubo, porque o seu Cheque de Viagem só vale com sua assinatura.



\* garantidos pelo

**BANCO NACIONAL**  
DE MINAS GERAIS S. A.



